

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RAYSSA CYNTIA BARACHO LOPES

FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA: SIGNIFICAÇÕES
ATRIBUÍDAS A ATIVIDADE PEDAGÓGICA

MOSSORÓ - RN

2018

RAYSSA CYNTHIA BARACHO LOPES

**FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA: SENTIDOS E
SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A ATIVIDADE DOCENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na linha de pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, como requisito para obtenção do título de mestre.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Silvia Maria Costa Barbosa.

MOSSORÓ - RN

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

L864f LOPES, RAYSSA CYNTIA BARACHO
FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE
HISTÓRIA: SIGNIFICAÇÕES ATRIBUÍDAS A ATIVIDADE
PEDAGÓGICA. / RAYSSA CYNTIA BARACHO LOPES. -
MOSSORÓ, 2018.

113p.

Orientador(a): Profa. Dra. SILVIA MARIA COSTA
BARBOSA.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Programa de Pós-Graduação em Educação. I.
BARBOSA, SILVIA MARIA COSTA. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

RAYSSA CYNTHIA BARACHO LOPES

FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA: SIGNIFICAÇÕES
ATRIBUÍDAS A ATIVIDADE PEDAGÓGICA

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Silvia Maria Costa Barbosa

Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Costa Barbosa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Verônica Maria de Araújo Pontes

Prof.^a Dr.^a Verônica Maria de Araújo Pontes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Antônia Batista Marques

Prof.^a Dr.^a Antonia Batista Marques
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

A Deus, em especial, por tornar real o meu sonho e iluminar a minha caminhada. Aos meus pais, a eles dedico a minha vida, o que hoje sou. A meu companheiro de vida. Ao pequeno Davi e sua mãe. A minha orientadora, por conceder e confiar a mim a proposta dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora Aparecida, pelo consentimento deste momento, foi ela que junto ao seu filho determinou e abençoou a minha trajetória até aqui.

À minha família, em especial aos meus pais, pessoas que me enchem os olhos e o coração nesse momento, são eles os responsáveis pela minha inspiração, força e determinação, eu não chegaria até aqui sem o apoio e confiança a mim dedicados. Ao meu companheiro, que sempre me impulsionou a ir além, por sua compreensão e torcida.

À Andrezza, que desde sempre ansiava comigo a concretização desse sonho, ao pequeno Davi que me traz luz nesta caminhada. A Azaias pelo incentivo e expectativa sempre depositado, a Canindé, que mesmo distante, sonha comigo a realização desse trabalho. E a todos os parentes e amigos que fizeram parte desse processo, com palavras de ânimo que alegam o meu percurso.

Às minhas amigas Sheyla e Andrielly que me fizeram acreditar na realidade desse sonho. Aos amigos dessa caminhada, na pessoa de Evânio, Evandro e Luzimara, com eles partilho conhecimento, sonhos e expectativas.

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela responsabilidade da garantia da minha formação inicial. Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, pela contribuição à minha formação inicial docente. À Instituição de Ensino em que trabalho, pelo seu apoio e confiança creditados na minha qualificação profissional.

À minha orientadora, Silvia Maria Costa Barbosa pela oportunidade, confiança e compreensão no desenvolvimento desse trabalho, obrigada pela partilha, atenção e carinho. A Júlio Ribeiro Soares, pelo profissional e humano que tenho a oportunidade de conviver, por todos os ensinamentos, obrigada.

A todos os integrantes do GEPES, Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Subjetividade, aos mestrandos que colaboraram com este grupo e também com o meu trabalho. Às professoras Antônia Batista Marques e Elza Helena da Silva Costa Barbosa pela valiosa contribuição ao longo desta caminhada.

À Viação Nordeste que de forma peculiar, com seus atrasos, partidas e chegadas, transporta os meus sonhos, angústias, aflições e conduz-me à concretização desse projeto entre Natal e Mossoró.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram com a realização deste trabalho.

Eu sei, se aqui cheguei, se conquistei o que eu queria
Cheguei, porque teimei, porque apostei na travessia
Não fiz tudo que eu quis, mas sou feliz, não fui perfeito
Errei, mas eu tentei fazer direito.

[...]

Pra ser alguém a gente tem que se guardar
Tem que se doar e ser leal, e ser fiel
E não mentir, e não fingir
E se eu errei, errei tentando fazer direito.

Silvia Brito, *alma pura*.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apreender os sentidos e significados atribuídos pelo professor de História acerca de sua atividade docente nas séries finais do Ensino Fundamental. Nas últimas décadas, o tema da Formação Docente tem sido bastante discutido entre as academias e espaços escolares, porém, no tocante à formação continuada, este ainda é um tema que traz importantes reflexões acerca da atividade docente. Respondemos à questão norteadora: quais os sentidos e significados atribuídos pelo professor de História acerca de sua atividade pedagógica? Trata-se de um trabalho desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa cujo referencial teórico-metodológico utilizado foi a Psicologia Sócio-Histórica e do materialismo histórico-dialético e as contribuições de Vigotski (2003, 2008). Estabelecemos como categorias a serem discutidas neste trabalho: historicidade, atividade, mediação, sentidos e significados. Esta pesquisa foi realizada com um sujeito, professor de História dos anos finais do Ensino Fundamental da rede Estadual na cidade do Natal, Rio Grande do Norte. Assim, utilizamos a entrevista do tipo semi-estruturada, na modalidade recorrente para a produção das informações. Em consonância com os pressupostos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica, foi escolhida a Estratégia de Análise dos Núcleos de Significação, apresentada por Aguiar e Ozella (2006, 2013), e, posteriormente, reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015) como instrumento de análise das significações. Sistematizamos dois núcleos de significações como via de aproximação às zonas de sentidos que configuram o sujeito desta pesquisa no processo de desenvolvimento da atividade pedagógica: 1. Ser professor de História; 2. A vivência pedagógica e o reconhecimento de suas dificuldades e limitações. Inferimos que o professor José se constitui na articulação entre subjetividade e objetividade, nos indica o seu sentido de ser professor da disciplina de História, sendo caracterizado a partir da sua relação com o mundo objetivo. Consideramos José e suas particularidades, que muito embora seja um sujeito é dotado da capacidade de representar o universal, os seus pares, assim significando a totalidade em processo de idas e vindas, em constante movimento.

Palavras-chave: Psicologia Sócio-Histórica. Formação continuada do Professor de História.Sentidos e Significados.

ABSTRACT

This research aims at apprehending the meanings and meanings attributed by the History teacher about his teaching activity in the final grades of Elementary School. In the last decades, the theme of Teacher Training has been much discussed among academies and school spaces, but in relation to continuing education, this is still a theme that brings important reflections about teaching activity. We answer the guiding question: what are the meanings and meanings attributed by the history teacher about his pedagogical activity? It is a work developed through qualitative research whose theoretical-methodological reference was Socio-Historical Psychology and historical-dialectical materialism and the contributions of Vigotski (2003, 2008). We establish as categories to be discussed in this work: historicity, activity, mediation, meanings and meanings. This research was carried out with a subject, professor of History of the final years of Elementary School of the State network in the city of Natal, Rio Grande do Norte. Thus, we used the semi-structured interview, in the recurrent mode for the production of the information. In accordance with the epistemological assumptions of Socio-Historical Psychology, the Strategy for Analysis of Nuclei of Significance, presented by Aguiar and Ozella (2006, 2013), and later re-elaborated by Aguiar, Soares and Machado (2015) as instrument analysis of meanings. We systematize two nuclei of meanings as a way of approaching the areas of meanings that configure the subject of this research in the process of development of the pedagogical activity: 1. Being a History teacher; 2. The pedagogical experience and recognition of its difficulties and limitations. We infer that Professor José is constituted in the articulation between subjectivity and objectivity, he indicates to us his sense of being professor of the discipline of History, being characterized from its relation with the objective world. We consider Joseph and his particularities, that although he is a subject he is endowed with the capacity to represent the universal, his peers, thus signifying the totality in the process of comings and goings, in constant movement.

Key words: Socio-Historical Psychology. Continuing Education of the History Teacher. Senses and Meanings.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GEPES – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Subjetividade

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

POSEDUC/UERN – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/UFRN – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGH -Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

PPGCISH-Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 A RELEVÂNCIA DA PESQUISA EM CONTEXTO REGIONAL	18
CAPÍTULO II: TEORIA E MÉTODO NA PERSPECTIVA SÓCIO–HISTÓRICA	27
2.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL	27
2.2 A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL EM HISTÓRIA	30
CAPÍTULO III: O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	38
3.1 A PESQUISA NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA	38
3.2 A CONCEPÇÃO DE HOMEM NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA	39
3.3 A CATEGORIA ATIVIDADE NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA	41
3.3 MEDIAÇÃO	43
3.4 SENTIDO E SIGNIFICADO	45
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO EM VIGOTSKI	48
4.1 CONHECENDO O ESPAÇO E SUJEITO DE PESQUISA	50
4.1.1 Escolha e Espaço	50
4.2 SUJEITO DA PESQUISA	51
4.3 O ESPAÇO ESCOLAR VIVENCIADO	51
4.4 PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES	52
4.5 OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES	54
4.6 LEVANTAMENTO DOS PRÉ–INDICADORES	54
4.7 SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	55
4.8 A CONSTRUÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES	57
CAPÍTULO V: ANALISANDO A PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES	58
5.1 ETAPA DE SISTEMATIZAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES DA ENTREVISTA ..	58

5.2 ETAPA DE SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	65
5.3 ETAPA DE CONSTRUÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO.....	73
CAPÍTULO VI: INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES: SIGNIFICAÇÕES ATRIBUÍDAS A ATIVIDADE PEDAGÓGICA	77
6.1 NÚCLEO 1: SER PROFESSOR DE HISTÓRIA: A VIVÊNCIA PEDAGÓGICA E O RECONHECIMENTO DE SUAS DIFICULDADES E LIMITAÇÕES	78
6.2 NÚCLEO 2: A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA E O SENTIDO DO SER PROFESSOR	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICES – Entrevista com o professor José.....	92
ANEXO I – Termo de consentimento livre e declarado	111

SER PROFESSORA DE HISTÓRIA: CONSTITUINTES DO CAMINHO

Esta pesquisa investiga a formação continuada do professor de História e as significações atribuídas à atividade pedagógica. Neste capítulo, apresento as motivações que deram origem ao tema pesquisado, nele discorro acerca do meu percurso histórico que aos poucos foram me constituindo enquanto professora de História e sujeito em constante transformação. Para tanto, usarei o verbo na primeira pessoa do singular. A seguir nas demais discussões, utilizarei os verbos na terceira pessoa do plural.

O que é ser professora? E ainda mais, o que é ser professora da disciplina de História? Encontrar respostas para tais questionamentos não é uma atividade simples, a fim de compreender os elementos que me constituem enquanto professora da disciplina de História, recorri a vivências do passado e do tempo atual para responder tais questionamentos.

Minha trajetória profissional está relacionada a vivências da minha infância e relação familiar. Para os estudos, fui muito estimulada pelo meu pai, que mesmo tendo estudado somente até a 5ª série do chamado Ensino Primário, é um homem ímpar e referência humana em minha vida, na mesma medida, minha mãe, mulher que é a minha fonte de ensinamento e firmeza humana, foi mais adiante e chegou a concluir o Ensino Médio e o curso de técnico em Enfermagem.

Desde a infância, meus pais buscaram me proporcionar as oportunidades que eles não tiveram nos estudos. Ficava com o meu pai a tarefa de ir buscar e me deixar na Escola, estes momentos nos serviam para conversar sobre como foi a experiência do dia na Escola e no trabalho. Já com a minha mãe, sempre recebi muitas cobranças, deixando em mim a ideia de responsabilidade nos estudos e de expectativa quanto ao meu sucesso profissional. Os meus estudos eram prioridade em nossa casa, meus pais depositavam na escola a certeza de um futuro próspero para mim e também para eles.

Ainda na infância, quando brincava com meus vizinhos, eu sempre os organizava como alunos da Escola infantil que eu era a Professora, cobrava atenção

dos alunos, explicava conteúdos que estudava na escola e assim me identificava como professora dos meus amigos.

Ao cursar a antiga 6ª série do Ensino Fundamental, fui estudar numa Escola Cooperativa, nela os pais eram também associados e cuidavam da administração, neste espaço convivi com crianças com as mais diferentes necessidades especiais. Foi essa instituição escolar que me proporcionou encontros inesquecíveis, de grandes vivências humanas. Nesse período, dois professores, de Língua Portuguesa e Artes, iniciaram um projeto cultural e artístico, nele dei início a escrita de poesias e também apresentações de recitais e pequenas peças teatrais.

Na adolescência, me identificava bastante com a leitura de jornais e revistas e aos poucos fui direcionando o desejo pelas ciências humanas, construía pequenos textos, redações e poemas, como gostava muito de ler, questionar e refletir tinha afinidade com as disciplinas de História, Literatura, Filosofia e apreço pela escrita.

No 8º ano do Ensino Fundamental, mudei de Escola e senti um grande impacto pela ausência de uma instituição escolar que compreenda os alunos não somente em números quantitativos, mas como seres individuais e singulares, que tivesse em seu corpo profissional, professores comprometidos com a formação integral dos seus estudantes.

Chegando a 2ª série do Ensino Médio, a minha oportunidade escolar priorizava números, éramos jovens em formação escolar com visão final somente para o vestibular. Na 3ª série do Ensino Médio concretizei a decisão de prestar vestibular para o curso de História e assim seguir a carreira docente.

Em 2009, tendo sido aprovada no curso de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) estava consciente de que a minha graduação era com habilitação para licenciatura plena e, como tal, estaria habilitada para dar aula e isso tanto me animava quanto me deixava bastante ansiosa.

No cursar da licenciatura, busquei seguir em alguma linha de pesquisa e projeto que fosse direcionado ao Ensino de História e a formação de professores, afinal, ansiava pelo desejo da formação de professores em História, mas encontrava dificuldade, pois mesmo a minha habilitação sendo em licenciatura, as disciplinas e

grupos de pesquisas eram tendenciosos e direcionados ao curso de História bacharelado.

A partir do sexto período, surgiu a oportunidade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, neste projeto direcionei os meus estudos para o ensino, assim consegui me perceber e me identificar como professora de História. Na oportunidade, as minhas atividades e leituras eram de fundamentação em ensino, especificamente ensino de História.

O PIBID se desenvolvia a partir de reuniões de planejamento, discussões teóricas e aulas ministradas em turmas do turno noturno do Ensino de Jovens e Adultos de uma Escola da rede estadual de ensino. Nesse projeto, vivenciei diversas situações reais ao licenciando; dificuldade de infraestrutura, violência e marginalização da comunidade e por fim, a evasão escolar.

Encontrei nesse espaço escolar questionamentos como: “mas você é tão nova, tão bonita, você tem certeza que quer ser professora? Corra enquanto há tempo!”. Porém, tais questionamentos não me geravam conflitos, pois iniciei a graduação consciente e desejosa do exercício da minha profissão. Para mim, ser professora não trazia dúvidas nem conflitos que pudessem surgir a partir desses questionamentos ao contrário, os relatos de dificuldades que surgiam impulsionavam a minha escolha: ser professora de História.

As vivências do PIBID foram de grande importância antecedendo a experiência do estágio supervisionado, costumo dizer que este projeto de iniciação a docência me proporcionou uma significativa experiência e embasamento teórico. O ser professor, ser pesquisador já não era uma preocupação e incerteza em minha carreira, pelo contrário, foi na iniciação à docência que estabeleci a certeza da atividade profissional que eu pretendia seguir. Foi nesse projeto que pude vivenciar, aprender e compreender sobre o ser professor.

Em 2012, último ano da graduação, enfrentei por parte da minha família o estranhamento se de fato seguiria nesta profissão, acreditavam que pelo fato de ser estudante do Ensino Privado eu deveria seguir a carreira de advogada e que o ser professora “deveria ficar para outras pessoas”. Fiz então desse questionamento familiar o impulso para seguir em minha profissão, e reafirmei que seria Professora por identificação e motivação pessoal.

Ainda em 2012, em busca de uma área de especialização que me estreitasse o conhecimento acerca das dificuldades de ensino e aprendizagem, iniciei o curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica, foi então esse curso de especialização que me proporcionou um verdadeiro descobrir no tocante às dificuldades de aprendizagem e como eu poderia modificar a minha atividade docente, me trazendo um encantamento pela área.

Já graduada, tive a oportunidade de iniciar a carreira docente no ensino da rede privada onde leciono até os dias atuais, na cidade do Natal, Rio Grande do Norte, na oportunidade passei a vivenciar e observar o discurso de professores colegas de trabalho, que em grande parte relatam suas descrenças na educação escolar bem como na carreira docente.

Percebo que ser professor(a) é acima de tudo acreditar na profissão que exerço, compreendo que ser professor exige esforço, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo, dedicação, e mais ainda, requer compromisso e comprometimento com o meu exercício.

Em minha atividade docente percebo um discurso de desânimo partindo de alguns colegas de profissão o que me desperta a dar continuidade à pesquisa buscando apreender os sentidos e significados atribuídos pelo professor de História em sua atividade docente. Assim, os discursos que encontro desde a Universidade não me são suficientes, pois acredito que só devemos fazer aquilo que nos traz sentido, que nos dá significado à vida, nesse caso, à atividade docente.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A RELEVÂNCIA DA PESQUISA EM CONTEXTO REGIONAL

A profissão docente, no âmbito da formação e do trabalho tem sido intensamente estudada, entretanto, percebemos que pesquisas apontam ainda para necessidade de continuidade e aprofundamento acerca desse tema sendo necessário primar por pesquisas educacionais e de vivência docente que possam embasar e fomentar as pesquisas nesta área do ensino e Educação a fim de estreitar os problemas existentes na Educação brasileira.

Na atividade docente os saberes, o planejamento das atividades, as ações e condições de ensino dispostas ao professor são parte de uma organização que deve ser percebida como fatores que se entrelaçam e como tal, não se apresentam sozinhos. Assim, direcionar os saberes necessários, definir o quê, quando e como ensinar deve ser aprofundado e apreendido pelo professor de História de forma necessária a melhoria da qualidade do ensino nesta disciplina, no tocante a formação continuada:

Programas ou cursos de formação continuada, que visam a mudanças em cognições e práticas, têm a concepção de que, oferecendo informações, conteúdos, trabalhando a racionalidade dos profissionais, produzirão a partir do domínio de novos conhecimentos mudanças em posturas e formas de agir. (GATTI 2003, p. 192).

Verificamos a importância da efetivação de programas ou cursos de formação continuada que contemplem a produção de novos conhecimentos, mudanças e posturas na ação docente, pois o exercício da docência enquanto prática mecanizada não é capaz de suprir a necessidade do ensino de História ou de qualquer outra disciplina.

Realizamos pesquisas nos repositórios de dissertações das Universidades públicas do Estado do Rio Grande do Norte, destacando o “*Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande (POSEDUC – UERN)*”; “*Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED – UFRN)*” e por fim, “*Programa de Pós-*

Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH – UFRN)”. Como critério de seleção dos trabalhos publicados nos últimos cinco ¹anos, seguimos a orientação dastemáticas: formação continuada docente e formação continuada do professor de História.

Quadro 1: A Pesquisa em contexto regional

ANO	2011	2012	2013	2014	2015
Formação Continuada Docente	02	01	04	04	02
Formação Continuada do Professor de História	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A partir da análise e compreensão da produção de pesquisas nas áreas destacadas acima, inferimos que os trabalhos sobre formação continuada docente variam em: estudos sobre a formação continuada para professores acerca da inclusão escolar, formação continuada em física, formação continuada em matemática, formação continuada de professores de ciências, formação continuada de professores surdos e apenas um trabalho voltado para formação continuada em História.

Nesta perspectiva, tendo realizado algumas pesquisas em bancos de dissertações de referências nacionais das Universidades Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, verificamos que o nosso trabalho concentra-se em uma área de pesquisa e produção do conhecimento em que há um amplo espaço de discussão, compreendendo que a formação continuada do professor de História emana necessidades formativas e discussões específicas, assim o relacionamos com o referencial teórico metodológico de L. S. Vigotski que embasa esse trabalho e que, esteja concatenado ao estudo das significações do sujeito, Ensino de História e à Formação Continuada Docente.

¹ Para o levantamento dos dados apresentados nesse quadro, realizamos pesquisas em bancos de dissertações dos anos de 2012 a 2015 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

É preciso esclarecer ainda que este trabalho não tem por finalidade denunciar ou expor a atividade docente do professor de História, mas auxiliar nas discussões e reflexões acerca da formação continuada na disciplina de História.

Nessa perspectiva, a Formação continuada Docente vem se constituindo uma temática bastante discutida nas últimas décadas tanto pelos órgãos oficiais quanto nas instituições educacionais. Os trabalhos voltados para esta área indicam um aumento significativo desta área do conhecimento, mas ainda há que se reconhecer a necessidade de se aprofundar as discussões acerca dessa linha de pesquisa. Os trabalhos e pesquisas em torno desse tema nos provocam reflexões acerca de valores e de conceitos relacionados à atividade docente e nos aponta para a necessidade da continuidade de investigação nessa área.

Neste processo, o modelo curricular, a atividade docente e os saberes docentes já estabelecidos não suprem a necessidade do tempo atual, é preciso ir além, dando continuidade às pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento humano, de modo especial, às ciências humanas e sociais junto ao que já se discute nas academias e também (re)significando novos caminhos e pesquisas ao que já se discute nas academias.

Para um olhar simplista, saber o quê, quando e como ensinar pode parecer uma atividade comum e de fácil execução. Todavia, no tocante às ciências humanas, e mais especificamente à educação, é preciso se (re)pensar como este conhecimento tem sido aplicado nas mais diversas instituições, escolas e salas de aula da rede básica de Ensino. Quanto à Formação Continuada Docente, as dificuldades de formação, conhecimento partilhado e execução se avolumam tomando uma proporção que são ainda insuficientemente solucionadas e discutidas na realidade do seio escolar. Assim, faz-se necessário então que a Formação Continuada Docente seja ação de forma contínua e planejada, capaz de possibilitar a ação e reflexão da atividade docente o fazer pedagógico.

Para o professor, ensinar é uma atividade docente que exigirá compromisso, tempo e disposição em busca da qualidade do ensino:

O exercício da docência exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e

assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional. (FREIRE, 1996, p. 14)

Nesta perspectiva, compreendemos que a atividade docente se dá de forma contínua, num movimento de relação com o tempo vivido. Ensinar é um exercício de ir e vir, de se fazer e refazer enquanto docente. Assim, Segundo Charlot (2009, p. 85):

Não estamos mais nos tempos das reformas, mas no tempo da iniciativa e da inovação. O que se pede hoje aos professores é que resolvam os problemas encontrando soluções (inovação) e mobilizando os recursos necessários (parceria). (CHARLOT, 2005, p. 85)

E mais adiante completa:

O problema é que ensinar não é somente transmitir, nem fazer se aprender saberes. é por meio dos saberes, humanizar, socializar, ajudar um sujeito singular a acontecer. é ser portador de uma certa parte do patrimônio humanizado. (CHARLOT, 2005, p. 85)

Assim, verificamos a necessidade de políticas educacionais que garantam uma educação pública e de qualidade para todos, compreendendo que isto será possível a partir da percepção da importância da formação continuada de professores.

Assim, Carvalho (2007, p. 06) afirma:

Que a formação de professores será sempre importante para qualquer mudança educacional, sobretudo para a melhoria da qualidade do ensino. E pensar a qualidade da educação no contexto da formação de professores significa colocar-se a disposição da construção de um projeto de educação cidadã que propicia condições para a formação de sujeitos históricos capazes de, conscientemente, produzir e transformar sua existência.

Então, pensar a qualidade do ensino público é tratar com seriedade, pesquisa e zelo na efetivação da formação continuada de professores, é possibilitar condições para a formação de sujeitos que sejam capazes de produzir, significar e conscientemente transformar a sua existência.

Para o professor, ensinar é uma atividade docente que exigirá muito compromisso, tempo e disposição em busca da qualidade do ensino:

O exercício da docência exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional. (FREIRE, 1996, p. 14)

Assim, compreendemos a necessidade de continuidade em políticas educacionais efetivas, que garantam uma educação pública e de qualidade para todos, compreendendo que isto será possível a partir dos caminhos trilhados especialmente nas últimas décadas, que está na apreensão da importância da formação continuada de professores.

No tocante à continuidade na formação do professor - de História -, a partir da compreensão dos escritos de Vigotski, segundo Rego (2011), aponta que o bom estudo é aquele que se adianta no desenvolvimento, ou seja, há uma clara preocupação com o processo de desenvolvimento humano. Considerando que a aprendizagem tem origem social, cultural e histórica, esse processo não ocorre de forma individual. Trata-se de um processo mediado no qual as funções mentais elementares evoluem e transformam-se em processos superiores.

Sendo mecanismos culturais, os processos educacionais se intencionalmente organizados, alteram o desenvolver dos processos naturais, desenvolvendo funções psicológicas pelo uso dos meios artificiais em seus processos psicológicos.

Este trabalho tem suas raízes no ano de 2013, onde foi iniciada a experiência docente enquanto professora da disciplina de História. Nesta realidade, observei a fragilidade do acesso à formação continuada disponível ao professor do Ensino Básico no Estado do Rio Grande do Norte.

Assim, consciente das limitações dessa formação que deve ser uma constante, de forma ampla e continuada, evidenciou-se a inquietação no tocante as dificuldades para solucionar as incompletudes da formação continuada do professor de História.

A partir da minha vivência docente em História, surge o problema de nossa pesquisa: **quais os sentidos e os significados atribuídos a atividade pedagógica de um professor nas séries finais do Ensino Fundamental?** De modo que especificamos como objetivo: **Apreender os sentidos e os significados atribuídos pelo professor de História acerca de sua atividade pedagógica nos anos finais do Ensino Fundamental.**

Neste trabalho não há respostas definitivas e de modo inquestionável, mas especificamos através do questionamento supracitado as motivações que nos impulsionaram a esta pesquisa acerca das significações da formação continuada do professor de História.

Descrevamos neste acerca dos pressupostos metodológicos que norteiam o estudo, posteriormente indicamos os procedimentos a serem utilizados na produção e análise de dados que irão contribuir para compreensão dos sentidos e significados atribuídos pelo professor de História na atividade pedagógica.

Nesta pesquisa buscamos caminhos para compreensão da formação continuada docente. O desenvolvimento dessa atividade vem de encontro à compreensão pessoal que acontece na vivência docente por mim experienciada. Assim, compreendemos que esta proposta apresenta contribuição acadêmica e científica nas áreas da Educação, História, Psicologia e Educação e sobretudo, nas significações produzidas pelo sujeito de pesquisa. Apresentamos aqui o caminho a ser trilhado na abordagem metodológica.

Esta é uma investigação qualitativa, pois compreendemos que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, há um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não deve ser entendido em quantitativo:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (CHIZZOTTI, 2010, p. 79)

Assim, percebemos que o sujeito de pesquisa ao desempenhar a atividade docente está conectado com o mundo real e, nessa relação, modifica o meio em que vive ao mesmo tempo em que se apropria dele. Diferentemente do que por muito tempo foi investigado na Psicologia tradicional e behaviorista.

Considerando a questão central que move esta pesquisa: *Quais são os sentidos e significados constituídos pelo professor de História acerca da sua atividade pedagógica nos anos finais do Ensino Fundamental?* Tomo como pressuposto metodológico a sustentação teórica presente na Psicologia Sócio-Histórica embasada na matriz filosófica do materialismo histórico e dialético pois entendemos que se faz necessário compreender a importância do processo e as suas transformações ocorridas. O agir, o pensar e o modificar do sujeito são indispensáveis para concretização desta pesquisa.

Com base em Lüdke e André (1986, p. 12), aqui valorizamos “o ‘significado’ que as pessoas atribuem às coisas, e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”, assim, a nossa pretensão nessa abordagem é compreendermos a dimensão mais ampla, as significações do sujeito que nesta pesquisa está identificado como os sentidos e significados atribuídos a formação continuada de um professor de história na sua atividade pedagógica nas séries finais do Ensino Fundamental. Para isto buscamos a compreensão do caráter histórico e social do sujeito da pesquisa fonte desse estudo.

Relacionamos abaixo os capítulos que compõem este trabalho acadêmico científico.

No primeiro capítulo, é feita uma apresentação – *memorial* – dos elementos formadores que impulsionaram e constituíram a realização deste trabalho, inicio com uma breve introdução acerca da *Formação de Professores no Brasil* nele, apresentamos a importância do tema em estudo e o problema em questão que norteia a nossa pesquisa.

No segundo capítulo, estudamos sobre a *formação de professores* de História no Brasil e está dividido em três partes: a primeira trata da formação de professores no Brasil; a segunda apresenta como se dá a formação docente inicial em História; finalizando, a terceira apresenta a formação docente e sua atividade pedagógica no Ensino de História.

No terceiro capítulo, está apresentado o referencial teórico-metodológico dividido em: bases e aprofundamentos teórico-metodológicos na perspectiva sócio-histórica: Procedimentos metodológicos da pesquisa na perspectiva sócio-histórica.

O quarto capítulo é uma análise da história de vida do sujeito que compõe este trabalho de pesquisa. Este capítulo foi dividido em três partes: a primeira refere-se ao período de escolarização do sujeito; a segunda refere-se ao ingresso na Universidade; a terceira diz respeito à atividade pedagógica desse sujeito.

O quinto capítulo consiste na análise dos núcleos de significação, está dividido em duas partes: a primeira trata da sistematização dos núcleos de significação; a segunda é uma análise dos dados empíricos coletados a partir das expressões verbais do sujeito.

Por fim, dedicamos uma parte às considerações finais, que consiste em uma discussão acerca do conteúdo nuclear que compõe este trabalho, ou seja, das significações atribuídas pelo professor de História em sua atividade pedagógica.

Para o professor, ensinar é uma atividade docente que exigirá compromisso, tempo e disposição em busca da qualidade do ensino:

O exercício da docência exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional. (FREIRE, 1996,p.14)

Nessa perspectiva, compreendemos que a atividade docente se dá de forma contínua, num movimento de relação com o tempo a ser vivido. Ensinar é um exercício de ir e vir, de se fazer e refazer enquanto docente:

Não estamos mais nos tempos das reformas, mas no tempo da iniciativa e da inovação. O que se pede hoje aos professores é que resolvam os problemas encontrando soluções (inovação) e mobilizando os recursos necessários (parceria). (CHARLOT, 2005, p.85)

E mais adiante completa:

O problema é que ensinar não é somente transmitir, nem fazer se aprender saberes. É por meio dos saberes, humanizar, socializar, ajudar um sujeito singular a acontecer. É ser portador de uma certa parte do patrimônio humanizado (CHARLOT, 2005, p. 85).

Desta forma, verificamos a necessidade de políticas públicas efetivas, que garantam uma educação pública e de qualidade para todos, compreendendo que isto será possível a partir da percepção da importância da formação continuada de professores.

Assim:

Que a formação de professores será sempre importante para qualquer mudança educacional, sobretudo para a melhoria da qualidade do ensino. E pensar a qualidade da educação no contexto da formação de professores significa colocar-se a disposição da construção de um projeto de educação cidadã que propicia condições para a formação de sujeitos históricos capazes de, conscientemente, produzir e transformar sua existência. (CARVALHO, 2007, p. 06)

Então, pensar a qualidade do ensino público é tratar com seriedade, pesquisa e zelo na efetivação da formação continuada de professores, é possibilitar condições para a formação de sujeitos que sejam capazes de produzir, significar e conscientemente transformar a sua existência.

CAPÍTULO II: TEORIA E MÉTODO NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende. Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez?

(Guimarães Rosa)

Neste capítulo faremos um breve estudo acerca da formação de professores no contexto brasileiro, pois bem sabemos que o professor em atividade pedagógica teve sua formação inicial oferecida na Universidade. Em seguida, a fim de estreitar a discussão, trataremos o caso da formação na licenciatura em História e, por fim, encerramos com a atividade pedagógica no Ensino de História.

2.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL

Nas últimas décadas, a *Atividade Docente* tem sido amplamente investigada, mas ainda há uma grande necessidade de rever como acontece de fato o desenvolvimento da formação e discussão acerca da atividade docente. Se faz necessário (re)pensar como se dá o processo de *Formação Docente*, sua qualificação e aperfeiçoamento.

Assim, entendo que a Formação Inicial é um componente curricular de suma importância no processo de *Formação Docente*, de modo que a sua ampliação dar-se-á na *atividade pedagógica* das diversas licenciaturas.

Nesta perspectiva, me deparei com uma imensa lacuna entre aquilo que é ensinado aos professores que estão em formação nas Universidades e a realidade a ser enfrentada no Ensino público de todo o país. É preciso se compreender a necessidade de estreitamento entre a teoria e a prática.

Nesta medida, verifiquei os desencontros e fragilidades em estágios dos cursos das mais diversas licenciaturas, nele percebi a ausência de planejamento, de supervisão e até de direcionamento dos Estágios nas Escolas. Neste momento, a Universidade e a Escola parecem caminhar em vias não consoantes, mas que estão

simultaneamente formando o futuro professor que irá atuar nas salas de aula do nosso país.

Ampliar a formação docente implica instaurar e fortalecer processos de mudança no interior das instituições formadoras, respondendo aos entraves e aos desafios apontados. Para isso, não bastam mudanças superficiais. Faz-se necessário uma revisão profunda dos diferentes aspectos que interferem na formação inicial de professores, tais como: a organização institucional, a definição e estruturação dos conteúdos para que respondam às necessidades da atuação do professor, os processos formativos que envolvem aprendizagem e desenvolvimento das competências do professor, a vinculação entre as escolas de formação inicial e os sistemas de ensino.

Entendi que é primordial a existência de professores que sejam bem preparados, somente o professor é capaz de prover as condições mínimas necessárias para a efetivação das mudanças tão almejadas no espaço escolar e na sociedade como um todo. Esse professor deve ser comprometido com a aprendizagem dos alunos para que assim possamos elevar a qualidade do Ensino Público no país e para que estes profissionais sejam capazes também de fomentar nas gerações futuras o desejo pela carreira docente.

É urgente a necessidade de equiparação ou pelo menos de estreitamento entre a formação e a prática docente, afinal o professor da atualidade é um profissional dotado de exigências e capacidades a serem alcançadas, nesta medida, Libâneo (2003) defende a necessidade de contar com professores que, à luz da nova sociedade, dos conhecimentos ora requeridos e dos muitos e variados universos culturais dos alunos, consigam oferecer um ensino de melhor qualidade. Assim, a importância de formar melhor os futuros docentes, dotando-lhes de:

cultura geral mais ampliada, maior capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2003, p. 10)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394/96, em seu artigo 62, estabelece que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidades e Institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL, 1996, não paginado)

Percebi então que este documento aponta para a necessidade de medidas que assegurem a qualidade da formação de Professores no país, mais adiante, cabe refletir sobre como estão sendo formados esses profissionais e de que forma atuam na sala de aula.

Assim, a *Formação Docente Inicial* tem papel crucial na formação dos profissionais, nela os professores se apropriam de determinados conhecimentos, estão inseridos num processo de aprendizagem e desenvolvem as competências necessárias para atuar em sua profissão. Espera-se que essa formação deve estimulá-lo a aprender o tempo todo, a pesquisar, a investir na sua própria formação, o professor deve utilizar da criatividade, da sensibilidade para se relacionar nesse contexto e interagir com o mundo.

Em consonância com a Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em Cursos de Nível Superior

a desarticulação entre a formação dos professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental e a formação dos professores para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio têm trazido para a formação dos alunos prejuízos de descontinuidade, gerando gargalos no fluxo da escolarização, representados, principalmente, pelos índices de evasão e repetência observados na transição entre a 5ª e a 6ª séries do ensino fundamental. O acentuado fracasso verificado na aprendizagem dos alunos da 5ª série está relacionado à mudança abrupta da forma de tratamento pessoal e metodológica a que são submetidos no processo de escolarização. (BRASIL, 2000a, p. 17)

Desta forma, conforme descrito na Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica percebemos que há uma intensa e marcada diversidade na metodologia de ensino que estão presentes conforme as séries avançadas, bem como na observação da metodologia de ensino aplicada entre o professor de uma disciplina específica com o outro. Esta disparidade, por muitas vezes, influencia e eleva os índices de repetência e também de reprovação.

Buscando diminuir estas fragilidades e atentando para a melhoria na qualidade do Ensino, Artigo 87 das Disposições Transitórias da LDBEN: “Parágrafo 4º – Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”.

Nesta proposta, o que se pretendia era estipular um prazo ao país para que pudesse fomentar a formação adequada aos professores da Educação Básica, em nível superior ou por meio de programas de educação continuada.

Refere-se aqui a “diploma” e não à “formação”, pois se trata muito mais de uma certificação formal, após o cumprimento de créditos burocraticamente definidos para a área pedagógica, do que preparação integrada que propicie uma reflexão dos conteúdos da área com a realidade específica da atuação docente.

Verificamos ainda, em realidade pessoal da graduação, um determinado acirramento existente entre os cursos de licenciatura e bacharelado, neste sentido, a atuação do historiador, por exemplo, ganha uma maior ênfase na formação profissional em detrimento do curso de licenciatura em História, que por muitas vezes compreende-se a licenciatura como uma área de pesquisa menos instigante do que o bacharelado. Aos licenciandos fica o peso das disciplinas da Educação e os fatigantes Estágios supervisionados, perspectiva ainda enraizada e presente nos cursos de graduação em licenciaturas nos quais o bacharelado está acima deste profissional.

Assim, percebi que a *Formação Inicial de Professores* caminha e deve estreitar o seu percurso entre o campo institucional, curricular escolar, delineando caminhos e perspectivas a serem alcançados que transitem entre estas instituições, num projeto comum, de forma a garantir a qualidade da formação desse futuro profissional e a efetiva educação pública de qualidade para todos.

2.2 A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL EM HISTÓRIA

Nas últimas décadas, a *Formação de Professores de História* é um tema que vem ganhando espaço e se tornou objeto de pesquisa de historiadores e educadores em todo país. Estes pesquisadores se debruçam sobre questões

voltadas para a *Formação Inicial, Ensino de História, os Saberes e a Atividade Docente*.

Para aprofundar nessa temática convêm investigar acerca da História do Ensino de História, nela, percebi que até a década de 60 os estudos se preocupavam com a área de formação e deixavam sem evidência o objeto de pesquisa, o que nos acarretou um histórico marcado pela dicotomia entre o ensino e a pesquisa, no qual o ensino era associado às questões pedagógicas dentro dos cursos de licenciatura:

No início dos anos 60, após a criação da Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional e a criação dos Conselhos de Educação, novos formatos foram dados à licenciatura, que passou a ser um grau paralelo ao do bacharelado. Manteve-se o bacharelado (com disciplinas específicas para a área científica à qual se dedica o aluno, também denominadas, de maneira preconceituosa, como 'disciplinas de conteúdo') e em paralelo o grau de licenciatura para a formação específica para exercício do magistério (as 'disciplinas pedagógicas'). [...] [...] aos poucos o bacharelado e as licenciaturas puderam seguir rumos diversos, embora devessem manter correlações. (MARTINS, 2002, p.48)

A década de 60 é marcada pelo retrocesso político e educacional em nosso país, que a partir de 1964 foi palco da Ditadura Militar. Somente em finais dos anos 70, início da década de 80, pude perceber mudanças no que diz respeito à pesquisa no Ensino de História. Os profissionais de História desse período foram formados pouco tempo antes ou durante a Ditadura Militar, tendo amargado questões de desvalorização e repressão influenciadas diretamente pelo Regime Militar. Sobre a forma de acesso a graduação para o curso de História o :

E a legislação educacional prosseguiu com o Decreto nº68.908, de 13 de junho de 1971, em que o Governo Médici estabeleceu critérios para os concursos vestibulares para admissão aos cursos superiores de graduação. Caminhava-se rapidamente para as provas de múltipla escolha, de resultados desastrosos. A despolitização da juventude seria facilitada mais ainda pelo controle dos livros didáticos.(DEPOIMENTO DO PROFESSOR....., 1985, p.50 – 51)

Ainda sobre o distanciamento dos cursos de bacharelado e licenciaturas:

No início dos anos 60, após a criação da Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional e a criação dos Conselhos de Educação, novos

formatos foram dados à licenciatura, que passou a ser um grau paralelo ao do bacharelado. Manteve-se o bacharelado (com disciplinas específicas para a área científica à qual se dedica o aluno, também denominadas, de maneira preconceituosa, como 'disciplinas de conteúdo') e em paralelo o grau de licenciatura para a formação específica para exercício do magistério (as 'disciplinas pedagógicas'). [...] aos poucos o bacharelado e as licenciaturas puderam seguir rumos diversos, embora devessem manter correlações. (MARTINS, 2002, p. 106 – 107)

A partir da década de 70, universitários da licenciatura passam a nortear às propostas de pesquisas para as questões voltadas para *Formação Docente* e o *Ensino de História*, começam ainda nessa década a reivindicar espaço de discussão junto a associações que até então eram voltadas para os bacharéis, acreditando ser possível inserir a este grupo, os profissionais que se dedicavam ao Ensino surge como campo a ser analisado:

No IX Simpósio Nacional de História que ocorreu em Florianópolis (SC), em 1977, alunos de pós-graduação, professores do ensino fundamental e professores universitários favoráveis à 'abertura' da ANPUH manifestaram-se, exigindo reformas nos estatutos e a participação, em condições de igualdade nos eventos científicos, dos dois grupos de historiadores, que apesar de serem profissionais da História, eram excluídos de atuar na Associação. Tratava-se de incluir, no rol de associados, os estudantes de pós-graduação e os professores de 1º e 2º graus. Professores universitários contrários a essa incorporação de novos membros romperam com a Associação, afastaram-se dela (não sem antes declarar seu repúdio ao 'desrespeito' que foi cometido aos estatutos de 1961) e criaram a Sociedade Brasileira de Pesquisa de História (SBPH). Até 1981, tal cisão ainda rendia situações explícitas de confronto. Temia-se que a ANPUH perdesse sua maior característica de até então: a de ser uma associação científica, pouco articulada com os movimentos sociais. Quando, em 1981, no XI Simpósio Nacional de História, ocorrido em João Pessoa (PB), os estatutos reformulados foram apresentados à Assembléia-Geral, a discussão sobre o papel político da Associação foi objeto de discussão, conforme relatado em Ata (MARTINS, 2002, p. 122).

Ernesta Zamboni, durante o V Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História (ENPEH), em outubro de 2001, afirma que

Os trabalhos e pesquisas sobre o ensino de História desse período [década de 70] têm um caráter de relato de experiência com pouca ou nenhuma reflexão teórica. Nos anos 80, o discurso educacional é dominado pela dimensão sócio-política e ideológica da prática pedagógica. A produção da pesquisa incide sobre o livro didático e começam os primeiros trabalhos sobre currículo, e alguns muito timidamente refletem sobre uma análise teórica. Foram muito frequentes trabalhos sobre diferentes linguagens, principalmente sobre a história em quadrinhos. A década de 90 foi marcada pela busca de novos enfoques e paradigmas para a compreensão da

prática docente e dos saberes dos professores, embora tais temáticas ainda sejam pouco valorizadas nas investigações e programas de formação de professores. [...] Atualmente, é necessário aprofundarmos essa temática devido às discussões e a política do MEC, que está relacionada a mudanças de currículo e a uma nova concepção de licenciatura.” (ZAMBONI, 2000/2001, p. 106).

Assim, torna-se constante, discussões acerca das novas perspectivas para o ensino de História. Neste período as pesquisas na área de Ensino de História estavam voltadas para questões do livro didático ou centradas em propostas e currículos para o ensino, foi com o alargamento das áreas que podemos perceber a introdução destas questões voltadas para educação.

Em fins da década de 90 é instituída a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/1996), constitui-se de Lei orgânica e geral da educação brasileira que dita as diretrizes e as bases da organização do sistema educacional. Em conformidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais de História – PCN’s surgem com a proposta de nortear os professores de História de todo o país, nele estão previstas as bases que devem ser construídas no Ensino, a concepção de educação, o conteúdo programático, a metodologia de ensino, os objetivos e as formas de avaliação. Para as séries finais do Ensino Fundamental este documento prevê como objetivos para o chamado 4º ciclo os eixos temáticos: História das representações e das relações de poder das Nações, povos, lutas, guerras e revoluções e Cidadania e cultura no mundo contemporâneo.

O século XXI, acompanhando as mudanças previstas a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei (9394/1996), traz algumas políticas públicas que incentivam a Formação Docente nas diversas licenciaturas, entre estas políticas queremos destacar o Programa de Iniciação à Docência – PIBID, que executado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, tem como objetivo fomentar a iniciação à Docência. O Artigo 3º do referido projeto traz como objetivos primordiais para a Formação Docente:

- I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - contribuir para a valorização do magistério;
- III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em

experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
 V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
 VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (BRASIL, 2010b, não paginado)

Nesta perspectiva, o PIBID propõe um vínculo entre as Universidades, os licenciados e as Escolas públicas conveniadas, atuando ainda com os professores supervisores de cada área da Educação, neste caso, o professor de História, este programa garante novos rumos e estreitamento entre o discurso e a produção científica da Universidade, aproximando a Educação Superior à realidade escolar, garantindo formação inicial e continuada aos sujeitos envolvidos no Projeto.

2.3FORMAÇÃO DOCENTE E SUA ATIVIDADE PEDAGÓGICA EM HISTÓRIA

No tocante a atividade docente, a *formação inicial e continuada* é condição importante no processo de releitura e experiências das aprendizagens. Torna-se evidente que o profissional docente precisa acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade, assim compondo uma teia de seus saberes acadêmicos, curriculares, disciplinares e de experiências docentes.

Considerando as habilidades atualmente exigidas ao docente, é cada dia mais evidente que o ser professor ultrapassa a concepção de que professor é somente aquele que está em sala de aula para “passar” o conteúdo a ser apreendido pelos alunos. É importante que o docente perceba que esta relação vai muito além destas concepções já bastante enraizadas, tornando-se completamente questionável e cabendo ainda a introdução de um profissional que acima de tudo, dialoga com o aluno, com a escola, com a família e também com a comunidade.

Entendi que o sucesso e a qualidade do profissional docente assim como outras profissões se constroem a partir do dia a dia, faz-se necessário que se dedique a uma verdadeira busca pelo conhecimento, nesta perspectiva, a docência é uma profissão que se constrói cotidianamente.

Assim, inúmeros são os questionamentos e anseios aos quais estão propensos os docentes em seu início de carreira. 'Aprender sobre como ensinar' e 'aprender sobre como ser professor' são processos de aquisição de saberes subordinados, material e ideologicamente, às atividades de produção de novos saberes, os quais implicam um processo de aprendizagem e de formação.

É importante perceber que o cotidiano - atividade docente -, os saberes, as condições de aprendizagem para o docente e as políticas públicas, são parte de uma organização que deve ser percebida como fatores que se entrelaçam e, como tal, não se apresentam sozinhos. Não se pode analisar a docência sem percebê-la a partir do contexto de ensino, da sala e de suas práticas de ensino, bem como a vida do professor.

A formação continuada pode parecer uma defesa já ultrapassada, porém se faz de imensa importância, cabendo repensar e ressignificar como pode se dar este processo de formação.

Neste sentido é importante destacar:

A formação continuada não pode ser percebida como um processo de acumulação (de cursos, palestras, seminários, etc., de conhecimentos ou técnicas), mas sim como um trabalho de reflexibilidade crítica sobre a prática de (re)construção permanente de identidade pessoal e profissional em interação múltipla. (CANDAUI, 1996, p.150)

É necessário perceber como o ensino e a aprendizagem na disciplina de história acontecem na sala de aula, investigar quais as suas lacunas e também considerar a atividade docente como grande responsável pela qualidade do ensino. Cabe ainda um pequeno aporte à reflexão acerca da (des)valorização do professor, fator este que por muitas vezes o desanima em seguir o seu ofício.

Percebe-se "na maioria das pessoas, um descrédito na transformação da situação. Essa desvalorização do magistério acaba por ser interiorizada, bloqueando as motivações." (BRASIL, 1997, p. 35). A falta de identificação presente nos jovens acarreta num processo de descaracterização da profissão do professor. Atentamos para uma comparação entre a relação de profissionalização e proletarização:

A profissionalização é um processo através do qual os trabalhadores melhoram seu estatuto, elevam seus rendimentos e aumentam o seu poder-autonomia. Ao invés, a proletarização provoca uma degradação do estatuto, dos rendimentos e do poder-autonomia. É útil sublinhar quatro elementos deste último processo: a separação entre a concepção e a execução, a standardização das tarefas, a redução dos custos necessários à força de trabalho e a intensificação das exigências em relação à atividade laboral (GINSBURG, 1990).

Frente às dificuldades já elencadas, tanto na formação docente inicial quanto continuada, a formação de um profissional de educação deve estimulá-lo a aprender o tempo todo, a pesquisar, a investir na própria formação e a usar sua inteligência, criatividade, sensibilidade e capacidade de interagir com outras pessoas.

No caso específico da docência em História, há uma grande discordância entre alguns estudiosos do ensino de História:

o papel da formação dos profissionais na área de história, cujo objeto de trabalho docente é a formação da consciência histórica de crianças e jovens que, no Brasil, experienciam uma realidade marcada por múltiplas diferenças culturais e enormes desigualdades sociais e econômicas. (SILVA; FONSECA, 2007, p. 22)

A atividade docente deve estar pautada no processo de construção e reconstrução do currículo vivido nas escolas, deve priorizar então, segundo Marcos Silva e Fonseca (2007, p, 64), o “respeito às diversidades, às diferenças, em diálogo crítico e permanente pelo fim da desigualdade social e econômica em nosso país”. É preciso compreender e superar o que se foi ensinado ao longo do tempo na disciplina de História, desmistificar a concepção de que ensinar história é apenas decorar e repetir conhecimento erudito produzido em espaços diferentes do espaço escolar.

Compreendendo estas questões que devem ser desenvolvidas no exercício da atividade docente, verificamos um contraponto a ser superado na formação continuada dos profissionais que tiveram formação anterior ao que estabelece o Art. 26-A: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. (BRASIL, 2008, não paginado)

Então, percebemos a dificuldade do profissional tratar de tais conteúdos específicos, frente a lacuna existente na formação inicial, além da dificuldade de seleção de material produzido para esta temática, evidenciando a necessidade de implantação e desenvolvimento que priorizem a formação continuada nesta área específica da licenciatura.

Diante de tantos questionamentos, avanços e rupturas que vivenciamos atualmente com relação às questões políticas do nosso país, percebemos que há muito a ser discutido no tocante a Educação brasileira. Mas compreendemos que a formação continuada de professores de História deve acontecer priorizando o diálogo entre os alunos, a comunidade escolar e poder público.

Assim, nos aproximaremos de uma educação almejada, na qual a atividade docente em história tenha como parâmetro uma perspectiva crítica, a valorização do papel, da autonomia, da formação e das condições de trabalho dos docentes é imprescindível. É o professor quem planeja cursos, escolhe os materiais básicos de trabalho e as atividades a serem desenvolvidas, orienta o conjunto dessas atividades e avalia o aproveitamento dos alunos.

Se o professor desenvolve uma prática democrática de pensamento e trabalho, partilha tarefas com colegas que lecionam outras disciplinas, além de dialogar sobre elas com os alunos, seus pais e outros setores da sociedade. Mas o papel articulador é dele. Para isto formou-se e continua a se formar profissionalmente, é contratado e pago – para atuar no processo educativo.

CAPÍTULO III: O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos o referencial teórico-metodológico, que está dividido em bases e aprofundamentos a partir da perspectiva sócio-histórica. Discorreremos acerca das categorias: historicidade, atividade, mediação e sentidos e significados segundo a abordagem Sócio-Histórica - que norteia a pesquisa.

3.1 A PESQUISA NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

[...] O conhecimento do singular é a chave de toda psicologia social; de modo que devemos conquistar para a psicologia o direito de considerar o singular, ou seja, o indivíduo, como um microcosmo, como um tipo, como um exemplo ou modelo da sociedade.

(Lev S. Vygotsky, 1996, p. 368)

Neste capítulo trataremos as discussões norteadoras da perspectiva Sócio-Histórica segundo os pressupostos teóricos metodológicos de Lev Semenovitch Vygotsky. Nesta perspectiva, acreditamos ser importante apresentar de forma clara e sucinta acerca dessas questões.

A Psicologia Sócio-Histórica toma como referencial teórico a Psicologia de Vygotsky, tendo como objetivo central a superação de certezas que a Psicologia produziu desde Wundt. O fenômeno psicológico, objeto de estudo da Psicologia, refere-se à experiência pessoal dos sujeitos. A psicologia caracterizou o fenômeno como algo abstrato e natural no ser humano.

A psicologia Sócio-Histórica entende que as diversas psicologias naturalizaram os fenômenos psicológicos de modo que caracterizou o fenômeno como algo abstrato e natural da essência do homem, desconsiderando as suas experiências humanas.

A Psicologia Sócio-Histórica, segundo o pensamento de Vygotsky, compreende o fenômeno como uma experiência pessoal que se constitui tanto no

coletivo quanto na cultura. Acredita-se então que a subjetividade representa uma conquista humana a partir de sua atividade e ação transformadora sobre o mundo.

3.2 A CONCEPÇÃO DE HOMEM NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Para uma melhor compreensão sobre a formação da humanidade, abordaremos aqui um breve comentário para iniciar os nossos estudos acerca da concepção de homem e seu percurso na história humana. Assim como outros seres vivos, nós, humanos, nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos. Mas, se observarmos o comportamento de um animal e o de um ser humano, de imediato percebemos grandes diferenças.

A formação do gênero humano é resultado de um longo processo iniciado ainda no surgimento dos primeiros hominídeos e se prolonga até a formação da nossa espécie, *Homo sapiens*. O *Australopithecus*, primeiro personagem da história humana, era um bípede não miereto, de baixa estatura, possuía o polegar invertido para pegar e utilizar pedras e madeiras, e assim defender-se de outros animais podendo conseqüentemente aumentar a sua capacidade de transformar o meio ambiente, colaborando com a sua sobrevivência.

Tendo desenvolvido tais capacidades, o *Australopithecus* inaugurou uma verdadeira revolução, ramificando-se em várias espécies de hominídeos. Os indivíduos conquistaram estatura, aprenderam a caminhar apenas com os pés, passaram a fabricar instrumentos de pedra, controlar o fogo e a criar linguagens.

Nesse processo de evolução humana, o *Homo erectus* recebe essa definição porque além de bípede mantinha-se ereto, vivia em cavernas e fazia utensílios de pedra e madeira. O *Homo neanderthalensis* surgido no paleolítico era capaz de fabricar utensílios de pedra mais trabalhados, enterrava seus mortos e possuía o controle do fogo. No neolítico, pertence à era do *Homo sapiens*, onde o ser humano se torna capaz de aperfeiçoar suas habilidades por meio das mãos.

Nesse sentido, compreendemos que falar sobre a concepção do homem na perspectiva sócio-histórica é também perceber o percurso histórico da evolução humana, é entender que espécies antepassadas, para sobreviverem, precisaram desenvolver habilidades que pudessem garantir a sua permanência de geração em geração, dando a continuidade necessária ao progresso histórico.

Nessa medida, a historicidade é um conceito ontológico que possui as condições de revelar o processo de constituição do homem:

[...]a concepção de homem presente na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica é construída a partir de uma visão que nega as concepções idealistas do que seja o ser humano. Nega-se, portanto, o homem como um ser universal e abstrato, destituído de valores históricos, e se afirma na visão de que ele é um sujeito constituído histórica e culturalmente. É, portanto, um ser concreto – embora inconcluso e complexo. Inconcluso, porque seu desenvolvimento ocorre de modo contínuo e processual por toda a vida. Complexo, porque seu processo de desenvolvimento é histórica e culturalmente constituído. Assim sendo, não se reduz a uma determinação simplista de interação com o meio. (SOARES, 2006, p.34)

A fim de esclarecer para Psicologia Sócio-Histórica *o que é o homem*, Vigotski (2000, p. 33), no Manuscrito de 1929, levanta um questionamento: “O que é o homem? Para Hegel é o sujeito lógico. Para Pavlov é a soma, organismo. Para nós é a personalidade social, o conjunto de relações sociais, encarnado no homem (funções psicológicas, construídas pela estrutura social)”.

Então, compreendemos a distinção entre a concepção de Pavlov, Hegel e a conceituação proposta por Vigotski que se contrapõe ao conceito reflexológico do primeiro e ao conceito idealista proposto por Hegel. Vigotski entende o homem como ser social, que se forma e se transforma enquanto humano, por meio do desenvolvimento da sua atividade consciente, este homem é um ser social, que através das mediações sociais e culturais torna-se pessoa humana.

Ainda sobre a concepção de homem na referida perspectiva:

[...] a concepção de homem supera a visão fragmentada/reducionista acerca do ser humano, já que esse não se reduz nem ao social nem ao individual, mas se constitui como sujeito, a partir de sua atividade nos diferentes processos da sociedade, ou seja, nos momentos históricos, culturais e no tempo. Revela-se assim, dialeticamente tanto na dimensão social, quanto na dimensão individual. (BARBOSA, 2011, p. 23)

Assim, entendemos que tudo aquilo que é produzido pelo homem, mesmo as tarefas individuais, podem ser consideradas como realizadas pelo ser social e pelo coletivo que de modo particular age como mediador da ação. Por fim, entendemos que o homem age e transforma o meio no qual atua, esse homem é capaz de transformar a si, e nesta apropria-se dialeticamente das características históricas da humanidade.

Considerando a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica como base teórica vital para compreensão do desenvolvimento humano, apresento ainda as categorias centrais: subjetividade; atividade; sentidos e significados:

As categorias se apresentam então como aspectos do fenômeno, constituído a partir do estudo do processo, do movimento, da gênese desde último. As categorias de análises devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade. São construções ideais (no plano das ideias) que representam a realidade concreta e, como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contribuições e sua historicidade. (AGUIAR, 2001, p. 95)

Inferimos a necessidade de compreensão sobre o desenvolvimento do psiquismo humano, os processos de significação e a dimensão subjetiva do docente a ser investigado.

3.3 A CATEGORIA ATIVIDADE NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Neste tópico discorreremos acerca da categoria atividade, que em consonância com a historicidade, mediação, sentido e significado, apresentam-se como categorias essenciais ao desenvolvimento desta pesquisa, além de configurar-se como categoria básica de análise da psicologia sócio-histórica.

Diante disso, a Psicologia Sócio-Histórica utiliza-se da categoria atividade e relações sociais para compreender o homem, estabelecendo que este homem é constituído numa relação social e histórica que se dá por meio da transformação da natureza, da sociedade e da produção de sua existência, o homem então, tanto produz bens materiais quanto ideias.

De acordo com Marx e Engels (1993, p. 27), em A ideologia Alemã, “o primeiro ato histórico é, portanto, a produção da própria vida material”, que se realiza por meio do trabalho. De acordo com esta afirmação, compreendemos a importância do trabalho para a configuração histórica da humanidade, onde o homem à medida que satisfaz as necessidades vitais, modifica o meio e as suas relações de existência com o mundo, com outros homens e consigo mesmo.

Considerando o homem e seu processo de desenvolvimento, nos reportamos aos primórdios de sua existência, buscando compreender esta

categoria. Para Pino (1991, p. 34), “a passagem das atividades de coleta e de predação para a caça, teria representado para os ancestrais do homem, segundo os especialistas, o abandono definitivo do estado de natureza e a entrada no estado de cultura”.

Assim, a caça requer de fato novas habilidades e conhecimentos – a criação e o uso de instrumentos, a identificação das pistas deixadas pelos animais, a cooperação social e a organização das ações-meios e, sobretudo um sistema eficiente de comunicação. A atividade da caça teria ensinado o homem a sentir, registrar, interpretar, e classificar os fatos da natureza por meio das pistas, marcas e indícios.

Contrário ao pensamento das correntes naturalistas, o homem não somente se adapta à natureza como também cria meios que viabiliza a sua existência através do desenvolvimento da sua atividade resultando no surgimento de funções humanas, das funções psíquicas superiores.

Assim, concebemos que o trabalho é fruto do processo de desenvolvimento do homem, num processo dinâmico que através de sua ação é capaz de mediar, regular e controlar sua necessidade com a natureza, nele atuando com o uso de suas forças, ações e desenvolvendo potencialidades. O homem constitui-se e se transforma ao atuar sobre a natureza com sua atividade e seus instrumentos.

Sobre o desenvolvimento da atividade laboral:

Com o desenvolvimento da atividade laboral, o homem, que influiu na natureza e a transformou, aprendeu a assimilá-la, foi convertendo-se pouco a pouco em sujeito da história, começou a separar-se da natureza e a tomar consciência das suas relações com ela e com os outros seres humanos. (RUBINSTEIN, 1972, p. 97)

Então, o trabalho configura-se como atividade humana. Sob este olhar:

Uma aranha executa operações que se assemelham àquelas do tecelão, a abelha envergonha muitos arquitetos com a construção de seus favos de cera. Mas o que distingue, a princípio, o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de ele construir o favo na sua cabeça antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que no início já estava presente na ideia do trabalhador, que, portanto, já estava presente idealmente. (MARX, 1983, p.212)

Percebemos que o homem se difere dos demais animais que respondem aos seus instintos, porque ao desenvolver certo trabalho faz uso de instrumentos técnicos e mobiliza manifestações internas que constituem o seu psiquismo.

Para Leontiev (1978), a atividade é regulada e dirigida por uma necessidade que gera motivos que conduzem o homem à objetivação da atividade. São os motivos que, ao se articularem à necessidade ao objeto, impulsionam o processo da atividade. Desses motivos se constituem ações (objetivos) que são executadas por meio de operações. Assim, analisando a história humana, o homem desenvolve suas atividades conforme as necessidades, satisfazendo a si e criando novas necessidades a serem alcançadas por força de seu trabalho, sendo esta ação essencial na produção da existência humana.

Kozulin (2002) esclarece que Vigotski encontrou nas ideias marxistas os fundamentos que lhe permitiram desenvolver uma teoria social da atividade humana, colocada em oposição ao naturalismo e à receptividade passiva da tradição empirista que serviam de base para explicar o desenvolvimento do comportamento humano. Assim, consideramos importante compreender a atividade humana como uma atividade revolucionária, capaz de transformar o homem num determinado contexto histórico-social.

3.3 MEDIAÇÃO

A categoria mediação possui contributos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, além de contribuir significativamente com o processo de compreensão do ser humano. Nesta categoria nos apropriamos do conhecimento teórico indicado por Vigotski. Este autor considera a produção de instrumentos e de símbolos pelo sujeito nas relações histórico-sociais.

Para Vigotski, desenvolvimento humano e educação constituem dois aspectos de uma mesma coisa. Se o primeiro diz o que é o ser humano e como ele se constitui, a segunda é a concretização dessa constituição. O que nos permite dizer que, nessa perspectiva, a educação não é um mero 'valor agregado' à pessoa em formação. Ela é constitutiva da pessoa. É o processo pelo qual, através da mediação social, o indivíduo internaliza a cultura e se constitui em ser humano. (PINO, 2005, p. 57).

Para o homem se desenvolver ele precisa estabelecer relações sociais, esta relação se dá com o outro e com o mundo de forma mediada. A mediação enquanto categoria significa que ninguém é capaz de se formar e se transformar sozinho, de forma isolada, mas forma-se de forma dialética, por meio de um processo de intervenção.

É pela mediação que o homem se apropria do mundo e se desenvolve. Compreendemos que a mediação é o processo de intervenção entre o homem e o mundo que promove a transformação elevada de todas as partes. Nesta medida a relação com o outro e com o mundo é mediada, e se apresenta como um processo.

No tocante ao ensino e aprendizagem, a mediação nos mostra que o docente não se desenvolve sozinho, isolado, mas nas relações com o outro: alunos, gestores escolar, pais e comunidade. Basso (1998) destaca o papel do professor como mediador entre o conhecimento historicamente acumulado e o aluno, ser humano em desenvolvimento:

A mediação realizada pelo professor entre o aluno e a cultura apresenta especificidades, ou seja, a educação formal é qualitativamente diferente por ter como finalidade específica propiciar a apropriação de instrumentos culturais básicos que permitam elaboração de entendimento da realidade social e promoção do desenvolvimento intelectual. Assim, a atividade do professor é um conjunto de ações intencionais, conscientes, dirigidas para um fim específico (BASSO, 1998, p. 22).

A compreensão da categoria mediação se faz por meio da compreensão de processos complexos: pensamento e linguagem e significado e sentido que será melhor discutido na última categoria dessa pesquisa. A linguagem é a base da mediação, por meio dela é possível a apropriação de interpretações, intencionalidades e significados fundamentais à comunicação. Apesar disso:

A linguagem é instrumento fundamental no processo de mediação das relações sociais, por meio do qual o homem se individualiza, se humaniza, apreende e materializa o mundo das significações que é construído no processo social e histórico. (AGUIAR, 2000, p. 132).

Sobre os signos:

Os signos são instrumentos psicológicos, estímulos artificiais que constituem o pensamento e fazem a mediação simbólica entre o homem e o mundo. A atividade simbólica mediada por signos representa novo estágio no desenvolvimento humano, formas novas de comportamento. (ARAUJO, 2015, p. 29).

Destacamos ainda que os signos e os instrumentos técnicos possuam naturezas diferentes, estes últimos são artefatos que atuam de forma concreta no mundo externo, ocasionando a possibilidade de controle do mundo pelo homem.

Encerrando a compreensão acerca da mediação é evidente que através dessa categoria o homem vai se constituindo num processo contínuo, em processo de dimensão não somente social, mas também de modo particular, individual, de dentro para fora, bem como em movimento reverso.

3.4 SENTIDO E SIGNIFICADO

Para finalizar a discussão acerca das categorias de análises dessa pesquisa, apresentamos a categoria sentido e significado que está definida como categoria central na compreensão do nosso estudo. Considerando a totalidade dos processos constitutivos do sujeito faz-se necessário a apreensão das categorias linguagem, pensamento, significado e sentido para apreensão do humano na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, para essa análise centralizamos no sentido e significado:

Sentido e significado são momentos do processo de construção do real e do sujeito, na medida em que a objetividade e a subjetividade são também âmbito de um mesmo processo, o de transformação do mundo e constituição dos humanos. (BOCK; GONÇALVES, 2009, p. 60)

Assim, é através da categoria mediação que construímos a possibilidade de acesso e apreensão na sua singularidade, complexidade e em sua unidade dialeticamente contraditória. Vigotski utilizou o termo sentidos desde as suas primeiras obras, assim

[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso, e ademais, uma zona mais estável, uniforme exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos.(VIGOTSKI, 2009, p. 465).

Sobre o sentido González Rey considera:

[...] fonte essencial do processo de subjetivação e é ele que define o que o sujeito experimenta psicologicamente diante da expressão de uma palavra. O sentido articula de forma específica o mundo psicológico historicamente configurado do sujeito com a experiência de um evento atual. Nessa acepção, o sentido acontece em um elemento central de integração dialética entre o histórico e o atual na configuração da psique. (GONZÁLES-REY, 2004, sem paginação).

O sentido é algo individual, porém tem sua formação no encontro singular com uma experiência social concreta. O sujeito atua, vive, estabelece relações com vínculos, experimenta emoções e produz sentidos. Vigotski em sua obra *Psicologia da Arte* (1999) afirma o sentido como “uma síntese psicológica”. Assim, Aguiar (2001, p. 105) afirma que “o homem, ao nascer, encontra um sistema de significações pronto”. Na tentativa de compreender o significado e sentido Soares (2006) os define:

Contraditórios, significados e sentidos não são apenas duas categorias diferentes, são, também, complementares, sem que uma se dilua na outra. Os sentidos, entretanto, não se reduzem aos significados. Do ponto de vista psicológico, os sentidos são muito mais amplos que os significados, pois, pela sua mobilidade, aqueles são eixos sobre os quais se articulam os Comparados aos significados, os sentidos são mais singulares, subjetivos. São mais flexíveis, variam conforme o contexto de enunciação do discurso. Os sentidos estão, assim, mais próximos dos indivíduos constituídos historicamente a partir da dinâmica das suas relações sociais. Portanto, os sentidos estão implicados pela unidade afetivo-cognitivo que constitui o ser humano. Estão implicados, enfim, pela subjetividade que constitui o ser humano em sua historicidade. (SOARES, 2006, p. 59).

Estudar o sentido é compreender a subjetividade, a dialética afetividade e cognição, é entender o sujeito histórico e singular em simultaneidade. Os seres humanos atuam sobre o mundo transformando-o e ao fazerem isto, se

modificam a si mesmos. Assim, utilizamos essas categorias para fazer uma leitura da realidade e dar visibilidade à dimensão subjetiva e psicológica da realidade. Desta forma, a fim de responder ao problema proposto, acreditamos que tais categorias são indispensáveis ao estudo realizado nos amparando a partir do referencial teórico que norteia a pesquisa.

CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO EM VIGOTSKI

Neste capítulo descrevemos e apresentamos o percurso metodológico utilizado no processo do desenvolvimento da pesquisa, tais como, conhecendo o espaço e o sujeito de pesquisa e por fim, abordamos a análise e interpretação das informações produzidas na pesquisa. A fim de apreendermos os movimentos de significação acerca da formação continuada de um professor de história e as significações atribuídas a atividade pedagógica.

Dessa forma, o nosso objeto de estudo tem como pressuposto teórico-metodológico a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, tomando as categorias *sentido* e *significado* como centrais em nossa discussão para apreender a dimensão subjetiva da realidade, ou seja, a mediação dos aspectos históricos e sociais que constituem o par dialético, bem como a singularidade do sujeito em relação às suas formas de agir, pensar, expressar e sentir.

A Psicologia Sócio-Histórica está fundamentada no materialismo histórico-dialético por se tratar de um método capaz de explicar o movimento e a transformação da realidade existente entre os elementos. Acerca disto nos explica Barbosa (2011):

O materialismo dialético, considera que a realidade está sempre em movimento, que não podemos entender uma parte sem olhá-la à luz da totalidade. Nessa perspectiva, não devemos fazer uma análise fragmentada das informações. (BARBOSA, 2011, p. 94).

Assim, percebemos a evidência de que a perspectiva adotada está fundamentada sob o prisma do materialismo histórico-dialético por tratar-se de um método capaz de explicar o movimento e a transformação da realidade e da relação existente entre os elementos que dela fazem parte.

Sabemos que o método de uma pesquisa se dá a partir da escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos. No método científico delimitamos um problema, realizamos as observações e as

interpretamos com base nas relações encontradas e nos fundamentamos nas teorias existentes, em nosso caso, na Psicologia Sócio-Histórica.

Na realização de uma pesquisa o método revela-se como uma questão central, em conformidade ao método proposto, contempla-se:

Já em 1934 Vigotski apontava a necessidade de a Psicologia ter um método que desse conta da complexidade do seu objeto de estudo. Já afirmava que a tarefa da Psicologia era substituir a análise de um objeto pela análise do processo, da sua constituição, da sua gênese. Afirmava a necessidade de se apreender os processos internos, e que, para isso, era preciso exteriorizá-los, era preciso observar o não observável, o lado escuro da lua. (ARAÚJO 2015, p. 157–158)

Igualmente, o método na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica segundo Vigotski, compreende o homem como ser histórico e social, que está em constante mutação, sujeito esse que não lhe cabe a naturalização dos fenômenos. Este homem vive em um constante ir e vir de seu ser, ele pensa, sente e age. Transforma ao mesmo tempo em que é transformado, este homem rompe com as teorias reducionistas que o compreende a partir de descrições fragmentadas.

Em consonância com Vigotski e o seu método proposto, para analisar a realidade investigada, adotamos os três princípios teórico-metodológicos que, segundo Barbosa (2011, p. 53) compõe a base da abordagem de análise das funções psicológicas superiores apresentadas por Vigotski (1998b).

O primeiro princípio afirma que os fenômenos humanos devem ser estudados em processo de transformação e mudanças. Neste processo o pesquisador deve estar direcionado na observação, na escuta e análise, não somente voltado para o produto.

No segundo princípio Vigotski (1998a, p. 71) exemplifica esse princípio, “uma baleia, do ponto de vista de sua aparência externa, situa-se mais próximo dos peixes do que dos mamíferos; mas, quanto à sua natureza biológica está mais próxima de uma vaca ou de um veado do que de uma barracuda ou de um tubarão.”

Nesse sentido, aquilo que está aparente, nem sempre é o que está nas profundezas do sujeito, é necessário que o pesquisador percorra para além do aparente, daquilo que nem sempre foi dito, mas foi sentido e expresso em determinado momento da pesquisa.

O terceiro princípio da Psicologia Sócio-Histórica é o que Vigotski define como o problema do comportamento fossilizado, interpretado por Barbosa (2011) como estudar algo significativo historicamente implica estudá-lo no processo de mudança. É objetivado compreender a natureza do sujeito que em constante movimento, vai desvelando para além do aparente.

Por fim, o método, na perspectiva da PSH, configura-se, como um processo em que se pretende compreender a gênese histórica e social da constituição das funções psicológicas superiores do sujeito.

4.1 CONHECENDO O ESPAÇO E SUJEITO DE PESQUISA

Aqui apresento o espaço em que foi realizada a pesquisa de campo, tendo ocorrido em uma Escola Estadual, na cidade do Natal, Rio Grande do Norte.

4.1.1 Escolha e Espaço

Compreendendo que a escolha do sujeito deve estar articulada com o objeto e os objetivos da investigação, definimos os seguintes critérios: a) Ser professor da rede pública de Ensino; b) Ter concluído a graduação nos últimos dez anos c) Ser professor dos anos finais do Ensino Fundamental; d) Ter disponibilidade para participar da investigação.

Ainda no tocante a escolha do sujeito, Minayo (2001) afirma que na investigação de natureza qualitativa, a quantidade de sujeitos não deve ser muito grande, uma vez que esse tipo de investigação é legitimado pela qualidade das informações e não pela quantidade de sujeitos.

Assim, optamos por desenvolver a investigação apenas com um professor, pois compreendemos que este sujeito singular é parte do todo e como tal produz informações que nos possibilita penetrar na essência do processo em questão. Dessa forma, ao escolhermos apenas um professor, tivemos a oportunidade de apreender e identificar nas informações produzidas por ele, dados não mensuráveis, como percepções, sensações, sentimentos, emoções, motivações, intenções, significados e sentidos constituídos sobre o objeto de estudo.

4.2 SUJEITO DA PESQUISA

José² iniciou sua formação acadêmica no ano de 2009 no curso de História, Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), durante a graduação foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID História 2010 –2012, tendo concluído o curso em 2012.

Em abril de 2013, foi convocado para atuar como professor da rede estadual de ensino no Estado do Rio Grande do Norte tendo sido encaminhado para a Escola Estadual General Dioscoro Vale e a Escola Estadual 15 de Outubro, ambas localizadas no Bairro Potengi, Zona Norte da cidade do Natal.

Nestas Instituições de ensino atuou, respectivamente, no Ensino Fundamental, nas disciplinas de História, Cultura do Rio Grande do Norte (hoje extinta na grade curricular do Estado) e Ensino Religioso. Além de trabalhar, inteiramente, com as turmas de EJA (Educação para Jovens e Adultos) nos níveis do 6° ao 8° período, apenas com a disciplina de História.

Hoje, atua na Escola Estadual General Dioscoro Vale, como professor titular de História nos anos finais do Ensino Fundamental no turno matutino, além de ser professor da disciplina de Sociologia para as turmas do 3° ano do Ensino Médio. Também atua como Coordenador do programa Mais Educação na referida Escola, projeto que visa oferecer atividades extracurriculares, realizadas no contra turno, além de buscar reforçar o letramento e o uso da lógica e do raciocínio.

4.3 O ESPAÇO ESCOLAR VIVENCIADO

A Escola Estadual General Dioscoro Vale está situada à rua Angra dos Reis s/n, no conjunto Soledade II na zona urbana da cidade do Natal, Rio Grande do Norte. Esta escola oferece educação do Ensino regular Fundamental, Anos Iniciais,

² No primeiro contato com o sujeito de pesquisa ficou estabelecido que o mesmo seria identificado como José, nome este que trás identificação pessoal e religiosa ao sujeito entrevistado.

Anos Finais, Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos Anos Iniciais e Finais, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

No tocante ao pedagógico, a instituição oferece apoio escolar às disciplinas de História, Geografia, Leitura e Produção de Texto, Acompanhamento em letramento e alfabetização além do apoio à matemática e Educação física. Além disso, a Escola possui sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) disponibilizando atividades da língua escrita para alunos com deficiências, cursos de uso da Informática acessível, Cursos De Comunicação alternativa e aumentativa, cursos para autonomia na Escola e cursos para o desenvolvimento de Processos mentais, rampas de acessibilidade, pátio e refeitório.

4.4 PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Para obtenção das informações produzidas nesta pesquisa, caminhamos para apreender as significações atribuídas acerca da formação continuada do professor de história. Utilizamos a entrevista recorrente por se tratar de um procedimento de coleta e análise de dados frequentemente utilizado na pesquisa qualitativa. Tal procedimento pode ser caracterizado como um processo interativo entre pesquisador e sujeito, que propicia a construção do conhecimento sobre um tema de maneira partilhada e planejada:

O procedimento de entrevistas recorrentes apresenta vários aspectos que merecem nossa atenção, sendo que o principal deles relaciona-se à interação sujeito-pesquisador. Ambos participam ativamente de um processo de construção de conhecimento sobre o objeto ou tema em questão, porém com olhares diferentes. (LEITE; COLOMBO, 2006, p. 133)

Neste processo, entrevistador e entrevistado podem ser visto como atores, no sentido de que o primeiro pretende conhecer o fenômeno, mas é o sujeito de pesquisa que detém a experiência do mesmo, o qual faz parte de sua constituição, de sua subjetividade.

Assim, o procedimento das entrevistas recorrentes segue alguns caminhos para chegar ao que se pretende: o pesquisador define claramente seus objetivos de pesquisa; a escolha do(s) sujeito(s) que serão entrevistados é

intencional, devendo o pesquisador explicitar de forma clara os critérios que definem o perfil dos sujeitos, bem como os procedimentos para a escolha deles; escolhidos e caracterizados os sujeitos, geralmente em número reduzido.

Conforme descrito anteriormente, após o estabelecimento dos critérios para o sujeito de pesquisa, realizamos duas entrevistas. No primeiro encontro fizemos um reconhecimento da Escola, seu espaço e estrutura física. No segundo encontro iniciamos a entrevista com José, neste momento tratamos dos objetivos da pesquisa, e também solicitamos que o sujeito verbalizasse livremente sobre o tema proposto, explicitando também que esse momento seria gravado em áudio para que fosse realizada a análise da entrevista.

Em seguida, iniciamos a primeira etapa do processo de análise dos dados, os relatos foram transcritos na íntegra da gravação e enviamos ao sujeito para que ele fizesse uma leitura dessa transcrição e pudesse contribuir de forma organizada e consciente sobre os resultados produzidos.

Com o consentimento do sujeito, organizamos em categorias ou classes de respostas que foram descritas em matrizes contendo as respectivas classes com a síntese dos relatos que as originaram. Feito isto, percebemos que somente uma entrevista não respondia a todos os nossos questionamentos, em especial, a acerca das significações da formação continuada docente em história segundo o nosso sujeito.

Conforme a necessidade, realizamos uma segunda entrevista onde apresentamos ao sujeito a matriz com o produto de sua análise inicial da primeira entrevista, solicitamos que ele completasse e ou propusesse novas classes, além de termos apresentado alguns questionamentos estruturados que propusemos para que ele pudesse nos esclarecer.

Assim, conseguimos esgotar as nossas necessidades de compreensão sobre o tema proposto e finalizamos as entrevistas com o sujeito, nesta fase iniciamos a segunda etapa de análise dos dados, onde realizamos o cotejamento das matrizes individuais objetivando uma unidade abrangendo os conteúdos de todas as categorias construídas, as quais constituíram os resultados desta pesquisa sendo discutidos à luz do nosso referencial teórico-metodológico.

4.5 OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES

Nesta investigação, analisaremos as informações e interpretaremos os resultados produzidos de acordo com a proposta de Aguiar e Ozella (2006), os Núcleos de Significação. Para a apreensão da constituição dos sentidos; Aguiar e Ozella (2013) enfatiza que a apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação; Aguiar, Soares e Machado (2015) Núcleos de Significação: Uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações.

Estes referenciais nos possibilitam uma compreensão, análise e interpretação do processo de constituição e produção das significações constituídas pelo professor de História e sua atividade pedagógica nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Entendemos que a compreensão do objeto investigado só ocorre quando o pesquisador se aproxima das determinações sociais e históricas e desse objeto. Assim, discutimos a dimensão histórico-dialética da referida proposta, almejando a coerência entre o método e os seus procedimentos de análise e interpretação.

Assim, nos dispomos não apenas em construir um procedimento qualquer de investigação, mas sobretudo um recurso que ajude na apropriação das significações constituídas pelo sujeito frente à realidade.

4.6 LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES

Nesta etapa, de acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 309), os pré-indicadores referem-se a “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado”. Neste sentido, compreendemos que tais instrumentos não são constituídos por palavras vazias, mas de palavras carregadas de significações que expressam a materialidade histórica do sujeito, que expressam ainda os afetos e vivências da realidade da qual experencia.

O pesquisador inicia este caminho de sistematização dos núcleos de significação a partir do levantamento de pré-indicadores. Aguiar e Ozella (2013, p. 308) explicam que não se trata de partir de palavras “estéreis”, mas de “palavras

inseridas no contexto que lhe atribui significado, entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constituem”.

Neste momento da pesquisa visamos apreender para além das simples afirmações contidas na fala do sujeito, objetivamos apreender as significações da realidade que se revelam por meio das expressões verbais, sempre carregadas de afetosa:

Nesse processo, cuja operacionalidade se dá por meio de leituras sistemáticas do material verbal, isto é, análise reiterativa da fala do sujeito, é importante que o pesquisador, partindo do todo ainda caótico/empírico que conforma o discurso do sujeito, seja perspicaz na observação de aspectos particulares de sua fala, como a frequência, a ênfase e a reiteração de determinadas palavras e expressões, sua carga emocional, suas insinuações; enfim, fatores cujos significados, embora revelem apenas o lado empírico/aparente do objeto e, por isso, sejam vistos e denominados por nós como teses, são importantes pontos de partida na elucidação do movimento de significação da realidade pelo sujeito. (AQUIAR, SOARES, MACHADO, 2015, p. 09).

Compreendemos que o levantamento dos pré-indicadores refere-se ao processo de análise das informações onde apreendemos e determinamos a originalidade do sujeito diferenciando dos demais. É então o momento de observar e destacar, nas falas dos sujeitos, aspectos como: a frequência, a ênfase e a reiteração de determinadas palavras e expressões, sua carga emocional, suas insinuações.

A partir das leituras realizadas inferimos que o pesquisador deve clarificar os pré-indicadores com o zelo não de um discurso pronto e acabado, mas, sobretudo como teses que enlaçado a tríada: tese-antítese-síntese se configuram segundo Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 09) “como produções subjetivas mediadas por objetivações históricas das quais o sujeito se apropria”.

4.7 SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES

Aqui, partimos do pressuposto metodológico de que sendo dialeticamente articulados, os pré-indicadores nos possibilitam aprofundar no conhecimento acerca das formas de significação do sujeito do que quando analisado isoladamente. Conforme exposto em Aguiar e Ozella (2006, 2013) é possível

alcançar uma abstração que lhe permite ter aproximação maior dos sentidos constituídos pelo sujeito.

Nesta etapa o que se pretende é apreender o modo pelo qual os pré-indicadores se articulam constituindo as diversas formas de significação da realidade. Neste procedimento segue os critérios de similaridade, complementaridade e contraposição para articular os antecessores, pré-indicadores efetuadas a partir de (re)leituras e análises do material produzido até esse momento.

Nesta fase de sistematização dos indicadores verificamos que é um momento transitório de natureza sintética que encaminha aos núcleos de significações desvendando as relações de negação. Assim, torna-se fundamental articular parte/todo. Segundo Lefebvre (1979, p. 120-121), “a análise só tem sentido porque o concreto se apresenta de maneira sintética; o concreto une ‘momentos’ diferentes e mesmo contraditórios”. Diante do exposto, compreendemos que se faz necessário o movimento de constituição dos indicadores através da busca de articulação parte/todo de modo sintético.

Este segundo momento – sistematização dos indicadores – tem por finalidade a negação do discurso de tal forma como ele se apresenta. O que pretendemos dizer? Neste momento negamos o dito como finalidade, explicitamos por meio do processo de análise e síntese as contraditórias relações existentes entre os pré-indicadores, relações estas que, inclusive, nos levam a articulá-los para compor os indicadores. Aqui, articulamos os pré-indicadores entre si.

Desse modo, partimos do pressuposto metodológico de que, quando dialeticamente articulados, os pré-indicadores possibilitam aprofundarmos mais o conhecimento sobre as formas de significação do sujeito do que quando analisados isoladamente.

Para isso, o procedimento, que segue os critérios de similaridade, complementaridade e contraposição como base para articular os pré-indicadores, se efetua por meio de múltiplas leituras (análise) do material até o momento produzido (pré-indicadores).

4.8 A CONSTRUÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES

Esta etapa consiste em concretizar a articulação dos indicadores entre si e, destes, com o contexto em que foram produzidos junto a teoria. Neste procedimento o nosso enfoque está na palavra carregada de significado, ela é a nossa unidade de análise, será o ponto de partida para uma análise que irá para além do aparente, sendo capaz de explicar as múltiplas determinações que constituem a realidade em estudo.

Este é um momento voltado para síntese, visa superar o discurso aparente e imediato, descolado da realidade social e histórica e que segundo, Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 15) busca, por meio do “processo de articulação dialética” dos indicadores, a realidade concreta, assim sendo, os sentidos que dialeticamente articulam a fala e o pensamento do sujeito em análise.

Assim, o caminho de apreensão dos sentidos e significados é continuamente marcado por um processo de idas e vindas que implica tanto um fazer/refazer contínuo do inventário de pré-indicadores como um fazer/refazer contínuo de indicadores e núcleos de significação. Por isso, a organização de uma etapa é sempre constituída pela sistematização de outra.

CAPÍTULO V: ANALISANDO A PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Este capítulo está organizado nos seguintes tópicos: 5.1 Etapa de Sistematização dos Pré-Indicadores da entrevista; 5.2 Etapa de sistematização dos Indicadores e 5.3 Etapa de Construção dos Núcleos de Significação.

5.1 ETAPA DE SISTEMATIZAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES DA ENTREVISTA

No quadro abaixo destacamos em negrito as palavras, as frases e as expressões reveladoras das significações produzidas pelo sujeito de Pesquisa, considerando os objetivos propostos neste trabalho. Assim, apresentamos a etapa de Sistematização dos Pré-Indicadores das entrevistas realizadas neste trabalho. Segundo Aguiar, Soares e Machado (2015)

Essa etapa (levantamento dos pré-indicadores) se refere, pois, a um processo propriamente de análise das informações, devendo, como bem ressalta Lefebvre (1979, p. 119), “apreender e determinar, através de seus momentos, cada ser em sua originalidade, cada situação naquilo que a diferencia de todas as outras.”(AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 64)

Assim, neste momento da pesquisa visamos apreender não somente as afirmações verbais do sujeito, mas apreender acerca das significações da realidade produzidas por ele, expressadas de forma verbal, sempre carregadas de afetos.

Quadro 1: Sistematização dos Pré-Indicadores

SISTEMATIZAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES
<i>1. Para você, o que é ser professor?</i>
Bem, ser professor ultimamente tem sido tantas coisas , para mim ser professor, mas eu acredito que ser professor é ser aquele que ajuda na construção do conhecimento das pessoas, é aquele que vai buscar agregar algum tipo de conhecimento, vai buscar fazer com que aquele aluno, aquela aluna amplie o seu mundo, que ele tenha uma outra visão do mundo, que ele perceba dentro da nossa especificidade que é história que nada é

natural, tudo é uma construção.
<i>1.1 Mais alguma coisa, um sentimento?</i>
Porque infelizmente eu passei por situações muito desagradáveis e eu fiquei começando a questionar o que é ser professor no Brasil? Ser professor no Brasil muitas vezes é você se deparar com algumas posições, ou você é mais um no sistema, ou você é chamado a abandonar e seguir uma outra carreira qualquer ou você... é chamado a entrar num Estado de insanidade.
[...] eu me vi praticamente obrigado a passar alunos, numa forma bastante coesiva até, assim, isso mexeu muito comigo e está mexendo ainda.
[...] recebi trabalhos e assim, só dei visto, dei 10 e pronto, porque? Eu sei que enquanto profissional errei nesse sentido, mas.. eu estava tão cansado, tão debilitado, tão esgotado, um estado de... (pausa), impotência, um estado de humilhação, um estado de abandono, um estado de agressão, (trêmulo) já cheguei praticamente a ser agredido fisicamente, verbalmente, moralmente, psicologicamente, até mesmo nas redes sociais também, então tudo isso foi acontecendo, então ser professor... é um desafio diário [...]
mas no meu caso assim, ser professor no nosso estado, no Rio Grande do Norte, ser professor no Brasil, é você se deparar com situações que extrapolam o seu poder, situações tais como, questões familiares, questões políticas, questões até mesmo com o próprio público, uma geração que ao me ver, completamente desinteressada, completamente alienada, completamente desmotivada, uma geração que é movida pelo ter, pelo poder, pelo prazer, que tudo vem muito fácil, então assim, é muito complicado, ser professor é um desafio bastante árduo, às vezes recompensador, mas muito árduo.
<i>2. O que é ser professor da disciplina de História pra você?</i>
Ser professor da disciplina de História como falei antes é você buscar acima de tudo mostrar que ao contrário do que todo mundo pensa a história não trabalha com o passado, a história nunca trabalhou com o passado, a história trabalha com o hoje, com o agora, com o presente, nós recorremos ao passado principalmente a partir das suas fontes históricas tanto materiais quanto imateriais para que nós possamos entender como o nosso universo, como nossa vida como a nossa mentalidade, nossos hábitos, costumes, crenças, a nossa cultura ela foi sendo mudada e construída, partindo da premissa que sempre tem um interesse por trás nada é feito sem uma intenção por trás.
[...] é mostrar que nós fomos produtos e produtores do nosso meio, mas que é difícil você ser professor de uma disciplina onde os jovens de hoje estão cercados e viciados e dependentes de tecnologias, aliás, não somente os jovens, os adultos, todos nós vivemos com o número de vários aparelhos que utilizamos diariamente.
<i>3. Como você entende a docência? O que é ser docente?</i>
O que é ser professor? Ser professor é você buscar construir conhecimento e aptidões, a docência é um, no caso, a docência na UFRN, na Instituição Federal, numa licenciatura ela visa assim, oferecer na medida do possível conhecimentos aprofundados na sua área em questão e tentar lhe preparar mesmo que minimante claro, para atuação e aqui é a grande falha da docência nos cursos de licenciatura não prepara você para ser professor, a licenciatura lhe prepara para você ter algumas ferramentas que vão te possibilitar a isso, mas é o dia dia que vai fazer você ser professor, a docência de fato, de forma muito concreta ela acontece onde? Em sala de aula, em cada escola, em cada horário, em cada turma. É assim que acontece a docência.
<i>4. O que é ser professor da disciplina de História pra você?</i>
Ser professor da disciplina de História como falei antes, é você buscar acima de tudo

<p>mostrar que ao contrário do que todo mundo pensa a história não trabalha com o passado, a história nunca trabalhou com o passado, a história trabalha com o hoje, com o agora, com o presente, nós recorremos ao passado principalmente a partir das suas fontes históricas tanto materiais quanto imateriais para que nós possamos entender como o nosso universo, como nossa vida como a nossa mentalidade, nossos hábitos, costumes, crenças, a nossa cultura ela foi sendo mudada e construída, partindo da premissa que sempre tem um interesse por trás nada é feito sem uma intenção por trás [...]</p>
<p>[...]mas que é difícil você ser professor de uma disciplina onde os jovens de hoje estão cercados e viciados e dependentes de tecnologias, aliás, não somente os jovens, os adultos, todos nós vivemos com o número de vários aparelhos que utilizamos diariamente [...]</p>
<p><i>4.1 Como você entende a docência especificamente em história?</i></p>
<p>A docência em história ela ainda é mais complicada ao meu ver porque infelizmente ela acaba sendo muito abstrata, acaba não tocando no concreto[...]</p>
<p>[...] A docência em história ela requer umagama diretora muito diferente, mas ela peca em uma coisa q eu me lembro da nossa professora Fátima, a professora dizia é, que seria muito interessante se cada professor de história em cada disciplina ele tivesse ao final da terceira unidade tivesse como atividade final elaborar uma aula, um plano de aula, porque quando esse aluno sair do curso, se a gente paga por exemplo 20 disciplinas obrigatórias por exemplo, você vai ter teoricamente 20 planos de aulas e o mesmo vale para quem é bacharel, se em cada disciplina você faz um mini projeto de pesquisa, ao final do seu curso você tem 20 mini projeto de pesquisa que podem virar uma especialização, pode virar uma dissertação, uma tese e por aí vai.</p>
<p><i>5. E hoje qual seria a sua posição, seria uma posição de estar no meio?</i></p>
<p>Na verdade eu vou ser bem sincero, na verdade eu não tenho, eu não tenho como responder isso, pelo simples motivo, eu confesso que ainda estou muito decepcionado, ferido, machucado com tudo o que aconteceu, porque como eu falei, o próprio sistema cada profissional na área da educação é uma pequena engrenagem dentro de uma máquina maior e você acaba sendo engolido por essa máquina maior. Porque como eu falei, o que importa não é a formação humana, outra que é arrecadar recursos.</p>
<p>Então assim, vou ser muito sincero ao dizer que a vontade que eu tinha, até falei isso pra minha futura gestora, se é que ainda vai ser, é que se o aluno assinar com o dedão, 10 pontos, se o aluno faltar, 9.5, por quê?Pode parecer absurdo isso, mas não é não. Quando você se depara com um sistema que visa unicamente dados, números, não faz diferença.Tudo bem, o professor tem que pensar a metodologia, a didática, o objetivo, ver o que foi que ele errou, no que ele pode melhorar, mas nada disso vai adiantar porque nós estamos diante de uma geração completamente despreparada para tudo.</p>
<p>Tem muitas coisas que precisam ser levadas em consideração, mas o modelo que nós temos hoje é um modelo que não permite a construção do conhecimento e quando há essa possibilidade os alunos não aproveitam. É claro que enquanto nós professores nós precisamos sempre rever o que está acontecendo, mas assim não é fácil, não é fácil quando a coisa toma uma proporção pessoal, que foi o que aconteceu comigo.</p>
<p><i>6. E como se deu o processo de escolha de uma licenciatura? E porque a licenciatura em história?</i></p>
<p>Uma coisa mais engraçada, inusitada possível, na verdade a escolha pela licenciatura em História ela foi baseada pelo menos em dois pontos. Número 1, o fato de eu não ter passado em vestibulares anteriores nos quais eu tentava para outras áreas.</p>
<p><i>6.1 Quais eram as outras áreas?</i></p>

Principalmente na área de saúde, só que desde os cursinhos preparatórios pro vestibular e nos próprios vestibulares sempre ficava claro que eu sempre fui um aluno de humanas do que da área da biomédica. Isso foi sempre claro. Mas infelizmente às vezes a gente é... tem que apanhar muito para aprender a perceber essas coisas, até que chegou o momento que eu parei de fazer o vestibular porque tive que começar a trabalhar e eu acabei ficando para trás assim, e num momento que eu acabei saindo do meu trabalho eu optei em me dedicar em fazer novamente o vestibular, e foi nesse ano que eu parei e pensei que eu ia optar pelo curso que eu sempre gostei que foi história. É claro que quando você entra no curso é uma outra coisa, é um outro mundo, uma outra visão de mundo, da história. E em segundo lugar porque eu acabei me descobrindo como pessoa e até mesmo enquanto profissional em história que eu comecei pela questão de tirar o fardo “ah, de nunca ter passado no vestibular”, mas eu fui me descobrindo, me descobrindo, e é uma coisa que eu gosto muito. Só que hoje em dia é difícil parar para pensar nisso porque você acaba se frustrando muito com tanta coisa, mas foi basicamente assim.

7. *Comente quanto a sua atuação docente na Escola Estadual General Dióscoro do Vale qual seria o sentido para você de ser professor nesse momento?*

Sinceramente eu acho que não tem nem sentido, assim para ser bem sincero, não há sentido bem, no início quando eu entrei no curso, quando eu comecei a trabalhar

[...] são os inúmeros desafios que você se depara constantemente, é claro que desde o dia 23 de maio de 2013 quando eu tomei posse como professor até hoje, e claro que a mudança é extrema, em todos os sentidos de organização, de avaliação, de domínio de sala, eu conheço os alunos, eu percebo, já conheço as manhas deles, e a cada momento você vai aprendendo mais, é tanto que hoje em dia por tudo o que aconteceu comigo esse ano sinceramente eu até vejo, até me questiono se vale a pena continuar ensinando, se vale a pena ensinar história, talvez seja por isso que o Brasil está passando por esse caos, porque as pessoas não dão valor à história né? E muitos fatores, mas as coisas começaram de forma muito tumultuada por quê? Tem a ver muito com traços do meu perfil, da minha personalidade, porque eu sou aquele em que o que é certo é certo! E o que é errado é errado, o que, o que precisa ser feito será feito e eu irei procurar oferecer o melhor.

E aqui eu me lembro de uma fala um tanto infeliz de uma ex coordenadora minha, pedagógica em que ela falou o seguinte: em certo momento, diante do desastre que foram as notas, aliás, na disciplina de inglês, nem só em história, também mas em inglês, ela simplesmente chegou e disse o seguinte: a partir desse momento é melhor que você professor ensine só o verbo *to be* e eu fui o primeiro a olhar para ela, levantar a mão e rebater: não, olhe, isso está errado. A gente vai nivelar o conhecimento por baixo? Tudo aquilo que a gente aprendeu, tudo aquilo que a gente leu? Vamos oferecer uma coisa pouca só pra gente ter uma zona de conforto? E isso é o problema. Por quê? Porque a gente, o professor hoje em dia ele dependendo do local onde ele esteja, ele pode chegar com a melhor das intenções do mundo, de querer ajudar, de querer oferecer o melhor, só que aquele público não teve condição nenhuma de acompanhar. Mesmo que você venha a adaptar o seu cronograma, o conteúdo, as aulas, as avaliações, como já fiz isso, o resultado é negativo. E o que acontece? Você é constantemente chamado a diminuir o nível, o nível, o nível, até que você se veja obrigado como foi comigo a aprovar alunos, porque como eu falei, o que está em jogo não são nem a formação humana, o que está em jogo é recursos e dinheiro, o que move o mundo é recursos, seja na esfera estadual, municipal, particular, e eu diria até federal também.

[...] Por mais que você trabalhe, leve leituras, músicas, trechos de filmes, filmes, slides, exercícios, é um desinteresse completo, por quê? O desinteresse ele passa também pela minha pessoa e aí você tem que dar a mão a palmatória e a reconhecer os seus próprios erros. Como eu sempre cumpro o que é o certo, de horário, de disciplina, do não uso do celular em sala de aula, de fones, eu era visto como o vilão, eu sei que muitas vezes eu

<p>acabei sendo ríspido, eu acabei sendo grosseiro, nunca tive problema em pedir desculpas quando eu de fato reconhecia que estava errado, mas é difícil você trabalhar com aluno que não tem bagagem nenhuma, que não tem educação. Porque escola não é lugar de educação, escola é lugar de construção do conhecimento. Educação vem de casa, vem de família, vem de berço.</p>
<p>Então muitas vezes por cumprir o que foi combinado, eu acabei sendo o vilão da história. Quantas vezes eu fui acusado de está mexendo no whatsapp e no facebook porque eles querem usar o celular o tempo todinho.</p>
<p>[...] você passa a semana preparando a aula, os slides, traz imagens, faz comentários, e os alunos muitas vezes não estão nem aí... Você vai explicando você vai percebendo pelo olhar deles que eles não estão entendendo, aí quando chega os trabalhos, os exercícios, as avaliações e os resultados são negativos o quê que acontece?</p>
<p>[...] eu entendo que o poder do professor e o ser humano ele tem que ser maleável, mas eu não consigo ser tão maleável assim, ou é certo ou errado pra mim e isso acabou gerando problemas comigo porque se não é pra utilizar não vão usar, aí eu era acusado: ah, você é o único professor que não deixa fazer nada, n deixa tirar foto, n deixa gravar, etc. você é o único professor que fecha a sala quando vai p intervalo [...]</p>
<p><i>8. Como o professor José está encerrando esse ciclo?</i></p>
<p>Enquanto professor? Da pior forma possível, como eu falei, foi um ano extremamente desgastante, humilhante, onde as coisas tomaram proporção que eu não imaginaria, onde você não tem interesse de preparar uma boa aula, um bom material, de você pesquisar, de você se qualificar, essa é a impressão que passa, por que no final, no final das contas (voz trêmula) o que interessa é que seja aprovado, isso é o que na verdade acaba me machucando muito isso, assim, você chegar a escutar de uma pessoa, que lhe diz: olha, é o seguinte, próxima semana vamos ter o conselho de classe, se um aluno ficar só na sua disciplina ele será aprovado, certo? Esse é o recado que foi dado para mim, claro, da forma mais gentil possível, da forma mais educada possível, mas eu entendi o recado. Eu me estressar mais do que já me estressei? Tá entendendo que é uma coisa assim, é... Complicado. Eu me sinto perdido enquanto professor, eu acho que essa é a palavra mais acertada, perdido, tentando encontrar uma luz no final do túnel, se é que o túnel tem um final, se é que esse final é luminoso ou não.</p>
<p><i>9. Apesar de tudo isso, mas você ainda acredita na sua função e de outros profissionais também?</i></p>
<p>Claro, claro. A função, se a pergunta é, se eu acredito na função do professor, sim! Se eu acredito na minha função enquanto professor, eu n sei lhe responder.</p>
<p><i>10. É o q você compreende por formação continuada?</i></p>
<p>A formação continuada ela é extremamente importante porque infelizmente nós não temos tempo, tempo no sentido em que muitas vezes o professor precisar atuar em duas, três, quatro escolas, isso levando em consideração dois vínculos pelo menos, sem contar os professores que ainda trabalham em instituições privadas para ter um rendimento digno.</p>
<p>[...] muitas vezes você acaba literalmenterepetindo a sua mesma aula do sexto ano na escola municipal, na escola estadual, na escola privada porque você não tem tempo. A formação continuada ela visa o quê? Aprofundar questão [...] Ela vai trazer novas teorias, novas discussões, que muitas vezes, nós estamos completamente afastados disso até mesmo por causa do ritmo da vida, do ritmo do trabalho.</p>
<p>[...] Nós precisamos de metodologias e teorias que sejam aplicáveis em sala de aula.</p>

<p>Nós não podemos ficar muito numa discussão muito abstrata, não é que ela não é importante, mas eu vejo muitas vezes que fica nisso [...].</p>
<p>11. O que você compreende como formação continuada e como se dá a sua formação continuada?</p>
<p>[...] ela aconteceu quando uma colega nossa em comum, ela me procurou para também fazer um trabalho de mestrado onde nós tivemos justamente reuniões, discussões de textos teóricos, como esses textos podiam ser aplicados em sala de aula. Nós fizemos entrevista com os alunos, hora comigo, hora com os alunos, nos fizemos atividades praticas em sala de aula que depois foram revistas, e foram aperfeiçoadas de fato, mostraram entendimento, mas depois disso o tento sempre fazer é sempre Ler! Eu tento ler o máximo de informações em livros, em pesquisas que eu posso, para tentar agregar é... Novas informações.</p>
<p>[...] eu comecei essa semana a aplicar uma nova metodologia que é a chamada sala de aula invertida, [...] eu to começando a aplicar e eu acredito que vai ser um recurso muito bom, uma nova estratégia que deve render muitos benefícios. Claro, não existe receita pronta na Educação, não existe fórmula mágica, mas nós devemos o quê? Tentar! Vamo ver, ah, esse método deu certo? Não deu certo, por quê? Vamos ver, essa ferramenta didática deu certo? Não deu por quê? Então a gente busca tentar, então a minha formação hoje é basicamente através de leituras de livros no campo de educação, no campo de história e espero passar no “prof história” que vai com certeza me ajudar bastante, mas no dia dia dificilmente o professor que já tem 10, 15 anos ele vai... Parar para estudar, em que sentido? Ele vai preferir descansar, porque às vezes a jornada é tão desgastante, são tantas realidades, são tantos problemas que o professor enfrenta dentro da sala de aula como fora que é, ele prefere não, deixe eu descansar, deixe eu fazer o meu trabalho assim, claro, é, todo conhecimento é valido, mas muitas vezes o mais importante para o professor, o que mais vale é o que vai ser em sala de aula.</p>
<p>12. Você entende que na sala de aula também é uma formação continuada?</p>
<p>Sim, com certeza! Só pra você ter uma ideia, é, se nós pararmos para ver a outra entrevista, o momento que eu estava era um momento muito difícil, de muitos embates, hoje a relação que eu tenho com os meus alunos, com a escola que eu trabalho vem sendo outra porque, claro, a gente vai rever [...].</p>
<p>Hoje não, hoje tem situações na escola que acontecem e que não são da minha alçada, ah, coordenação? Coordenação resolva. Ah, gestão? Gestão resolva. Claro, eu estou sempre disposto a ajudar, mas eu não vou mais cometer esse erro. Então eu vejo muito isso assim, que essa formação continuada me ajudou bastante. E continua me ajudando porque até mesmo eu estou bem mais tranquilo, isso me ajudou bastante, não é que os problemas deixaram de existir, muito pelo contrário, mas o olhar, a postura, o dia dia vai ensinando.</p>
<p>13. O Estado proporciona essa formação continuada ao professor de história?</p>
<p>Não, não, não, (corta o entrevistador) Não tem acesso? Não! O que acontece é que se o professor, se o profissional por iniciativa própria ele não correr atrás, é... Ele não vai ter, e muitas vezes o que acontece é que no meu próprio horário que deveria ser planejamento eu acabo resolvendo problemas da escola, é assim, tem também a diferença mais sempre que possível eu tento corrigir trabalhos, elaboração de provas, elaboração das aulas, eu tento já pensar em outras atividades.</p>
<p>14. A coordenadora senta com vocês? Existe uma coordenadora pedagógica, ela senta com vocês?</p>
<p>[...] Nós não temos uma coordenadora, eu vou falar do matutino que é o meu turno, nós</p>

não temos, nós não temos.
<i>14.1 Acontece essa carência também com os seus colegas?</i>
Claro! Com certeza! Afirmo aqui, não tem coordenação pedagógica de manhã e tarde. Existe a noite, a geral.
<i>15. Existem cursos que a escola proporciona uma formação?</i>
Não! O que existe às vezes são algumas reuniões, principalmente a semana pedagógica, que de semana não tem nada (risos). Às vezes são dois, três dias. A gente sabe que na maioria das vezes isso é uma grande ilusão, uma grande miragem que acontece. Mas tirando isso não tem a... Mas o que acontece assim, isso até é uma ideia minha com outros colegas, a gente a cada final de unidade, 1º, 2º 3º, a gente senta pra ver quais são os problemas, as dificuldades dos alunos, das turmas.
[...] então assim, a gente senta, mas a gente não só fala do problema, a gente busca soluções.
Então assim, é, é, a forma, não de uma formação, mas nós estamos em momento de reuniões e reuniões que é também para tratar de eventos[...].
<i>16. Mais alguma colocação acerca da formação como um todo? O que você compreende o que você vivencia, a sua carência, a sua necessidade, o que você sente falta?</i>
O que eu vejo, o que eu sinto falta realmente é ter um fôlego pra estudar, porque assim, é... O quê que acontece, muitas vezes você vai, vai pro seu ambiente de trabalho, você mesmo num dia bom acontece muitas coisas, muitas coisas pra resolver, trabalho pra corrigir, aulas pra preparar e como você sai do seu ambiente de trabalho muitas vezes acontece algumas situações que vão acabar impedindo de você produzir, mesmo no seu, mesmo quando no seu horário de planejamento é garantido e na escola é garantido isso, o quê que acontece? Acabam surgindo muitas situações.
Mas eu vejo que falta é parar mesmo, assim... Porque assim, o que é uma aula? Se a gente for parar pra pensar são tantos elementos que compõe uma aula boa que a gente ver que na prática a gente não dá uma aula muito boa, por mais que a gente se esforce, por mais que a gente tente, são muitos elementos que tem que ser levado em consideração, e por mais que você busque correr atrás desses elementos para compor sua aula tem o fator humano que são os alunos, que vem de diversas situações, diversas realidades, que acabam interferindo. Hora positivamente, hora negativamente, então eu sinto muita falta disso de parar.
Eu sinto muita falta de não ter parado pra fazer um mestrado, pra ter feito um doutorado porque na realidade eu não podia fazer as duas coisas. Ou eu trabalhava ou eu fazia uma especialização, eu optei por trabalhar, mas em contrapartida eu nunca deixei de estudar, eu nunca deixei de ler, não é a toa que com o meu próprio trabalho hoje eu tenho a minha pequena biblioteca de livros que na época eu só podia ler em fotocópias. Então assim, eu to tentando sempre q possível ler, e eu sempre tento apesar das minhas limitações sejam teóricas, sejam metodológicas, trazer um olhar para situação. Nós sabemos q o nosso estado, nosso país, nossa região vem passando por um verdadeiro caos e eu sempre trago essas realidades quando eu vou discutir assuntos, seja no 6º, no 7º, 8º, no 9º e 1º ano. Mesmo assim eu tento trazer essas realidades [...].
[...] Então assim, é trazer um novo olhar, é literalmente trazer um pouco de luz em meio ao ambiente de trevas, no caso a ignorância!
<i>17. Para finalizar, mais alguma coisa?</i>
Deixar claro que eu vou buscar sempre fazer o meu melhor! Porque assim, é como eu

disse da outra vez, **existe uma tendência muito grande do profissional independente da sua área entrar num grande esquema [...].**

[...] mas eu acredito piamente que não existe outro caminho para transformar a vida de uma pessoa do que a educação, o ensino, o conhecimento. Uma pessoa que tem conhecimento ela jamais voltará a ser a mesma, jamais!

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

5.2 ETAPA DE SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES

A partir da conclusão da organização dos Pré-Indicadores produzidos nas entrevistas, os aglutinamos considerando as semelhanças e articulações existentes entre os temas, resultando nos indicadores. Segundo AGUIAR, SOARES e MACHADO (2015. o. 68) “sistematização dos indicadores tem como finalidade a negação do discurso tal como se apresenta, isto é, a negação do dito.”

Quadro 2: Aglutinação dos Pré-Indicadores em Indicadores

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
Bem, ser professor ultimamente tem sido tantas coisas, para mim ser professor, mas eu acredito que ser professor é ser aquele que ajuda na construção do conhecimento das pessoas, é aquele que vai buscar agregar algum tipo de conhecimento, vai buscar fazer com que aquele aluno, aquela aluna amplie o seu mundo, que ele tenha uma outra visão do mundo, que ele perceba dentro da nossa especificidade que é história que nada é natural, tudo é uma construção.	Ser professor de História e sua realidade
Porque infelizmente eu passei por situações muito desagradáveis e eu fiquei começando a questionar o que é ser professor no Brasil? Ser professor no Brasil muitas vezes é você se deparar com algumas posições, ou você é mais um no sistema, ou você é chamado a abandonar e seguir uma outra carreira qualquer ou você... é chamado a entrar num Estado de insanidade.	
Ser professor da disciplina de História como falei antes é você buscar acima de tudo mostrar que ao contrário do que todo mundo pensa a história não trabalha com o passado, a história nunca trabalhou com o passado, a história trabalha com o hoje, com o agora, com o presente, nós recorremos ao passado principalmente a partir das suas fontes históricas tanto	

<p>materiais quanto imateriais para que nós possamos entender como o nosso universo, como nossa vida como a nossa mentalidade, nossos hábitos, costumes, crenças, a nossa cultura ela foi sendo mudada e construída, partindo da premissa que sempre tem um interesse por trás nada é feito sem uma intenção por trás.</p>	
<p>Ser professor da disciplina de História como falei antes, é você buscar acima de tudo mostrar que ao contrário do que todo mundo pensa a história não trabalha com o passado, a história nunca trabalhou com o passado, a história trabalha com o hoje, com o agora, com o presente, nós recorremos ao passado principalmente a partir das suas fontes históricas tanto materiais quanto imateriais para que nós possamos entender como o nosso universo, como nossa vida como a nossa mentalidade, nossos hábitos, costumes, crenças, a nossa cultura ela foi sendo mudada e construída, partindo da premissa que sempre tem um interesse por trás nada é feito sem uma intenção por trás [...]</p>	
<p>[...] são os inúmeros desafios que você se depara constantemente, é claro que desde o dia 23 de maio de 2013 quando eu tomei posse como professor até hoje, e claro que a mudança é extrema, em todos os sentidos de organização, de avaliação, de domínio de sala, eu conheço os alunos, eu percebo, já conheço as manhas deles, e a cada momento você vai aprendendo mais, é tanto que hoje em dia por tudo o que aconteceu comigo esse ano sinceramente eu até vejo, até me questiono se vale a pena continuar ensinando, se vale a pena ensinar história, talvez seja por isso que o Brasil está passando por esse caos, porque as pessoas não dão valor à história ne? E muitos fatores, mas as coisas começaram de forma muito tumultuada por quê? Tem a ver muito com traços do meu perfil, da minha personalidade, porque eu sou aquele em que o que é certo é certo! E o que é errado é errado, o que, o que precisa ser feito será feito e eu irei procurar oferecer o melhor.</p>	
<p>[...] você passa a semana preparando a aula, os slides, traz imagens, faz comentários, e os alunos muitas vezes não estão nem aí... Você vai explicando você vai percebendo pelo olhar deles que eles não estão entendendo, aí quando chega os trabalhos, os exercícios, as</p>	

avaliações e os resultados são negativos o quê que acontece?	
[...] é mostrar que nós fomos produtos e produtores do nosso meio mas que é difícil você ser professor de uma disciplina onde os jovens de hoje estão cercados e viciados e dependentes de tecnologias, aliás, não somente os jovens, os adultos, todos nós vivemos com o número de vários aparelhos que utilizamos diariamente.	Dificuldades de ser professor de História
mas que é difícil você ser professor de uma disciplina onde os jovens de hoje estão cercados e viciados e dependentes de tecnologias, aliás, não somente os jovens, os adultos, todos nós vivemos com o número de vários aparelhos que utilizamos diariamente [...]	
O que é ser professor? Ser professor é você buscar construir conhecimento e aptidões , a docência é um, no caso, a docência na UFRN, na Instituição Federal, numa licenciatura ela visa assim, oferecer na medida do possível conhecimentos aprofundados na sua área em questão e tentar lhe preparar mesmo que minimamente claro, para atuação e aqui é a grande falha da docência nos cursos de licenciatura não prepara você para ser professor, a licenciatura lhe prepara para você ter algumas ferramentas que vão te possibilitar a isso, mas é o dia dia que vai fazer você ser professor, a docência de fato, de forma muito concreta ela acontece onde? Em sala de aula, em cada escola, em cada horário, em cada turma. É assim que acontece a docência.	Compreensão da Docência
[...] Então assim, é trazer um novo olhar, é literalmente trazer um pouco de luz em meio ao ambiente de trevas, no caso a ignorância!	
[...] mas eu acredito piamente que não existe outro caminho para transformar a vida de uma pessoa do que a educação, o ensino, o conhecimento. Uma pessoa que tem conhecimento ela jamais voltará a ser a mesma, jamais!	
A docência em história ela ainda é mais complicada ao meu ver porque infelizmente ela acaba sendo muito abstrata, acaba não tocando no concreto[...]	Dificuldades da Docência em História
[...] A docência em história ela requer umagama diretora muito diferente, mas ela peca em uma coisa q eu me lembro da nossa professora Fátima, a professora dizia é, que seria muito interessante se cada professor de história em cada disciplina ele tivesse ao final da terceira unidade tivesse como atividade	

<p>final elaborar uma aula, um plano de aula, porque quando esse aluno sair do curso, se a gente paga por exemplo 20 disciplinas obrigatórias por exemplo, você vai ter teoricamente 20 planos de aulas e o mesmo vale para quem é bacharel, se em cada disciplina você faz um mini projeto de pesquisa, ao final do seu curso você tem 20 mini projeto de pesquisa que podem virar uma especialização, pode virar uma dissertação, uma tese e por aí vai.</p>	
<p>Na verdade eu vou ser bem sincero, na verdade eu não tenho, eu não tenho como responder isso, pelo simples motivo, eu confesso que ainda estou muito decepcionado, ferido, machucado com tudo o que aconteceu, porque como eu falei, o próprio sistema cada profissional na área da educação é uma pequena engrenagem dentro de uma máquina maior e você acaba sendo engolido por essa máquina maior. Porque como eu falei, o que importa não é a formação humana, outra que é arrecadar recursos.</p>	<p>POSICIONAMENTO ENQUANTO PROFESSOR</p>
<p>Então assim, vou ser muito sincero ao dizer que a vontade que eu tinha, até falei isso pra minha futura gestora, se é que ainda vai ser, é que se o aluno assinar com o dedão, 10 pontos, se o aluno faltar, 9.5, por quê? Pode parecer absurdo isso, mas não é não. Quando você se depara com um sistema que visa unicamente dados, números, não faz diferença. Tudo bem, o professor tem que pensar a metodologia, a didática, o objetivo, ver o que foi que ele errou, no que ele pode melhorar, mas nada disso vai adiantar porque nós estamos diante de uma geração completamente despreparada para tudo.</p>	
<p>Tem muitas coisas que precisam ser levadas em consideração, mas o modelo que nós temos hoje é um modelo que não permite a construção do conhecimento e quando há essa possibilidade os alunos não aproveitam. É claro que enquanto nós professores nós precisamos sempre rever o que está acontecendo, mas assim não é fácil, não é fácil quando a coisa toma uma proporção pessoal, que foi o que aconteceu comigo.</p>	
<p>E aqui eu me lembro de uma fala um tanto infeliz de uma ex coordenadora minha, pedagógica em que ela falou o seguinte: em certo momento, diante do desastre que foram as notas, aliás, na disciplina de inglês, nem só em história, também mas em inglês, ela simplesmente chegou e disse o seguinte: a</p>	

<p>partir desse momento é melhor que você professor ensine só o verbo <i>to be</i> e eu fui o primeiro a olhar para ela, levantar a mão e rebater: não, olhe, isso está errado. A gente vai nivelar o conhecimento por baixo? Tudo aquilo que a gente aprendeu, tudo aquilo que a gente leu? Vamos oferecer uma coisa pouca só pra gente ter uma zona de conforto? E isso é o problema. Por quê? Porque a gente, o professor hoje em dia ele dependendo do local onde ele esteja, ele pode chegar com a melhor das intenções do mundo, de querer ajudar, de querer oferecer o melhor, só que aquele público não teve condição nenhuma de acompanhar. Mesmo que você venha a adaptar o seu cronograma, o conteúdo, as aulas, as avaliações, como já fiz isso, o resultado é negativo. E o que acontece? Você é constantemente chamado a diminuir o nível, o nível, o nível, até que você se veja obrigado como foi comigo a aprovar alunos, porque como eu falei, o que está em jogo não são nem a formação humana, o que está em jogo é recursos e dinheiro, o que move o mundo é recursos, seja na esfera estadual, municipal, particular, e eu diria até federal também.</p>	
<p>Deixar claro que eu vou buscar sempre fazer o meu melhor! Porque assim, é como eu disse da outra vez, existe uma tendência muito grande do profissional independente da sua área entrar num grande esquema [...].</p>	
<p>Uma coisa mais engraçada, inusitada possível, na verdade a escolha pela licenciatura em História ela foi baseada pelo menos em dois pontos. Número 1, o fato de eu não ter passado em vestibulares anteriores nos quais eu tentava para outras áreas.</p>	<p>A ESCOLHA PELA LICENCIATURA</p>
<p>Principalmente na área de saúde, só que desde os cursinhos preparatórios pro vestibular e nos próprios vestibulares sempre ficava claro que eu sempre fui um aluno de humanas do que da área da biomédica. Isso foi sempre claro. Mas infelizmente às vezes a gente é... tem que apanhar muito para aprender a perceber essas coisas, até que chegou o momento que eu parei de fazer o vestibular porque tive que começar a trabalhar e eu acabei ficando para trás assim, e num momento que eu acabei saindo do meu trabalho eu optei em me dedicar em fazer novamente o vestibular, e foi nesse ano que eu parei e pensei que eu ia optar pelo curso que eu</p>	

<p>sempre gostei que foi história. É claro que quando você entra no curso é uma outra coisa, é um outro mundo, uma outra visão de mundo, da história. E em segundo lugar porque eu acabei me descobrindo como pessoa e até mesmo enquanto profissional em história que eu comecei pela questão de tirar o fardo “ah, de nunca ter passado no vestibular”, mas eu fui me descobrindo, me descobrindo, e é uma coisa que eu gosto muito. Só que hoje em dia é difícil parar para pensar nisso porque você acaba se frustrando muito com tanta coisa, mas foi basicamente assim.</p>	
<p>Sinceramente eu acho que não tem nem sentido, assim para ser bem sincero, não há sentido bem, no início quando eu entrei no curso, quando eu comecei a trabalhar [...]</p>	<p>SENTIDO DE SER PROFESSOR</p>
<p>[...] Por mais que você trabalhe, leve leituras, músicas, trechos de filmes, filmes, slides, exercícios, é um desinteresse completo, por quê? O desinteresse ele passa também pela minha pessoa e aí você tem que dar a mão a palmatória e a reconhecer os seus próprios erros. Como eu sempre cumpri o que é o certo, de horário, de disciplina, do não uso do celular em sala de aula, de fones, eu era visto como o vilão, eu sei que muitas vezes eu acabei sendo ríspido, eu acabei sendo grosseiro, nunca tive problema em pedir desculpas quando eu de fato reconhecia que estava errado, mas é difícil você trabalhar com aluno que não tem bagagem nenhuma, que não tem educação. Porque escola não é lugar de educação, escola é lugar de construção do conhecimento. Educação vem de casa, vem de família, vem de berço.</p>	<p>DESINTERESSE PELA PROFISSÃO</p>
<p>[...] eu entendo que o poder do professor e o ser humano ele tem que ser maleável, mas eu não consigo ser tão maleável assim, ou é certo ou errado pra mim e isso acabou gerando problemas comigo porque se não é pra utilizar não vão usar, aí eu era acusado: ah, você é o único professor que não deixa fazer nada, n deixa tirar foto, n deixa gravar, etc. você é o único professor que fecha a sala quando vai p intervalo [...]</p>	<p>RECONHECIMENTO DE SUAS AÇÕES</p>
<p>Enquanto professor? Da pior forma possível, como eu falei, foi um ano extremamente desgastante, humilhante, onde as coisas tomaram proporção que eu não imaginaria, onde você não tem interesse de preparar uma boa aula, um</p>	

<p>bom material, de você pesquisar, de você se qualificar, essa é a impressão que passa, por que no final, no final das contas (voz trêmula) o que interessa é que seja aprovado, isso é o que na verdade acaba me machucando muito isso, assim, você chegar a escutar de uma pessoa, que lhe diz: olha, é o seguinte, próxima semana vamos ter o conselho de classe, se um aluno ficar só na sua disciplina ele será aprovado, certo? Esse é o recado que foi dado para mim, claro, da forma mais gentil possível, da forma mais educada possível, mas eu entendi o recado. Eu me estressar mais do que já me estressei? Tá entendendo que é uma coisa assim, é... Complicado. Eu me sinto perdido enquanto professor, eu acho que essa é a palavra mais acertada, perdido, tentando encontrar uma luz no final do túnel, se é que o túnel tem um final, se é que esse final é luminoso ou não.</p>	
<p>O que eu vejo, o que eu sinto falta realmente é ter um fôlego pra estudar, porque assim, é... O quê que acontece, muitas vezes você vai, vai pro seu ambiente de trabalho, você mesmo num dia bom acontece muitas coisas, muitas coisas pra resolver, trabalho pra corrigir, aulas pra preparar e como você sai do seu ambiente de trabalho muitas vezes acontece algumas situações que vão acabar impedindo de você produzir, mesmo no seu, mesmo quando no seu horário de planejamento é garantido e na escola é garantido isso, o quê que acontece? Acabam surgindo muitas situações.</p>	
<p>Mas eu vejo que falta é parar mesmo, assim... Porque assim, o que é uma aula? Se a gente for parar pra pensar são tantos elementos que compõe uma aula boa que a gente ver que na prática a gente não dá uma aula muito boa, por mais que a gente se esforce, por mais que a gente tente, são muitos elementos que tem que ser levado em consideração, e por mais que você busque correr atrás desses elementos para compor sua aula tem o fator humano que são os alunos, que vem de diversas situações, diversas realidades, que acabam interferindo. Hora positivamente, hora negativamente, então eu sinto muita falta disso de parar.</p>	<p>COMPREENSÃO ACERCA DA FORMAÇÃO CONTINUADA</p>
<p>Eu sinto muita falta de não ter parado pra fazer um mestrado, pra ter feito um doutorado porque na realidade eu não podia</p>	

<p>fazer as duas coisas. Ou eu trabalhava ou eu fazia uma especialização, eu optei por trabalhar, mas em contrapartida eu nunca deixei de estudar, eu nunca deixei de ler, não é a toa que com o meu próprio trabalho hoje eu tenho a minha pequena biblioteca de livros que na época eu só podia ler em fotocópias. Então assim, eu to tentando sempre q possível ler, e eu sempre tento apesar das minhas limitações sejam teóricas, sejam metodológicas, trazer um olhar para situação. Nós sabemos q o nosso estado, nosso país, nossa região vem passando por um verdadeiro caos e eu sempre trago essas realidades quando eu vou discutir assuntos, seja no 6º, no 7º, 8º, no 9º e 1º ano. Mesmo assim eu tento trazer essas realidades [...].</p>	
<p>[...] Nós precisamos de metodologias e teorias que sejam aplicáveis em sala de aula. Nós não podemos ficar muito numa discussão muito abstrata, não é que ela não é importante, mas eu vejo muitas vezes que fica nisso [...].</p>	
<p>[...] ela aconteceu quando uma colega nossa em comum, ela me procurou para também fazer um trabalho de mestrado onde nós tivemos justamente reuniões, discussões de textos teóricos, como esses textos podiam ser aplicados em sala de aula. Nós fizemos entrevista com os alunos, hora comigo, hora com os alunos, nos fizemos atividades praticas em sala de aula que depois foram revistas, e foram aperfeiçoadas de fato, mostraram entendimento, mas depois disso o tento sempre fazer é sempre Ler! Eu tento ler o máximo de informações em livros, em pesquisas que eu posso, para tentar agregar é... Novas informações.</p>	
<p>Sim, com certeza! Só pra você ter uma ideia, é, se nós pararmos para ver a outra entrevista, o momento que eu estava era um momento muito difícil, de muitos embates, hoje a relação que eu tenho com os meus alunos, com a escola que eu trabalho vem sendo outra porque, claro, a gente vai rever [...].</p>	<p>RELAÇÃO COM A ESCOLA E OS ALUNOS</p>
<p>Hoje não, hoje tem situações na escola que acontecem e que não são da minha alçada, ah, coordenação? Coordenação resolva. Ah, gestão? Gestão resolva. Claro, eu estou sempre disposto a ajudar, mas eu não vou mais cometer esse erro. Então eu vejo muito isso assim, que essa formação continuada me ajudou bastante. E continua me ajudando porque até mesmo</p>	

eu estou bem mais tranquilo, isso me ajudou bastante, não é que os problemas deixaram de existir, muito pelo contrário, mas o olhar, a postura, o dia dia vai ensinando.	
[...] Nós não temos uma coordenadora, eu vou falar do matutino que é o meu turno, nós não temos, nós não temos.	O ESTADO, A ESCOLA E A CONCRETIZAÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA
Claro! Com certeza! Afirmando aqui, não tem coordenação pedagógica de manhã e tarde. Existe a noite, a geral.	
Não! O que existe às vezes são algumas reuniões, principalmente a semana pedagógica, que de semana não tem nada (risos). Às vezes são dois, três dias. A gente sabe que na maioria das vezes isso é uma grande ilusão, uma grande miragem que acontece. Mas tirando isso não tem a... Mas o que acontece assim, isso até é uma ideia minha com outros colegas, a gente a cada final de unidade, 1º, 2º 3º, a gente senta pra ver quais são os problemas, as dificuldades dos alunos, das turmas.	
[...] então assim, a gente senta, mas a gente não só fala do problema, a gente busca soluções.	
Então assim, é, é, a forma, não de uma formação, mas nós estamos em momento de reuniões e reuniões que é também para tratar de eventos[...].	

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

5.3 ETAPA DE CONSTRUÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Ao final do processo de aglutinação dos Pré-Indicadores em Indicadores, chegamos ao momento da construção dos Núcleos de Significação em que chegamos à síntese, aqui pretendemos superar o discurso aparente, descolado da realidade social e histórica.

Quadro 3: Etapa de Construção dos Núcleos de Significação - Síntese

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
[...] ser professor é ser aquele que ajuda na construção do conhecimento das pessoas, é aquele que vai buscar agregar algum tipo de conhecimento, vai buscar fazer com que aquele aluno, aquela aluna amplie o seu mundo [...].	Ser professor de História: A vivência pedagógica e o reconhecimento de suas dificuldades e limitações.
[...] é você buscar acima de tudo mostrar que ao contrário do que todo mundo pensa a história não trabalha com o passado, a história nunca trabalhou com o	

passado, a história trabalha com o hoje, com o agora, com o presente, nós recorremos ao passado [...]	
[...] é você buscar acima de tudo mostrar que ao contrário do que todo mundo pensa a história não trabalha com o passado, a história nunca trabalhou com o passado, a história trabalha com o hoje, com o agora, com o presente [...].	
[...] são os inúmeros desafios que você se depara constantemente [...]	
[...] até me questiono se vale a pena continuar ensinando, se vale a pena ensinar história [...].	
[...] Tem a ver muito com traços do meu perfil, da minha personalidade, porque eu sou aquele em que o que é certo é certo! E o que é errado é errado [...].	
[...] você passa a semana preparando a aula, os slides, traz imagens, faz comentários, e os alunos muitas vezes não estão nem aí... [...]	
[...]mas que é difícil você ser professor de uma disciplina onde os jovens de hoje estão cercados e viciados e dependentes de tecnologias [...].	
[...] Ser professor é você buscar construir conhecimento e aptidões [...].	
[...] Então assim, é trazer um novo olhar, é literalmente trazer um pouco de luz em meio ao ambiente de trevas, no caso a ignorância!	
A docência em história ela ainda é mais complicada ao meu ver porque infelizmente ela acaba sendo muito abstrata, acaba não tocando no concreto[...]	
[...] A docência em história ela requer umagama diretora muito diferente [...].	
[...] É claro que enquanto nós professores nós precisamos sempre rever o que está acontecendo, mas assim não é fácil, não é fácil quando a coisa toma uma proporção pessoal, que foi o que aconteceu comigo[...].	
[...] Vamos oferecer uma coisa pouca só pra gente ter uma zona de conforto? E isso é o problema [...].	
Sinceramente eu acho que não tem nem sentido, assim para ser bem sincero, não há sentido bem, no início quando eu entrei no curso, quando eu comecei a trabalhar [...]	A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA E O SENTIDO DE SER PROFESSOR
[...] Por mais que você trabalhe, leve leituras, músicas, trechos de filmes, filmes, slides, exercícios, é um desinteresse completo, por quê? O desinteresse ele passa também pela minha	

<p>peessoa e aí você tem que dar a mão a palmatória e a reconhecer os seus próprios erros [...].</p>	
<p>[...] Se a gente for parar pra pensar são tantos elementos que compõe uma aula boa que a gente ver que na prática a gente não dá uma aula muito boa, por mais que a gente se esforce, por mais que a gente tente, são muitos elementos que tem que ser levado em consideração, e por mais que você busque correr atrás desses elementos para compor sua aula tem o fator humano que são os alunos, que vem de diversas situações, diversas realidades, que acabam interferindo. Hora positivamente, hora negativamente [...].</p>	
<p>Eu sinto muita falta de não ter parado pra fazer um mestrado, pra ter feito um doutorado porque na realidade eu não podia fazer as duas coisas [..]. [...] Então assim, eu to tentando sempre que possível ler, e eu sempre tento apesar das minhas limitações sejam teóricas, sejam metodológicas, trazer um olhar para situação.</p>	
<p>[...] Nós precisamos de metodologias e teorias que sejam aplicáveis em sala de aula. Nós não podemos ficar muito numa discussão muito abstrata, não é que ela não é importante, mas eu vejo muitas vezes que fica nisso [...].</p>	
<p>[...] ela aconteceu quando uma colega nossa em comum, ela me procurou para também fazer um trabalho de mestrado onde nós tivemos justamente reuniões, discussões de textos teóricos, como esses textos podiam ser aplicados em sala de aula. [...] Eu tento ler o máximo de informações [...].</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Alcançados os resultados expostos acima, avançamos para o processo de interpretação dos núcleos de significação. Neste momento da pesquisa percebemos contradições e concordâncias reveladas pelo sujeito durante o processo das entrevistas. As informações contidas nos dois núcleos de significações são resultados importantes que revelam sobre as significações atribuídas ao professor. Aqui percebemos as dificuldades, anseios, desejos, a responsabilidade e dedicação do professor em sua vivência pedagógica.

As informações contidas nos dois núcleos de significações supracitados são reveladoras de movimentos expressos pelo professor, nele

percebemos o seu reconhecimento quanto a tomadas de decisões, concepções e ações no espaço escolar, reconhece ainda a necessidade de buscar formação continuada através de cursos e programas de Pós-Graduação. A seguir, avançamos na apreensão das significações atribuídas por esse sujeito.

CAPÍTULO VI: INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES: SIGNIFICAÇÕES ATRIBUÍDAS A ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Considerando as palavras com significado, apresentamos nossa interpretação acerca das significações atribuídas à atividade pedagógica de um professor de História. Assim, finalizando a transcrição das entrevistas, realizamos leituras flutuantes com o objetivo de nos apropriarmos do discurso do professor, sujeito de nossa pesquisa.

Com isso, realizamos o levantamento dos pré-indicadores, ou seja, das falas com significados enunciadas pelo sujeito, em seguida articulamos os pré-indicadores em indicadores e por fim, a partir dos indicadores, inferimos e sistematizamos os núcleos de significação dando continuidade ao processo de aproximação das zonas de sentido que constitui o sujeito da nossa pesquisa com relação às significações atribuídas a atividade pedagógica.

Consideramos, portanto, neste capítulo, as significações atribuídas a atividade pedagógica produzidos pelo professor José, compreendendo-o a partir da sua relação com o mundo, com o contexto sócio-histórico no qual se configura sua maneira de pensar, sentir e agir como professor de História do Ensino Fundamental anos finais.

Neste capítulo, apresentamos a interpretação dos seguintes núcleos de significação: 1) Ser professor de História: A vivência pedagógica e o reconhecimento de suas dificuldades e limitações e 2) A compreensão da formação continuada e o sentido do ser professor.

No primeiro núcleo José revela os sentimentos antagônicos em sua atividade pedagógica na disciplina de História, nele desvela a sua compreensão acerca do que é ser professor, bem como reconhece suas ações e dificuldades. Porém, percebemos que prevalece um sentimento de insatisfação às questões apresentadas. O segundo núcleo apresenta a compreensão e o sentido atribuído por

José à formação continuada. A seguir, apresentamos como cada um destes núcleos constitui as zonas de sentido do professor José.

6.1 NÚCLEO 1: SER PROFESSOR DE HISTÓRIA: A VIVÊNCIA PEDAGÓGICA E O RECONHECIMENTO DE SUAS DIFICULDADES E LIMITAÇÕES

Este núcleo de significação foi sistematizado a partir da aglutinação dos seguintes indicadores: ***ser professor é ser aquele que ajuda na construção do conhecimento das pessoas, é aquele que vai buscar agregar algum tipo de conhecimento, vai buscar fazer com que aquele aluno, aquela aluna amplie o seu mundo; [...] Ser professor é você buscar construir conhecimento e aptidões [...]; [...] Então assim, é trazer um novo olhar, é literalmente trazer um pouco de luz em meio ao ambiente de trevas, no caso a ignorância!*** Esses indicadores expressam o sentimento de José em relação ao ser professor, sentimento esse que parece trazer uma perspectiva exitosa a sua atividade.

Nesta fala percebemos a sua definição do que é ser professor e o seu papel a ser desenvolvido nos alunos, bem como as possibilidades que são criadas a partir da docência. A constituição desse núcleo revela os significados e, sobretudo, os sentidos do professor José em relação à atividade pedagógica, à docência.

Mais adiante, refletindo sobre o que é ser professor em contexto nacional José responde:

[...] são os inúmeros desafios que você se depara constantemente [...].

[...] até me questiono se vale a pena continuar ensinando, se vale a pena ensinar história [...].

Por meio dessa interlocução, José expressa uma determinada contraposição ao que foi dito em princípio, tornando a ideia do ser professor em contexto nacional um convite a insanidade, ainda em seu depoimento percebemos um estado emocional desgastado devido a situações vivenciadas no contexto escolar.

Assim, podemos perceber conflitos vivenciados no contexto escolar expressa a partir da fala do sujeito. José externa o seu sentimento de dúvida em relação a dar seguimento em sua atividade pedagógica. E reconhece que parte desses conflitos são em decorrência de suas ações, traços e perfil pessoal e profissional:

[...] Tem a ver muito com traços do meu perfil, da minha personalidade, porque eu sou aquele em que o que é certo é certo! E o que é errado é errado [...].

Diante dessa dificuldade reconhecida por José, ele relata acerca de suas expectativas ao planejar e preparar as aulas vindouras:

[...] você passa a semana preparando a aula, os slides, traz imagens, faz comentários, e os alunos muitas vezes não estão nem aí... [...]

Quando a realidade da sala de aula não corresponde a sua expectativa, idealizada desde o momento do planejamento, José se vê frustrado e entende que os jovens de hoje estão dependentes de tecnologias que os afasta do conteúdo trabalhado em sala de aula:

[...] mas que é difícil você ser professor de uma disciplina onde os jovens de hoje estão cercados e viciados e dependentes de tecnologias [...].

Aqui nos reportamos a Codo (1999, p. 39) que nos diz que o professor “possui ampla liberdade de ação para criar, definir ritmos, definir as seqüências das atividades a serem realizadas.” Neste sentido, compreendemos que se faz importante que o professor utilize as tecnologias a favor da educação. Deve entendê-la como um conjunto de ferramentas que o proporciona possibilidades para construção tanto do seu conhecimento quanto de seus alunos.

Utilizar a tecnologia a favor da educação é compreendê-la como um suporte auxiliar na busca da qualidade do processo educacional, visto que “Tecnologia é um conjunto de discursos, práticas, valores e efeitos sociais ligados a uma técnica particular num campo particular” (VALNTE, 1997, 76).

Assim, cabe ao professor a percepção de que não é possível combater o uso das tecnologias, mas devemos nos aliar a esta ferramenta e compreendê-la

como possibilidade de ensino, aliando o que se tem de atrativo, de desafiador para si e para o seu aluno, valorizando suas idéias e mantendo-os nas salas de aula.

Nesta medida, os recursos tecnológicos são para ajudar no processo de ensino aprendizagem, onde o professor pode perceber quais são os recursos e como devem ser utilizados em sala de aula, partindo da realidade de sua vivência pedagógica.

Em andamento, neste núcleo destacamos ainda a fala de José que nos revela:

[...] É claro que enquanto nós professores, nós precisamos sempre rever o que está acontecendo, mas assim não é fácil, não é fácil quando a coisa toma uma proporção pessoal, que foi o que aconteceu comigo[...].

Nessa fala percebemos uma contradição do sujeito, haja vista, revelar que o professor deve sempre rever o que está acontecendo, tanto no sentido da sala de aula, quanto no que acontece no espaço escolar. Podemos observar que nesse momento o sujeito tem a sua voz trêmula e fadigada repetindo algumas palavras, nos levando a compreender as suas indicações de cansaço e intensidade no que expressava, pois estava também revelando acontecimentos passados no ambiente escolar, tais como, desentendimento com algumas turmas e com o corpo gestor.

Em contrapartida, dando continuidade a entrevista, José se revela preocupado com as imposições pedagógicas feitas na Escola, demonstra-se questionador quanto às formas de avaliação e teme no tocante ao rendimento escolar e pelo conseqüente número de reprovação quando nos diz:

[...] Vamos oferecer uma coisa pouca só pra gente ter uma zona de conforto? E isso é o problema [...].

Aqui percebemos então uma relação de compromisso com a sua atividade pedagógica, onde o sujeito questiona o que se deve oferecer de fato aos

seus estudantes. Onde para ele, sair dessa chamada zona de conforto talvez não seja fácil por exigir disposição e competência, porém entende a necessidade desse momento.

6.2 NÚCLEO 2: A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA E O SENTIDO DO SER PROFESSOR

Neste núcleo 2, intitulado “A compreensão da formação continuada e o sentido do ser professor”, por meio de seus indicadores, expressamos a compreensão, as expectativas e os desafios do professor de História do Ensino Fundamental anos finais – sujeito de nossa pesquisa - acerca da atividade pedagógica, constituindo o seu vínculo com a atividade realizada no Ensino Fundamental.

Para o desenvolvimento da interpretação deste núcleo, consideramos a articulação dos indicadores que revelam às significações atribuídas a formação continuada do professor de história acerca de sua atividade pedagógica, nela é revelada a compreensão acerca da formação continuada, bem como as significações de José no que concerne a atividade pedagógica.

Nesta análise, destacamos alguns indicadores que revelam as significações de José: **“Sinceramente eu acho que não tem nem sentido; assim para ser bem sincero, não há sentido; Por mais que você trabalhe, leve leituras, músicas, trechos de filmes, filmes, slides, exercícios, é um desinteresse completo; O desinteresse ele passa também pela minha pessoa; A gente ver que na prática a gente não dá uma aula muito boa.”**

Ao inferirmos e sistematizarmos os indicadores correspondentes a esse núcleo, chegamos a algumas possibilidades acerca do trabalho proposto, o que diante do momento de tensão e conflito vivenciado, percebemos na fala de José o seu sentimento de desânimo e ausência de sentido em sua atividade pedagógica.

[...] Por mais que você trabalhe, leve leituras, músicas, trechos de filmes, filmes, slides, exercícios, é um desinteresse completo, por quê? O

desinteresse ele passa também pela minha pessoa e aí você tem que dar a mão a palmatória e a reconhecer os seus próprios erros [...].

No desvelar desta fala tratamos acerca do desejo, da vontade, daquilo que aproxima ou distância da atividade. Ao falarmos em desejo, o compreendemos como sentimento forte, do querer ao ponto de não medir esforços para alcançar aquilo que se deseja, sendo este o sentimento de querer e de esforço que está “guardado” de acordo com a fala de José.

Assim, o professor no desenvolvimento de suas atividades deve estar imbuído de tal sentimento, o desejo pelo desenvolvimento de seu trabalho, quando o indivíduo pensa na coisa desejada aumenta a tensão psíquica, ficando como alvo de motivação que o levará a agir no sentido de satisfazer o desejo surgido, sendo este desejo próprio de seres inacabados, pois um ser que não carecesse de nada não desejaria nada.

Cabe ainda nesta fala atentarmos para necessidade de uma reflexão acerca da práxis pedagógica, nesta perspectiva, a José, faz-se necessário refletir acerca da sua atividade pedagógica e quando falamos de práxis, nos referimos à percepção de que a atividade docente exige prática e ação, onde o exercício da reflexão é parte integrante no desenvolvimento de sua atividade pedagógica, resultando na (re)significação do conceito de professor, de aluno, de aula e de aprendizagem.

Neste sentido, destacamos na fala de José “[...] **Se a gente for parar pra pensar são tantos elementos que compõe uma aula boa que a gente ver que na prática a gente não dá uma aula muito boa, por mais que a gente se esforce, por mais que a gente tente, são muitos elementos que tem que ser levado em consideração, e por mais que você busque correr atrás desses elementos para compor sua aula tem o fator humano que são os alunos, que vem de diversas situações, diversas realidades, que acabam interferindo. Hora positivamente, hora negativamente [...].**” Aqui percebemos que José nos conduz a uma reflexão acerca dos elementos que constituem uma boa aula e ao mesmo tempo, revela que por mais que haja esforço por parte do professor, uma boa aula

não está somente sob o controle e domínio deste, mas também nas questões humanas e de contribuição dos alunos que interferem tanto positivamente quanto negativamente.

Diante desta revelação nos remetemos a Antunes (2006, p. 54) que nos indica que o professor precisa conquistar o aluno, utilizar a transmissão de conhecimento de forma positiva, a fim de envolvê-lo, motivá-lo com palavras de incentivo e expressões positivas, pois o grau de envolvimento afetivo e emocional do professor interfere positiva ou negativamente no processo de aprendizagem do aluno.

Nesta via, compreendemos que são inúmeros os elementos constituintes para efetivação de uma aula, estando entre eles as questões humanas e as relações entre os sujeitos, neste caso, professor e aluno. É importante perceber as interações sociais, onde a construção do conhecimento ocorre a partir do processo de interação.

Na segunda entrevista realizada com o nosso sujeito, o professor José, questionamos de forma mais pontual e específica acerca das questões que pretendemos apreender nesta pesquisa. Tratamos, pois, de sua compreensão acerca da formação continuada, em seguida, inferimos na análise como pré-indicadores e indicadores as seguintes revelações:

“Eu sinto muita falta de não ter parado pra fazer um mestrado, pra ter feito um doutorado porque na realidade eu não podia fazer as duas coisas [..]. [...] Então assim, eu to tentando sempre que possível ler, e eu sempre tento apesar das minhas limitações sejam teóricas, sejam metodológicas, trazer um olhar para situação.”

“[...] Nós precisamos de metodologias e teorias que sejam aplicáveis em sala de aula. Nós não podemos ficar muito numa discussão muito abstrata, não é que ela não é importante, mas eu vejo muitas vezes que fica nisso [...].”

“[...] ela aconteceu quando uma colega nossa em comum, ela me procurou para também fazer um trabalho de mestrado onde nós tivemos justamente reuniões, discussões de textos teóricos, como esses textos podiam ser aplicados em sala de aula. [...] Eu tento ler o máximo de informações [...].”

Desta forma, inferimos acerca da necessidade do professor manter-se atualizado, buscar conhecimento e novas informações a ser desenvolvidas em sua atividade pedagógica. Assim, para realizar tal atividade, o professor deve apropriar-se dos avanços das ciências e das teorias pedagógicas.

A formação continuada deve acontecer de modo a enriquecer as aulas, segundo Barbieri, Carvalho e Ulhe (1995, p. 32) “há uma razão profunda, que é a própria natureza do fazer pedagógico, que, sendo domínio da práxis é, portanto, histórico e inacabado.” Segundo Lima (2001) entendemos a necessidade da “formação continuada está articulada ao trabalho docente, o conhecimento e o desenvolvimento profissional do professor, como possibilidade de postura reflexiva dinamizada pela práxis” (LIMA, 2001, p. 30).

Ainda no que concerne a formação continuada, compreendemos as dificuldades que se dão tanto no sentido do professor conciliar a sua jornada de trabalho quanto de cunho financeiro que acabam por comprometer a disponibilidade do professor no acesso e oportunidade a cursos de formação *stricto sensu* e *lato sensu*, mas é preciso compreender que esta formação se dá de forma contínua, a todo o momento, dentro e fora da sala de aula.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivada pelo interesse de pesquisar e estudar a formação continuada do professor de História do Ensino Fundamental anos finais, delimitei como objetivo geral para esta investigação apreender os sentidos e os significados atribuídos pelo professor de História acerca de sua atividade pedagógica nas séries finais do Ensino Fundamental.

Neste trabalho, recorri à abordagem da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski, teórico que norteou esta pesquisa orientando acerca da compreensão da dimensão subjetiva e objetiva do professor colaborador e sujeito dessa investigação, com base nas categorias: historicidade, atividade, mediação, Sentidos e Significados.

As categorias elencadas proporcionaram-me a apreensão acerca da dimensão subjetiva do professor José que se constitui nas relações com o mundo objetivo, ela se dá com o outro, nesta perspectiva, de modo especial, com os alunos, gestores e coordenadores da Escola em que desenvolve a sua atividade pedagógica.

No tocante à dimensão subjetiva do professor, recorri a Codo(1999) a fim de compreender acerca da afetividade no ser humano, em especial, na relação professor e aluno. Nele apreendi que a afetividade acontece nas relações sociais e de modo especial, na atividade pedagógica se manifestam na forma das emoções e sentimentos desenvolvidos nesta relação.

Ainda nesta atividade, por meio dos encontros e entrevistas realizadas compreendi os sentimentos, anseios desabafos do professor que está em exercício no Ensino Fundamental da Educação básica do nosso país, vivendo o chamado chão da sala de aula, José expressa os seus sentimentos na atividade pedagógica.

Aqui apreendi que o nosso sujeito, o professor José se constitui na articulação entre subjetividade e objetividade onde o nosso colaborador nos indica o

seu sentido de ser professor da disciplina de História, sendo caracterizado a partir da sua relação com o mundo objetivo. Neste sentido, considere José e suas particularidades, que muito embora seja um sujeito é dotado da capacidade de representar o universal, os seus pares, assim significando a totalidade em processo de idas e vindas, em movimento.

Para tais considerações, realizei a pesquisa empírica, norteadas pela entrevista recorrente. (LEITE; COLOMBO, 2006). A análise e a interpretação dos dados foram realizadas mediante o procedimento teórico metodológico da proposta dos núcleos de significação apresentada por Aguiar e Ozella (2006 e 2013) e, posteriormente, reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015) como instrumento de análise das significações para apreender os sentidos e os significados atribuídos pelo professor de História acerca de sua atividade pedagógica nas séries finais do Ensino Fundamental que me nortearam a organizar os dados produzidos em pré-indicadores e indicadores, resultando nos seguintes núcleos de significação: 1. Ser professor de História: A vivência pedagógica e o reconhecimento de suas dificuldades e limitações. 2. A compreensão da formação continuada e o sentido de ser professor.

Os resultados alcançados nesta pesquisa foram sistematizados e articulados nos dois núcleos de significação supracitados que orientam a constituição do professor José acerca de sua atividade pedagógica. No tocante a escolha de sua profissão, os sentimentos de José são marcados por dúvidas, anseios e dificuldades financeiras que o conduziram desde cedo ao trabalho, em consonância, não podendo optar apenas pelo estudo dissociável da atividade remunerada.

Esta realização de alcançar um nível superior de Ensino só foi possível anos depois de sua conclusão do Ensino Médio, hoje professor da rede básica da Educação do Estado do Rio Grande do Norte, José ainda não possui uma especialização no sentido lato sensu e stricto sensu, mas expressa o desejo de dar continuidade a sua formação profissional cursando um programa de Mestrado conforme revelado em nossa entrevista.

Ao falar sobre os dilemas e vivências em relação à profissão docente, José deseja que haja uma valorização do professor tanto numa esfera maior – federal – quanto no sentido da sociedade, da gestão, coordenação, alunos e seus familiares, pois somente a partir desse apoio José acredita na efetivação de uma educação pública e de qualidade para os educandos, envolvendo o bom relacionamento entre os sujeitos dessa convivência, caso contrário os conflitos da profissão se avolumam causando a dúvida da permanência em sua atividade docente.

Diante do indicativo de carência em pesquisas voltas para a formação continuada do professor de História e as significações atribuídas à atividade pedagógica, considero que esta pesquisa é relevante para o meio proposto pois, observei que a maioria das pesquisas encontradas foram desenvolvidas sobre essa temática estão voltadas principalmente para análise dos discursos, deixando uma lacuna no que concerne a análise do sujeito, não o compreendendo em sua totalidade.

Trouxe resultados que atingiram as zonas de sentidos capaz de representar o modo de ser, pensar e agir do professor José, sujeito individual e integrante do todo, professor de História dos Anos Finais do Ensino Fundamental da rede pública de Ensino. Assim sendo, entendo que os nossos objetivos foram alcançados, mas que ainda há muitas outras fontes de pesquisas possíveis de serem iniciadas a partir dessa proposta.

Em suma, esta investigação foi desenvolvida no curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e se concretiza como a realização de um sonho despertado ainda na graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e intensificado a partir da vivência docente enquanto professora da disciplina de História nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. Reflexões a partir da psicologia sócio–histórica sobre a categoria “consciência”. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, jul./2000.

_____. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**: São Paulo, Cortez, 2001.

_____; OZELLA, S. Núcleos de significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Revista de Psicologia**, n. 26, p. 222-245, 2006.

_____; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

_____; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisas**, v.45, n. 155, p. 56-75, jan./mar. 2015.

ANTUNES, C. A **afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.

ARAUJO, F. A. M. **Educação.com tecnologia**: conectando a dimensão subjetiva do trabalho docente mediado pelas TIC's. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

BARBIERI, M. R.; CARVALHO, C. P.; ULHE, Á. B. Formação continuada dos profissionais de ensino: algumas considerações. **Caderno Cedes**, n.36, p. 29-35, 1995

Barbosa, Sílvia Maria Costa. **Atividade do professor em sala de aula**: uma análise das estratégias de ensino a partir da psicologia sócio-histórica. 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 44, abr./1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. **Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior**. Brasília: MEC, 2000a.

_____. Ministério da Educação. Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 jul. 2010b.

_____. Ministério da Educação. Lei, nº 11.645. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

CANDAU, V. M. F. Formação de professores: tendências atuais. In: REALI, A. M. M.R. et al. **Formação de professores**: tendências atuais. São Carlos: EDUFSCAR, 1996.

CARVALHO, A. L. A formação de professores em tempos de incertezas. 2007. Cáceres: UNEMAT, 2007.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CODO, W. **Educação**: carinho e trabalho. Recife: Vozes, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DEPOIMENTO do Professor Rubim Santos Leão de Aquino In: SILVA, José Luiz Werneck da. **A deformação da História ou para não esquecer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. (Coleção Brasil: os anos de autoritarismo). p. 50 – 51.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

GATTI, B. A. A. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, 191-204, 2003.

GINSBURG, M. El proceso de trabajo y la acción política de los educadores: una análise comparado. **Revista de Educacion**, 1990.

GONÇALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

GONZÁLEZ-REY, F. L. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUIMARÃES, S. **Didática e prática de ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizado. 13. ed. rev. e ampl. Campinas: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

KOZULIN, AO conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, H. (Org.). **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002.

LEONTIEV, A.N. **O Desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1978.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica dialética / lógica formal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LEITE, S. A. S.; COLOMBO, F. A. A voz do sujeito como fonte primária na pesquisa qualitativa: a autoscopia e as entrevistas recorrentes. In: PIMENTA, S. G. P. (org.) **Pesquisa em educação**: alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Loyola, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências profissionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, M. C. **A história prescrita e disciplinada nos currículos escolares**: quem legitima esses saberes? Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã** (Ad Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, K. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1983. v.1.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2001.

PINO, A. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: PLACCO, Vera Maria N. S. (Org.). **Psicologia & Educação**: revendo contribuições. São Paulo: EDUC, 2005.

_____. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES**. Campinas: Papyrus, n. 24, p. 34, 1991.

RUBINSTEIN, S. **Princípios de psicologia geral**. Tradução: Manuel Gomes. Lisboa: Estampa, 1972.

SILVA, M.; FONSECA, G. S. **Ensinar história no século XXI**: em busca do tempo entendido 2007. Campinas: Papyrus, 2007.

SOARES, J. R. **Vivência pedagógica**: a produção de sentidos na formação do professor em serviço. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2006.

VALENTE, J. A. Informática na educação. **Revista Pátio**, n. 09. maio/jul. 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins e Fontes 1998b

_____. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, n. 71, jul./2000.

_____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ZAMBONI, Ernesta. Panoramadas Pesquisas no Ensino de História. **Saeculum Revista de História**, n. 6/7, jan./dez. 2000/2001.

APÊNDICES – Entrevista com o professor José

Entrevista I

Duração: 41 min. 55 seg.

Entrevistador: Para você, o que é ser professor?

José: Ai desculpe, eu to tão cansado. Bem, ser professor ultimamente tem sido tantas coisas, para mim ser professor, mas eu acredito que ser professor é ser aquele que ajuda na construção do conhecimento das pessoas, é aquele que vai buscar agregar algum tipo de conhecimento, vai buscar fazer com quê aquele aluno, aquela aluna amplie o seu mundo, que ele tenha uma outra visão do mundo, que ele perceba dentro da nossa especificidade que é história que nada é natural, tudo é uma construção. Então esse é o grande desafio do professor. Fazer com quê o aluno perceba que ele pode agregar algo pra vida dele que não é tomado dele (voz trêmula), a gente pode perder a saúde, o emprego, mas a gente pode perder as pessoas, mas uma coisa que a gente não perde jamais é o conhecimento, uma vez aprendido ele fica para sempre.

Entrevistador: Mais alguma coisa, um sentimento?

José: Assim, foram tantos sentimentos querida ao longo desse ano, principalmente ao longo da semana, porque infelizmente eu passei por situações muito desagradáveis e eu fiquei começando a questionar o que é ser professor no Brasil? Ser professor no Brasil muitas vezes é você se deparar com algumas posições, ou você é mais um no sistema, ou você é chamado a abandonar e seguir uma outra carreira qualquer ou você... é chamado a entrar num Estado de insanidade, que foi o que eu me deparei ultimamente assim com essa situação, que aliás assim foi o que aconteceu, eu estou pensando seriamente em sair da minha escola onde eu estou por causa de muitas coisas que aconteceram desde o nosso último encontro e principalmente na última semana, só pra você ter uma ideia, eu me vi praticamente obrigado a passar alunos, numa forma bastante coesiva até, assim, isso mexeu muito comigo e está mexendo ainda, várias pessoas estão preocupadas comigo e... vou ser muito sincero, recebi trabalhos e assim, só dei visto, dei 10 e pronto, porque? Eu sei que enquanto profissional errei nesse sentido, mas.. eu estava tão cansado, tão debilitado, tão esgotado, um estado de... (pausa), impotência, um estado de humilhação, um estado de abandono, um estado de agressão, (trêmulo) já cheguei praticamente a ser agredido

fisicamente, verbalmente, moralmente, psicologicamente, até mesmo nas redes sociais também, então tudo isso foi acontecendo, então ser professor... é um desafio diário, seja nos países ditos desenvolvidos, seja nos países que estão em desenvolvimento, mas no meu caso assim, ser professor no nosso estado, no Rio Grande do Norte, ser professor no Brasil, é você se deparar com situações que extrapolam o seu poder, situações tais como, questões familiares, questões políticas, questões até mesmo com o próprio público, uma geração que ao me ver, completamente desinteressada, completamente alienada, completamente desmotivada, uma geração que é movida pelo ter, pelo poder, pelo prazer, que tudo vem muito fácil, então assim, é muito complicado, ser professor é um desafio bastante árduo, às vezes recompensador, mas muito árduo.

Entrevistador: O que é ser professor da disciplina de História pra você?

José: Ser professor da disciplina de História como falei antes, é você buscar acima de tudo mostrar que ao contrário do que todo mundo pensa a história não trabalha com o passado, a história nunca trabalhou com o passado, a história trabalha com o hoje, com o agora, com o presente, nós recorremos ao passado principalmente a partir das suas fontes históricas tanto materiais quanto imateriais para que nós possamos entender como o nosso universo, como nossa vida como a nossa mentalidade, nossos hábitos, costumes, crenças, a nossa cultura ela foi sendo mudada e construída, partindo da premissa que sempre tem um interesse por trás nada é feito sem uma intenção por trás, muitas vezes eu questionei os meus alunos porque nós somos cristãos? Independente de sermos católicos, se somos cristãos protestantes, etc. e você vai mostrando como se deu isso. Porque que... Eu peço que olhe para o seu redor, tudo o que vocês conseguem ver em aparelhos eletrônicos, aparelhos tecnológicos de informação, é... Tudo isso vai partindo de três coisas básicas, domínio do fogo, criação da técnica da agricultura e a produção da escrita, o nosso universo foi sendo moldado com coisas aparentemente banais, então assim, é mostrar que nós fomos produtos e produtores do nosso meio, mas que é difícil você ser professor de uma disciplina onde os jovens de hoje estão cercados e viciados e dependentes de tecnologias, aliás, não somente os jovens, os adultos, todos nós vivemos com o número de vários aparelhos que utilizamos diariamente, não é à toa que nós estamos utilizando um para gravar a nossa conversa, o que não é ruim, o problema é que não é o uso da tecnologia, é a dependência. “EU: como nós utilizamos” como nós utilizamos sim, e por falar nisso um dos maiores problemas que nós encontramos na Escola pública, pelo menos na minha escola foi justamente a questão do mau uso do celular, porquê? No Brasil nós vivemos a seguinte situação temos pelo menos dois grandes problemas na Educação, número 1: família, uma

família que eu diria que não é nem tanto família porque são pessoas completamente afastadas e completamente descompromissadas com a formação humana dos seus filhos e filhas irresponsáveis, muitas vezes é triste você perceber que aqueles jovens, que aquelas crianças que estão ali são entre aspas, jogados na Escola, jogados no sentido assim que é um momento que os próprios pais se vêem livres e muitos se sentem livres assim, é um momento que eles tem “ah, eu vou ter paz, vou ter sossego, eu vou poder fazer as minhas coisa, vou poder cuidar de mim” e já que tiveram filhos tem que ter a responsabilidade de formá-los ne? Segunda coisa o sistema, o nosso sistema é um sistema podre que é um sistema falido, é um sistema totalmente comprometido, é um sistema que visa única e exclusivamente obter recursos. Como assim? Nós sabemos que é, numa Escola, quanto mais alunos, quanto maior for o índice de aprovação e aqueles forem maior, maiores são os recursos destinados para aquela escola no ano seguinte a partir do ano anterior. Se uma escola tem um índice elevado de reprovação, de evasão, isso vai refletir numa perda financeira, então na verdade é, se formos pararmos e analisarmos criticamente isso, nós não estamos preocupados com a formação de nenhum ser humano aqui no Brasil, nós estamos preocupados unicamente em obtermos recursos. É claro que quando eu falo isso há uma preocupação porque se há poucos alunos, há poucas turmas, se há poucas turmas, os professores não conseguem montar os seus horários, as suas turmas, aí tanto pais, gestores, docentes, funcionários terceirizados, todos saem perdendo, mas há uma preocupação muito grande em não reprovar e aí está o problema, é, que medo é esse que nós temos em não reprovar? Foi como eu passei, como eu acabei de dizer antes, eu fui praticamente obrigado a passar vários alunos, ou passava, ou como aconteceu, eu estava para sofrer um processo administrativo pelo simples fato de não aprovar, porque foi alegado que eu estava perseguindo uma turma X, o que não é verdade, na verdade o que aconteceu foi justamente o contrário, aconteceu que eu fui perseguido ao longo desse ano de 2016 por essa turma que tinha como grande aliado, como grande mentor, o gestor da nossa escola, ele estava por trás de tudo isso, é claro que abertamente nada disso vai ser assumido, mas todos nós sabemos isso, E essa questão com o gestor ela surge a partir de que momento? Na verdade acredito que isso começou desde o ano passado, quando os alunos começaram a ir a sala dele para fazer reclamações sobre a minha pessoa. Todo profissional ele vai cometer erros e equívocos, mas é triste e lamentável perceber quando um gestor ele tem outros interesses, principalmente com os seus alunos, é coisa complicada, coisa difícil e tudo indica que ele está envolvido também com outras coisas também. Com isso e com outras coisas também, nada disso pode ser comprovado, provado realmente, mas isso é notório e todos sabemos... Então, o quê que acontece, ele tinha uma visão um tanto liberal,

e isso foi publicado, ele se fazia de um personagem, ele criou um personagem assim que ele chegou na escola, prestativo, assíduo, comprometido, só que na verdade o que ele sempre quis foi chegar ao poder, ele quis ter poder, é tanto que tem coisas que eu não posso nem falar abertamente com você, isso foi alunos que me contaram, não foi nem tanto eu que vi, eu que cheguei a entrar em embate com ele várias vezes, e uma coisa interessante que aconteceu com ele foi que começaram a espalhar a notícia, os rumores que eu sairia candidato a gestor da escola, uma mentira, a minha única intenção foi somente ajudar a escola porque ali é o meu ambiente de trabalho, ali é o meu ganha pão, ali é o local que eu preciso estar bem, infelizmente a escola foi fragmentada, dividida em duas; uma escola caótica e uma escola ordeira, uma escola onde tudo era permitido, inclusive um grupo de alunos, dessa mesma turma X, que era apoiada por ele que fazia com que... (suspiro, tempo, espaço) que fazia com que, é, várias coisas, como por exemplo, ficar jogando bola no pátio, os alunos entravam totalmente molhados de suor, só de short, na sala do professor, os pais olhavam isso e ficava por isso mesmo assim, então houve muitos impasses assim, porque? Infelizmente eu acabei me colocando numa posição bastante difícil, querendo ajudar e esse talvez foi o meu grande erro até certo ponto, eu acabei me colocando numa linha de frente que não me cabia, como diz aquela música celebre: cada um no seu quadrado, só que eu acabei não ficando no meu quadrado, eu queria ajudar, eu acabava assumindo uma responsabilidade, a função de porteiro, de secretário, de gestor, de professor, de conselheiro, de tudo. Enquanto isso havia uma verdadeira disputa de poder entre o gestor e a vice gestora, por quê? Enquanto a vice gestora tentava de todas as formas possíveis e imagináveis tentar trazer uma ordem, uma disciplina, mas eu sentia que as coisas comesçassem a andar bem ele deixava as coisas correr livres e soltas, inclusive, inclusive isso começou até a prejudicar a própria relação profissional dele e de pessoal ao ponto de praticamente ficar insuportável a situação entre todos eles, eu mesmo em certo momento eu acusei que ele em tudo o que ele falava era uma falácia, que aquilo ali era uma mentira, só que pelas costas ele estava arquitetando as coisas, quer um exemplo? Em certo momento chegou a rolar uma lista, um abaixo assinado com o intuito de me tirar da Escola, os mentores dessa lista foram o que? Os alunos da turma X que eram acobertados e apoiados pelo nosso gestor tal, e eles começaram a espalhar essa lista mentindo “ah, assine isso aqui para a bolsa família”, “assine isso aqui que é para uma reunião, começaram a passar na escola, em toda escola ao ponto de, como é que se diz...? Conseguir 300, 400 assinaturas sem os alunos saberem do que se tratava inclusive muitos estavam até falsificando assinaturas, e ele, o nosso gestor, ele queria me devolver, agora na verdade não é uma questão profissional, é uma questão que ele tem algo pessoal contra a minha

pessoa, e foi uma coisa complicada, infelizmente quando você tem um perfil ativo de querer você ajudar, de você se comprometer com a escola, ou no seu ambiente de trabalho, você acaba gerando inveja, foi isso o que aconteceu. Acabou se criando muita inveja ao meu respeito na escola, onde eu trabalho atualmente, e é muito complicado, você percebe inveja nas pequenas coisas, se você entrega as notas no tempo certo, se você entrega a frequência no tempo certo, se você chega cedo, se você cumpre o seu horário, se você é sempre participativo nas reuniões, se você está engajado, chama atenção. Porque como eu falei, existe uma gama de professores pelos mais diversos motivos que vai levando na malandragem, e como eu nunca fui assim, eu acabei ficando na linha de fogo, mas é triste porque ou o professor ele acaba entrando nesse sistema ou ele acaba saindo, ficar no meio é muito complicado, é muito difícil.

Entrevistador: E hoje qual seria a sua posição, seria uma posição de estar no meio?

José:Na verdade eu vou ser bem sincero, na verdade eu não tenho, eu não tenho como responder isso, pelo simples motivo, eu confesso que ainda estou muito decepcionado, ferido, machucado com tudo o que aconteceu, porque como eu falei, o próprio sistema cada profissional na área da educação é uma pequena engrenagem dentro de uma máquina maior e você acaba sendo engolido por essa máquina maior. Porque como eu falei, o que importa não é a formação humana, outra que é arrecadar recursos. Então assim, vou ser muito sincero ao dizer que a vontade que eu tinha, até falei isso pra minha futura gestora, se é que ainda vai ser, é que se o aluno assinar com o dedão, 10 pontos, se o aluno faltar, 9.5, por quê? Pode parecer absurdo isso, mas não é não. Quando você se depara com um sistema que visa unicamente dados, números, não faz diferença. Tudo bem, o professor tem que pensar a metodologia, a didática, o objetivo, ver o que foi que ele errou, no que ele pode melhorar, mas nada disso vai adiantar porque nós estamos diante de uma geração completamente despreparada para tudo. Talvez só daqui a uma ou duas gerações é que nós vamos ter uma renovação. Porque ele não tem, eles não são proativos, eles não usam lógica, não usam raciocínio, o nosso aluno tem severos problemas de escrita, de leitura, de interpretação, de compreensão, então assim, se você não sabe ler e escrever, você não tem como você se sair bem história, geografia, etc. Sociologia e filosofia futuramente, se você não tem uma base mínima em matemática, você não tem como desenvolver física e química. Então o que é que acontece? Se um aluno do 6º ano chega com essa dificuldade, com essas limitações, muitas vezes ele acaba sendo passado para o ano seguinte e a situação não foi resolvida, e aconteceu como eu já vi de ver alunos do 3º ano do ensino médio da minha escola que tinha um mínimo do mínimo de noção de matemática e tabuada, como a gente dizia antigamente e também de leitura e escrita. Infelizmente, claro. Tem

muitas coisas que precisam ser levadas em consideração, mas o modelo que nós temos hoje é um modelo que não permite a construção do conhecimento e quando há essa possibilidade os alunos não aproveitam. É claro que enquanto nós professores nós precisamos sempre rever o que está acontecendo, mas assim não é fácil, não é fácil quando a coisa toma uma proporção pessoal, que foi o que aconteceu comigo.

Entrevistador: E como se deu o processo de escolha de uma licenciatura? E porque a licenciatura em história?

José:Uma coisa mais engraçada, inusitada possível, na verdade a escolha pela licenciatura em História ela foi baseada pelo menos em dois pontos. Número 1, o fato de eu não ter passado em vestibulares anteriores nos quais eu tentava para outras áreas.

Entrevistador: Quais eram as outras áreas?

José:Principalmente na área de saúde, só que desde os cursinhos preparatórios pro vestibular e nos próprios vestibulares sempre ficava claro que eu sempre fui um aluno de humanas do que da área da biomédica. Isso foi sempre claro. Mas infelizmente às vezes a gente é... tem que apanhar muito para aprender a perceber essas coisas, até que chegou o momento que eu parei de fazer o vestibular porque tive que começar a trabalhar e eu acabei ficando para trás assim, e num momento que eu acabei saindo do meu trabalho eu optei em me dedicar em fazer novamente o vestibular, e foi nesse ano que eu parei e pensei que eu ia optar pelo curso que eu sempre gostei que foi história. É claro que quando você entra no curso é uma outra coisa, é um outro mundo, uma outra visão de mundo, da história. E em segundo lugar porque eu acabei me descobrindo como pessoa e até mesmo enquanto profissional em história que eu comecei pela questão de tirar o fardo “ah, de nunca ter passado no vestibular”, mas eu fui me descobrindo, me descobrindo, e é uma coisa que eu gosto muito. Só que hoje em dia é difícil parar para pensar nisso porque você acaba se frustrando muito com tanta coisa, mas foi basicamente assim.

Entrevistador: Mas você é feliz?

José:Já fui mais feliz. Na licenciatura em História? Sim, na licenciatura, sim, sim. Foi um período de grande crescimento na minha vida. Onde eu busquei me dedicar ao máximo, não é a toa que eu me formei antes do tempo previsto, você sabe perfeitamente disso. Mas foi um tempo de muito crescimento, muito alto descobrimento.

Entrevistador: Comente quanto a sua atuação docente na Escola Estadual General Dióscoro do Vale....

José: Em que sentido exatamente?

Entrevistador: Sobre o seu ser professor, como isso se dá, quais são os entraves, que você acabou já falando logo no início, mas se você quiser acrescentar algo mais, sobre como é o ensino de história na escola, o que lhe satisfaz na escola, qual seria o sentido para você de ser professor nesse momento?

José: Hoje?

Entrevistador: Sim!

José: Sinceramente eu acho que não tem nem sentido, assim para ser bem sincero, não há sentido bem, no início quando eu entrei no curso, quando eu comecei a trabalhar, até mesmo porque foi indicação da minha amiga, a professora que me acompanhou nos 4 estágios falou que tinha 15 aulas por lá e foi muito bom, só que a Universidade, o curso de licenciatura jamais vai preparar você para a realidade em sala de aula. O que vai formar você é o dia, são os inúmeros desafios que você se depara constantemente, é claro que desde o dia 23 de maio de 2013 quando eu tomei posse como professor até hoje, e claro que a mudança é extrema, em todos os sentidos de organização, de avaliação, de domínio de sala, eu conheço os alunos, eu percebo, já conheço as manhas deles, e a cada momento você vai aprendendo mais, é tanto que hoje em dia por tudo o que aconteceu comigo esse ano sinceramente eu até vejo, até me questiono se vale a pena continuar ensinando, se vale a pena ensinar história, talvez seja por isso que o Brasil está passando por esse caos, porque as pessoas não dão valor à história né? E muitos fatores, mas as coisas começaram de forma muito tumultuada por quê? Tem a ver muito com traços do meu perfil, da minha personalidade, porque eu sou aquele em que o que é certo é certo! E o que é errado é errado, o que, o que precisa ser feito será feito e eu irei procurar oferecer o melhor. E aqui eu me lembro de uma fala um tanto infeliz de uma ex coordenadora minha, pedagógica em que ela falou o seguinte: em certo momento, diante do desastre que foram as notas, aliás, na disciplina de inglês, nem só em história, também mas em inglês, ela simplesmente chegou e disse o seguinte: a partir desse momento é melhor que você professor ensine só o verbo *to be* e eu fui o primeiro a olhar para ela, levantar a mão e rebater: não, olhe, isso está errado. A gente vai nivelar o conhecimento por baixo? Tudo aquilo que a gente aprendeu, tudo aquilo que a gente leu? Vamos oferecer uma coisa pouca só pra gente ter uma zona de conforto? E isso é o problema. Por quê? Porque a gente, o professor hoje em dia ele dependendo do local onde ele esteja, ele pode chegar com a melhor das intenções do mundo, de querer ajudar, de querer oferecer o melhor, só que aquele público não teve

condição nenhuma de acompanhar. Mesmo que você venha a adaptar o seu cronograma, o conteúdo, as aulas, as avaliações, como já fiz isso, o resultado é negativo. E o que acontece? Você é constantemente chamado a diminuir o nível, o nível, o nível, até que você se veja obrigado como foi comigo a aprovar alunos, porque como eu falei, o que está em jogo não são nem a formação humana, o que está em jogo é recursos e dinheiro, o que move o mundo é recursos, seja na esfera estadual, municipal, particular, e eu diria até federal também. Mas assim, as aulas de história ela, eu sempre tentei estabelecer aquilo que eu falava aqui na escola, aqui na UFRN, perdão, que era estabelecer uma ponte entre aquilo que eu aprendi e o dia dia, é claro que nós não podemos levar as leituras daqui, mas nós podemos levar ideias, pontos, aspectos para que eles questionem, nas minhas aulas eu sempre busquei enfatizar o questionamento, que eles questionassem, que eles confrontassem a realidade deles, e uma coisa tão simples, tão boba, mas que gerou muitos problemas pelo menos pra mim, foi quando em certo momento para completar a minha carga horária, eu acabei pegando a disciplina de ensino religioso onde eu não ensinava da forma como tradicionalmente é ensinado, da forma de ensino catequético, eu ensinava mostrando que o mundo é plural, ou seja, o Brasil não é feito de uma religião, o Brasil é feito de religiões e infelizmente aquela ideia das religiões de matrizes africana que são demonizadas muitas vezes, persistia, e muitas vezes, me desculpe até o tema, muitas vezes eu fui acusado de ser macumbeiro, de fazer macumba, etc. E eu fui explicar o que é macumba só que eles não aceitam, a formação que eles tem, a herança que eles trazem de casa é tão forte que torna-se uma verdade absoluta, e pra você desmanchar e tentar reconstruir novamente é muito difícil, são poucos casos onde você se ver assim, quando você questiona o porque do ensino de história pra eles, eles dizem: ah, pra quê eu quero saber disso? Isso é coisa velha, coisa antiga, coisa ultrapassada, não tem importância nenhuma, eu jamais vou aplicar isso na minha vida. E eu uso de vários exemplos, inclusive também eu falei quanto a questão da intolerância religiosa, que até foi o tema da redação do Enem, quando eu falei da questão do papel ocupado pelo afro brasileiros e afro descendentes no nosso Brasil, quando a gente vê que filmes como foi o filhos do Egito tentou branquiar as culturas africanas, ao invés de mostrar o que de fato era essa cultura. Mostrar que de fato uma novela como os 10 mandamentos era cômico perceber que tinha pessoas brancas como pessoas afro, então assim, mas é muito difícil. Por mais que você trabalhe, leve leituras, músicas, trechos de filmes, filmes, slides, exercícios, é um desinteresse completo, por quê? O desinteresse ele passa também pela minha pessoa e aí você tem que dar a mão a palmatória e a reconhecer os seus próprios erros. Como eu sempre cumpri o que é o certo, de horário, de disciplina, do não uso do celular em sala de

aula, de fones, eu era visto como o vilão, eu sei que muitas vezes eu acabei sendo ríspido, eu acabei sendo grosseiro, nunca tive problema em pedir desculpas quando eu de fato reconhecia que estava errado, mas é difícil você trabalhar com aluno que não tem bagagem nenhuma, que não tem educação. Porque escola não é lugar de educação, escola é lugar de construção do conhecimento. Educação vem de casa, vem de família, vem de berço. Só que o quê que acontece, eles estendem aquilo que não existe na Casa deles para uma igreja, para uma escola, para um shopping, etc. E pra completar o gestor põe a mão muitas vezes nisso, é, até mesmo um dos problemas que eu tive esse ano numa turma foi porque eu estava justamente cumprindo a ordem da gestão que era pedir que os alunos, principalmente as meninas que estavam usando calça rasgada que se retirassem, e que fossem em direção a gestão para conversar e isso gerou um tumulto, aí outro aluno que já tinha desavença comigo ele começou a falar besteira e eu falei besteira mais ainda, aí gerou um problema gigantesco. Então muitas vezes por cumprir o que foi combinado, eu acabei sendo o vilão da história. Quantas vezes eu fui acusado de está mexendo no whatsapp e no facebook porque eles querem usar o celular o tempo todinho. Porque eles querem estar em todo canto menos na sala de aula, porque na verdade tem uma diferença gigantesca, há uma diferença entre chegar na escola e chegar na sala de aula, eles querem chegar na escola porque vão rever os amigos, as paqueras, os namorados, para conversar entre eles, ter o que comer, o que brincar, sair até mesmo daquela, casa onde tem problemas com drogas, de alcoolismo, de agressão, física, verbal, sexual, quem sabe? Só que eles não vão ali para escola para aprender, eles vão ali como um passatempo, escola pública hoje em dia infelizmente em muitos casos, pelo menos na minha realidade virou uma espécie de uma grande praça de alimentação, e essa é a verdade, você vai ali para se divertir, você não vai ali para aprender, eu tava falando até com uma pessoa, falei que a cada 50 alunos na minha escola nós temos um aluno bom de fato, pelo menos essa é a minha.. Um aluno bom mesmo! A cada cinqüenta alunos, e isso é muito, muito, muito preocupante, por quê? A gente diz: a próxima aula estude o capítulo 3 do livro de História de vocês, você passa a semana preparando a aula, os slides, traz imagens, faz comentários, e os alunos muitas vezes não estão nem aí... Você vai explicando você vai percebendo pelo olhar deles que eles não estão entendendo, aí quando chega os trabalhos, os exercícios, as avaliações e os resultados são negativos o quê que acontece? Fazendo uma brincadeira, uma pergunta, mas eu já sabia a resposta: quantos aqui pegou uma vez no fichamento pra ler? Dois! Um, como dizia uma vez, 5, 8, 10 dizia que sim, duas vezes já caía pra 1/3 e assim, ia... Isso se você for ver nas outras disciplinas isso também se repete. Pq na verdade eu entendo que o poder do professor e o ser humano ele tem que ser maleável, mas eu não consigo ser tão

maleável assim, ou é certo ou errado pra mim e isso acabou gerando problemas comigo porque se n é pra utilizar não vão usar, aí eu era acusado: ah, você é o único professor q n deixa fazer nada, n deixa tirar foto, n deixa gravar, etc. você é o único professor que fecha a sala quando vai p intervalo e eu dei um exemplo: recentemente um colega de vocês aqui foi assaltado aqui, assaltado não, foi roubado dentro da própria escola, da sala de vocês, por um de vocês, por quê? Os professores não estavam cumprindo com o papel deles, proibir o uso de celular em horário inapropriado, não deixar as salas abertas, porque existe maus elementos, isso é um fato, n adianta tapar o sol com a peneira, só q eu via q eu era o único q fazia isso, ou um dos pouquíssimos que fazia isso, infelizmente você é um professor, você se depara com uma situação muito delicada, você se depara q se você cumpre de fato o seu papel, você é odiado, se você ameniza, você é amado, mas você deixou de cumprir o seu papel então encontrar esse meio termo é algo muito desafiador, por quê? Porque antes de ser professor de história eu sou um ser humano, se eu sou um ser humano eu tenho um perfil, eu tenho traços que foram sendo formados direto e indiretamente na minha vida, só que hoje em dia eles querem o quê? Sombra e água fresca, essa é uma verdade. E é triste perceber quando o profissional ele n pode fazer o seu trabalho, eu tenho tantas ideias, tantas ideias que eu gostaria de fazer, mas eu confesso aqui publicamente, eu n tenho a menor vontade hoje em dia de fazer mais nada por esses alunos. Por quê? Pra quê? Eles só querem divertimento, eles só querem brincar, eles querem passeio ao invés de aula de campo, então essas coisas vão sendo bastante cansativas e chatas para mim.

Entrevistador: Como você avalia a atual conjuntura da educação brasileira e no caso, também voltado a disciplina de História?

José: Ela está indo de mal a pior e vai se afundar cada vez mais se continuar assim, a partir do momento que deixa de se investir na formação do ser humano, quando os recursos que chegam não são utilizados de forma sabia e para atender o seu propósito a coisa tende a , a perder o seu sentido, porque um país que se preze ele é formado por pelo menos 3 coisas: educação, tecnologia e saúde, sem isso eles n tem, sem esses elementos pelo menos nem um país vai acabar se destacando e hoje em dia a nossa sociedade tem um grande problema, o maior problema do Brasil se chama a sua cultura, mas que cultura é a qual eu estou me referindo? O jeitinho brasileiro, aquele jeitinho de querer tomar vantagem em tudo isso é o que acaba com o Brasil! Nós somos um povo riquíssimo materialmente em aspectos biológicos, em aspectos hídricos, aspectos geográficos, o nosso país é um país de uma cultura extraordinária, mas o que q acontece? A todo momento a gente ver exemplos e mais exemplos, na minha escola, na sua escola, em que nós percebemos exemplos de pessoas que querem tomar vantagem, querem tudo fácil, querem as coisas muito fáceis

assim, eu essa semana eu postei uma coisa que eu fiquei surpreso com a reação de algumas pessoas, depois de ter sido praticamente obrigado a aprovar as pessoas, porque o que interessa é aprovação e aprovação gera recursos, eu coloquei no meu facebook, eu coloquei assim, fica a dica e o alerta: uma coisa é você ser aprovado entre aspas na escola, outra coisa é você ser aprovado na escola da vida, porque a escola da vida vai exigir, infelizmente nós vemos um número alarmante de pessoas desempregadas, pessoas que muitas vezes tem uma boa formação, são muito competentes, muito, muito gabaritadas mas a coisa não está fácil p ninguém, pra ninguém. Um exemplo disso é vc ver a quantidade de pessoas que concorre para si 10 vagas em história, por exemplo, nesses concursos são centenas e centenas de candidatos, então assim, as coisas n estão fáceis, se n ta fácil p essas pessoas que estão, que são gabaritadas, passar 4 ou 5 anos da sua vida num curso, imagine quem não tem formação nem uma? Imagine esses jovens q na verdade são verdadeiros analfabetos funcionais, o problema no Brasil é que eles tem uma mentalidade de peão, essa é a verdade, o Brasil forma peões, n forma cientista, n forma pesquisadores, o que formamos aqui é peões. Porque que você acha que são tantas vantagens e direitos, por exemplo, semana passada eu precisei encerrar o ano, fazer recuperação e para os alunos do 9º e do 3º A e B eu precisei aplicar uma prova especial, por quê? Porque eles n podem ser reprovados, a partir do 8º ano n sei se você sabia disso, o aluno tem direito a ficar em dependência em até duas disciplinas, isso vai até o 3º ano, inclusive eu não tenho certeza ao certo, mas se eu sou aluno do 3º ano e fico reprovado em uma disciplina do 3º ano, eu tenho que pagar essa disciplina no próximo ano, então sempre é uma chance ao invés de repetir todo o ano e todas as disciplinas ele só iria repetir aquela ou naquelas que ele ficou retido, ou seja, o sistema quer passar, pq para nós o que importa são os números, são dados, são estatísticas, são valores, no final das contas nós estamos falando de dinheiro, nós n estamos falando de educação, eu sei que é um investimento que são necessários, eu não tô dizendo aqui que precisamos reprovar alunos, que os nossos alunos não tem jeito, que os nossos alunos não tem capacidade, mas é triste perceber que no final das contas nós estamos falando de dinheiro, o que conta é dinheiro. O que importa é dinheiro.

Entrevistador: E, como está o professor José hoje? Enquanto professor.

José: Em que sentido enquanto professor?

Entrevistador: Como ele está encerrando esse ciclo?

José: Esse ano? O ano de 2016 Enquanto professor Da pior forma possível, como eu falei, foi um ano extremamente desgastante, humilhante, onde as coisas tomaram proporção que eu não imaginaria, onde você não tem interesse de preparar uma boa aula, um bom material, de você pesquisar, de você se qualificar, essa é a impressão que passa, por que no final, no final das contas (voz trêmula) o que interessa é que seja aprovado, isso é o que na verdade acaba me machucando muito isso, assim, você chegar a escutar de uma pessoa, que lhe diz: olha, é o seguinte, próxima semana vamos ter o conselho de classe, se um aluno ficar só na sua disciplina ele será aprovado, certo? Esse é o recado que foi dado para mim, claro, da forma mais gentil possível, da forma mais educada possível, mas eu entendi o recado. Eu me estressar mais do que já me estressei? Tá entendendo que é uma coisa assim, é... Complicado. Eu me sinto perdido enquanto professor, eu acho que essa é a palavra mais acertada, perdido, tentando encontrar uma luz no final do túnel, se é que o túnel tem um final, se é que esse final é luminoso ou não.

Entrevistador: Você se identifica, se reconhece enquanto professor de história e luta por essa identidade?

José:Foi o que eu fiz até, até semana passada.

Entrevistador: Lhe anima?

José:(pensativo) Não sei responder sua pergunta

Entrevistador: Apesar de tudo isso, mas você ainda acredita na sua função e de outros profissionais também?

José:Claro, claro. A função, se a pergunta é se eu acredito na função do professor, sim! Se eu acredito na minha função enquanto professor, eu n sei lhe responder.

Entrevistador: Mais alguma coisa?

A não ser que você queira me perguntar (riso) porque assim, eu funciono mais a medida que a pessoa vai perguntando.

Entrevista II

Entrevistador: Como você entende a docência? O que é ser docente?

José: O que é ser professor? Ser professor é você buscar construir conhecimento e aptidões, a docência é um, no caso, a docência na UFRN, na instituição federal, numa licenciatura ela visa assim, oferecer na medida do possível conhecimentos aprofundados na sua área em questão e tentar lhe preparar mesmo que minimamente claro, para atuação e aqui é a grande falha da docência nos cursos de licenciatura não prepara você para ser professor, a licenciatura lhe prepara para você ter algumas ferramentas que vão te possibilitar a isso, mas é o dia dia que vai fazer você ser professor, a docência de fato, de forma muito concreta ela acontece onde? Em sala de aula, em cada escola, em cada horário, em cada turma. É assim que acontece a docência.

Entrevistador: Como você entende a docência especificamente em história?

José: A docência em história ela ainda é mais complicada ao meu ver porque infelizmente ela acaba sendo muito abstrata, acaba não tocando no concreto, infelizmente se a gente for parar para ver, existe muitas escolas privadas que tem recursos, mecanismos, meios que possibilitam por exemplo, do que adianta eu falar sobre, é... O barroco no período colonial no Brasil se os meus alunos no máximo vão ver o quê? Um documentário, um vídeo, uma imagem projetada de frente uma trama que tem a possibilidade de uma turma que tem a possibilidade de visitar as igrejas de Ouro Preto em Minas Gerais, de ver as obras de aleijadinho então assim, é muito diferente... A docência em história ela requer uma gama diferente, mas ela peca em uma coisa que eu me lembro da nossa professora Fátima, a professora dizia é, que seria muito interessante se cada professor de história em cada disciplina ele tivesse ao final da terceira unidade tivesse como atividade final elaborar uma aula, um plano de aula, porque quando esse aluno sair do curso, se a gente paga por exemplo 20 disciplinas obrigatórias por exemplo, você vai ter teoricamente 20 planos de aulas e o mesmo vale para quem é bacharel, se em cada disciplina você faz um mini projeto de pesquisa, ao final do seu curso você tem 20 mini projetos de pesquisa que podem virar uma especialização, pode virar uma dissertação, uma tese e por aí vai.

Entrevistador: E o que você compreende por formação continuada?

José: A formação continuada ela é extremamente importante porque infelizmente nós não temos tempo, tempo no sentido em que muitas vezes o professor precisa atuar em duas, três, quatro escolas, isso levando em consideração dois vínculos pelo menos, sem contar os

professores que ainda trabalham em instituições privadas para ter um rendimento digno. Então muitas vezes você acaba literalmente repetindo a sua mesma aula do sexto ano na escola municipal, na escola estadual, na escola privada porque você não tem tempo. A formação continuada ela visa o quê? Aprofundar questão, questões, perdão. Ela vai trazer novas teorias, novas discussões, que muitas vezes, nós estamos completamente afastados disso até mesmo por causa do ritmo da vida, do ritmo do trabalho. Então é muito importante que os professores tivessem essa pausa, esse momento de respirar, de entrar em contato com dissertações, com teses, com conferências, claro, mas que fosse uma coisa muito prática. Sim, porque hoje em dia nós precisamos do teórico, da teoria, da informação, mas nos precisamos também de quê? Da prática! Nós precisamos de metodologias e teorias que sejam aplicáveis em sala de aula. Nós não podemos ficar muito numa discussão muito abstrata, não é que ela não é importante, mas eu vejo muitas vezes que fica nisso, se você pegar uma dissertação, por exemplo, pode ser que ela seja muito interessante para o campo teórico, no campo da discussão, mas na prática ela talvez tenha um mínimo impacto na sala de aula. Então é importante sim, a formação continuada, mas que essa formação continuada seja muito prática, ela tem que ter um norte. E qual é o norte? Sala de aula!

Entrevistador: O que você compreende como formação continuada e como se dá a sua formação continuada?

José: Olha, a minha formação continuada ela aconteceu da seguinte forma, ela aconteceu quando uma colega nossa em comum, ela me procurou para também fazer um trabalho de mestrado onde nós tivemos justamente reuniões, discussões de textos teóricos, como esses textos podiam ser aplicados em sala de aula. Nós fizemos entrevista com os alunos, hora comigo, hora com os alunos, nos fizemos atividades práticas em sala de aula que depois foram revistas, e foram aperfeiçoadas de fato, mostraram entendimento, mas depois disso o tento sempre fazer é sempre Ler! Eu tento ler o máximo de informações em livros, em pesquisas que eu posso, para tentar agregar é... Novas informações. Não é à toa que eu comecei essa semana a aplicar uma nova metodologia que é a chamada sala de aula invertida, não sei se você já ouviu falar, eu to começando a aplicar e eu acredito que vai ser um recurso muito bom, uma nova estratégia que deve render muitos benefícios. Claro, não existe receita pronta na Educação, não existe fórmula mágica, mas nós devemos o quê? Tentar! Vamo ver, ah, esse método deu certo? Não deu certo, por quê? Vamos ver, essa ferramenta didática deu certo? Não deu por quê? Então a gente busca tentar, então a minha formação hoje é basicamente através de leituras de livros no campo de educação, no campo de história e espero passar no “prof história” que vai com certeza me ajudar bastante, mas

no dia dia dificilmente o professor que já tem 10, 15 anos ele vai... Parar para estudar, em que sentido? Ele vai preferir descansar, porque às vezes a jornada é tão desgastante, são tantas realidades, são tantos problemas que o professor enfrenta dentro da sala de aula como fora que é, ele prefere não, deixe eu descansar, deixe eu fazer o meu trabalho assim, claro, é, todo conhecimento é valido, mas muitas vezes o mais importante para o professor, o que mais vale é o que vai ser em sala de aula.

Entrevistador: Você entende que na sala de aula também é uma formação continuada?

José: Sim, com certeza! Só pra você ter uma ideia, é, se nós pararmos para ver a outra entrevista, o momento que eu estava era um momento muito difícil, de muitos embates, hoje a relação que eu tenho com os meus alunos, com a escola que eu trabalho vem sendo outra porque, claro, a gente vai rever, é tanto que uma coisa que eu tava revendo ontem na transcrição da entrevista foi que eu disse assim, olhe um grande erro q eu cometi foi ter me colocado a frente de situações que não cabia a mim, qual é o meu papel? Sou professor de história, eu tenho que dar as minhas aulas de história e acabou. A minha função não é ser coordenador, a minha função não é ser gestor etc. Hoje não, hoje tem situações na escola que acontecem e que não são da minha alçada, ah, coordenação? Coordenação resolve. Ah, gestão? Gestão resolve. Claro, eu estou sempre disposto a ajudar, mas eu não vou mais cometer esse erro. Então eu vejo muito isso assim, que essa formação continuada me ajudou bastante. E continua me ajudando porque até mesmo eu estou bem mais tranquilo, isso me ajudou bastante, não é que os problemas deixaram de existir, muito pelo contrário, mas o olhar, a postura, o dia dia vai ensinando.

Entrevistador: E na escola você tem seu horário de planejamento? Ele acontece na escola mesmo?

José: Tenho, tenho, Acontece na escola mesmo! São às 5h/aula? Sim, no meu caso atualmente é na terça feira.

Entrevistador: E a Escola, ela proporciona essa formação para os docentes? Uma formação continuada para os profissionais docentes?

José: Não! Não.

Entrevistador: O Estado proporciona essa formação continuada ao professor de história?

José: Não, não, não, (corta o entrevistador) Não tem acesso? Não! O que acontece é que se o professor, se o profissional por iniciativa própria ele não correr atrás, é... Ele não vai ter, e muitas vezes o que acontece é que no meu próprio horário que deveria ser planejamento eu acabo resolvendo problemas da escola, é assim, tem também a diferença mais sempre que possível eu tento corrigir trabalhos, elaboração de provas, elaboração das aulas, eu tento já pensar em outras atividades.

Entrevistador: A coordenadora senta com vocês? Existe uma coordenadora pedagógica, ela senta com vocês?

José: Assim, nós temos uma coordenadora no matutino, no vespertino e no noturno a nossa coordenadora geral, só que na prática não existe coordenadora no matutino, não existe coordenadora no vespertino. Só existe a coordenadora no noturno que é a nossa coordenadora geral, e infelizmente as pessoas acabam se... Esquivando-se muito das suas obrigações, independente se a pessoa, qual seja a situação, eu acho que a pessoa pelo menos deveria dar uma justificativa e não simplesmente aparecer um dia e só voltar depois de 15 dias, nós não temos coordenação. Nós não temos uma coordenadora, eu vou falar do matutino que é o meu turno, nós não temos, nós não temos.

Entrevistador: Isso você acha que acontece com as outras licenciaturas também?

José: Como?

Entrevistador: Acontece essa carência também com os seus colegas?

Claro! Com certeza! Afirmando aqui, não tem coordenação pedagógica de manhã e tarde. Existe a noite, a geral. O problema da coordenadora geral nem ela, é porque ela teve que assumir o cargo de gestora na cidade de Ceará Mirim. Então assim, como ela gosta muito de trabalhar com a gente, com a Escola, então assim, ela é a coordenadora geral mas ela tem que se deslocar, então é muito difícil de conciliar para ela, mas assim, mas quando ela está ela é extremamente atuante, infelizmente eu não posso dizer o mesmo da coordenadora da manhã e da tarde.

Entrevistador: Existem cursos que a escola proporciona uma formação?

José: Não! O que existe às vezes são algumas reuniões, principalmente a semana pedagógica, que de semana não tem nada (risos). Às vezes são dois, três dias. A gente sabe que na maioria das vezes isso é uma grande ilusão, uma grande miragem que acontece. Mas tirando isso não tem a... Mas o que acontece assim, isso até é uma ideia minha com outros colegas, a gente a cada final de unidade, 1º, 2º 3º, a gente senta pra ver

quais são os problemas, as dificuldades dos alunos, das turmas. Por exemplo, teve uma vez que foi preciso fazer uma reunião com o vice-gestor que tava no momento, a coordenadora pedagógica geral e todos os professores da turma do 9º ano, do qual eu sou professor também, porque era uma situação muito difícil que estava acontecendo, tem também a situação do 6º ano que infelizmente nós vamos ter mais uma vez um índice elevado de reprovação. Só pra vc ter uma ideia é... Provavelmente 5 alunos do 6º ano vão passar por média em História, e isso é uma realidade que vai se repetir em praticamente todas as outras disciplinas, então assim, a gente senta mas a gente não só fala do problema, a gente busca soluções. Por exemplo, foi, foi sugerido que entrasse em contato com os responsáveis de todos os alunos do 6º ano para se saber o que que está acontecendo, porque muitos acabaram se evadindo, se quer chegavam a sala de aula porque como eu já falei uma vez e torno a dizer, existe uma diferença entre chegar a escola e chegar a sala de aula. Há um abismo gigantesco com relação a isso. Então assim, é, é, a forma, não de uma formação mas nós estamos em momento de reuniões e reuniões que é também para tratar de eventos como nós vamos ter agora em novembro a feira de ciências, a gincana do dia da consciência negra que é final de novembro, é... De alguma ou outra situação em particular, mas tirando isso nós não temos.

Entrevistador: Mais alguma colocação acerca da formação como um todo? O que você compreende o que você vivencia, a sua carência, a sua necessidade, o que você sente falta?

José: O que eu vejo, o que eu sinto falta realmente é ter um fôlego pra estudar, pq assim, é... O quê que acontece, muitas vezes vc vai, vai pro seu ambiente de trabalho, vc mesmo num dia bom acontece muitas coisas, muitas coisas pra resolver, trabalho pra corrigir, aulas pra preparar e como vc sai do seu ambiente de trabalho muitas vezes acontece algumas situações q vão acabar impedindo de vc produzir, msm no seu, msm qndo no seu horário de planejamento é garantido e na escola é garantido isso, o quê que acontece? Acabam surgindo muitas situações. O que eu sinto falta hoje é parar e pensar, analisar, planejar, executar e avaliar o quê que deu certo e o quê que deu errado. O que deu errado, mudar e o que deu certo, aperfeiçoar. Não, é muito corrido, é muito corrido. Ou seja, muitas vezes acaba a sexta feira e eu já to pensando na aula de segunda feira, mas assim, eu acabo não tendo muito tempo; Eu acabo com os meus afazeres pessoais, situações pessoais, fora da escola que eu tenho que resolver. Agora imagine isso quando o professor tem dois vínculos? Quando o professor tem q trabalhar em 3 escolas? 4 escolas? Então eu sinto muito essa carência, claro. Há uma responsabilidade minha que eu adquire de correr atrás

disso. Mas eu vejo que falta é parar mesmo, assim... Porque assim, o que é uma aula? Se a gente for parar pra pensar são tantos elementos que compõe uma aula boa que a gente ver que na prática a gente não dá uma aula muito boa, por mais que a gente se esforce, por mais que a gente tente, são muitos elementos que tem que ser levado em consideração, e por mais que você busque correr atrás desses elementos para compor sua aula tem o fator humano que são os alunos, que vem de diversas situações, diversas realidades, que acabam interferindo. Hora positivamente, hora negativamente, então eu sinto muita falta disso de parar. Eu sinto muita falta de não ter parado pra fazer um mestrado, pra ter feito um doutorado porque na realidade eu não podia fazer as duas coisas. Ou eu trabalhava ou eu fazia uma especialização, eu optei por trabalhar, mas em contrapartida eu nunca deixei de estudar, eu nunca deixei de ler, não é a toa que com o meu próprio trabalho hoje eu tenho a minha pequena biblioteca de livros que na época eu só podia ler em fotocópias. Então assim, eu to tentando sempre q possível ler, e eu sempre tento apesar das minhas limitações sejam teóricas, sejam metodológicas, trazer um olhar para situação. Nós sabemos q o nosso estado, nosso país, nossa região vem passando por um verdadeiro caos e eu sempre trago essas realidades quando eu vou discutir assuntos, seja no 6º, no 7º, 8º, no 9º e 1º ano. Mesmo assim eu tento trazer essas realidades, como por exemplo, como eu falei da questão agora da Revolução Francesa, nos temos hoje no 8º ano como é importante a população geral, ela lutar para conquistar visibilidade, direitos, hoje mesmo no próprio RNTV passou como nossa cidade está um caos, o nosso estado, crianças estão morrendo por falta de assistência pq não tem uma UTI pediátrica pra fazer transplante de medula, temos mais um policial militar que foi morto, nós vemos que, eu tenho colegas aposentados professores que estão recebendo com um mês de diferença. Imagine só você ter que organizar a sua vida um mês depois? E mesmo isso eu falo oh gente: a população, o poder não está no nosso governo do Estado, está na população. Inclusive eu gosto muito de citar aquela frase da Aga Key, do filme V de Vingança que diz: não é o governo que tem que temer o povo, aliás, não é o povo que deve temer o governo, é o governo que deve temer o povo. Porque é o povo que delega o poder, esse poder representativo, então eu tento dentro de história porque história traz esse olhar questionador, esse olhar de reflexão, esse olhar que quebra o senso comum, como eu falei na outra entrevista, quando eu falei a questão da macumba, que eu fui explicar o que era macumba e os alunos não entendiam o real significado do termo macumba. Então assim, é trazer um novo olhar, é literalmente trazer um pouco de luz em meio ao ambiente de trevas, no caso a ignorância!

Entrevistador: Hoje nós temos mais ânimo enquanto docente?

José:Hoje eu to descansado (riso) Eu to descansado!

Entrevistador: Para finalizar, mais alguma coisa?

José:Deixar claro que eu vou buscar sempre fazer o meu melhor! Porque assim, é como eu disse da outra vez, existe uma tendência muito grande do profissional independente da sua área entrar num grande esquema, eu até brinco muito com os meninos dizendo assim: gente, é assim que funciona a corrupção no Brasil, porque a corrupção não é só na capital, a corrupção está em pequenas atitudes. E quando eu me omito em fazer o meu trabalho, em chegar no meu horário e dar o meu melhor apesar das minhas limitações, das limitações da escola, eu estou sendo tão corrupto ou até mesmo mais, mas eu acredito piamente que não existe outro caminho para transformar a vida de uma pessoa do que a educação, o ensino, o conhecimento. Uma pessoa que tem conhecimento ela jamais voltará a ser a mesma, jamais! Não é a toa que o nosso desgoverno quer que a população esteja cada dia mais e mais ignorante, sejam alienados, é como uma vez eu trabalhei em sociologia, querem que sejamos apenas marionetes. Onde cada um tem o que? Fios (não compreensivo) em vez de que nós somos o quê? Manipulados ao beu prazer por essas pessoas que estão lá e deveriam nos representar, mas que estão apenas preocupados basicamente com o seu próprio bolso, mas é isso! Agradeço a oportunidade.

ANEXO I – Termo de consentimento livre e declarado



Governo do Estado do Rio Grande do Norte

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n – Costa e Silva. CEP: 59.633–010 – Caixa Postal 70 – Mossoró – RN Tel: (84) 3314 - 3452 – FAX: (84) 3314–3452

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
Professor (a) da Escola _____, localizada na cidade de Natal, RN,
afirmo que:

- 1) Fui convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa _____, realizado por _____, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Silvia Maria Costa Barbosa, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, cujo objetivo geral consiste em _____;
- 2) O projeto de pesquisa foi apresentado à escola e, além do objetivo geral, seus procedimentos metodológicos foram devidamente esclarecidos;
- 3) Foi garantido a mim o livre acesso a todos os dados produzidos por meio dos procedimentos metodológicos utilizados na realização do citado trabalho de pesquisa, assim como terei direito ao esclarecimento acerca das informações das quais eu possa ter dúvidas com relação ao meu envolvimento nesse processo;

- 4) Além de estar ciente de todo o processo metodológico da pesquisa, sei também que serão resguardados todos os dados referentes à minha privacidade, de modo que jamais o pesquisador criará meios que possibilitem a minha identificação nesse trabalho. Tudo aquilo o que diz respeito à minha identidade sei que será mantido sob sigilo;
- 5) Caso decida por não mais participar dessa pesquisa, poderei retirar-me dela a qualquer momento sem que isso signifique nenhum tipo de prejuízo para mim. Não há, inclusive, necessidade de justificar tal desistência.

Ciente de que o referido projeto não apresenta nenhuma perspectiva de desconforto ou risco à minha participação no seu desenvolvimento, **ACEITO, DE FORMA LIVRE E ESCLARECIDA**, participar dessa pesquisa com o intuito de contribuir com a sua realização naquilo o que me couber como professor (a).

Natal / RN, _____ de _____ de 2016.

Sujeito Participante da Pesquisa